



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
ANTUÃ

ÍNDICE

O Sítio.....	2
Património Cultural	11
Património Natural	34
Equipamentos.....	35
Acessibilidades	40
Bibliografia.....	61

Índice de Mapas:

Mapa 01 – Rio Antuã | Geologia

Mapa 02 – Rio Antuã | Hidrografia

Mapa 03 – Rio Antuã | Hipsometria

ICONOGRAFIA

Rio Antuã – Lugar de Nadais (Escariz)



Rio Antuã – Carregosa



Rio Antuã – Lugar do Outeiro (Pindelo)



Rio Antuã – Parque de La Salette (Oliveira de Azeméis)



Rio Antuã – Vale de Cidacos (Oliveira de Azeméis)



Rio Antuã – Vale e Pontes de Silvaes (Travanca)



Rio Antuã – Ponte do Avelão (UI)



Rio Antuã - Ponte da Minhoteira (Pinheiro da Bemposta)



Rio Antuã – Capela da Senhora da Ribeira (Pinheiro da Bemposta)



Rio UI – Parque Urbano do rio UI (São João da Madeira)



Rio UI – Ponte e Jardim Municipal de São João da Madeira





Rio UI – Ponte da Pica (Cucujães)



Rio UI – Parque do Abrigo de Santiago (Cucujães)



Rio UI – Ponte do Salgueiro (Santiago de Riba-UI)



Rio UI – Santiago de Riba-UI

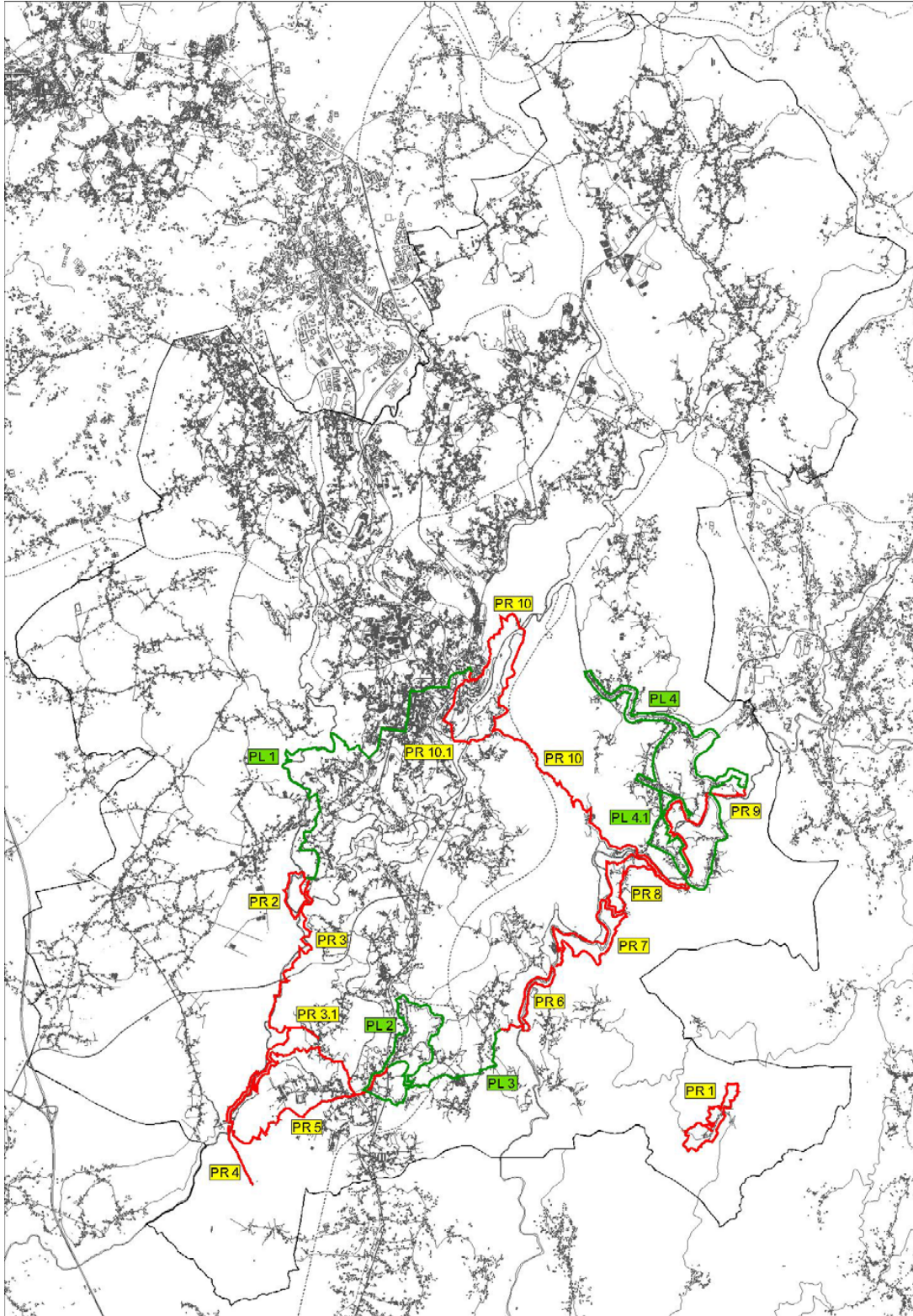


Rio UI – Ponte do Crasto, Núcleo Museológico do Moinho e do Pão e Ponte de Dois Rios





Rotas de Percursos Pedestres, no âmbito do Percurso Ambiental e de Lazer (CM Oliveira de Azeméis)



Esquema da bacia hidrográfica do rio Antuã (Arêde, 1944)

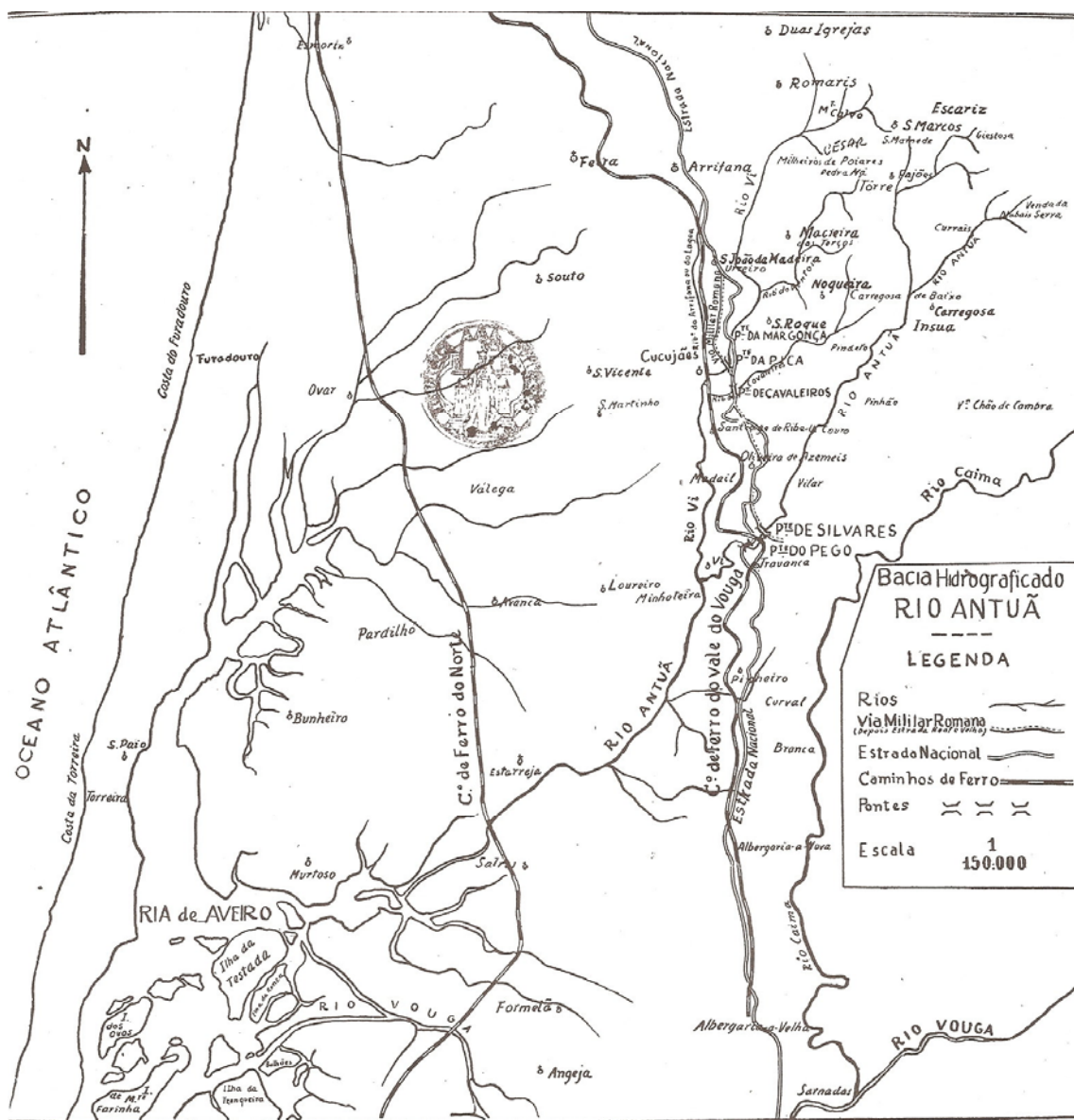
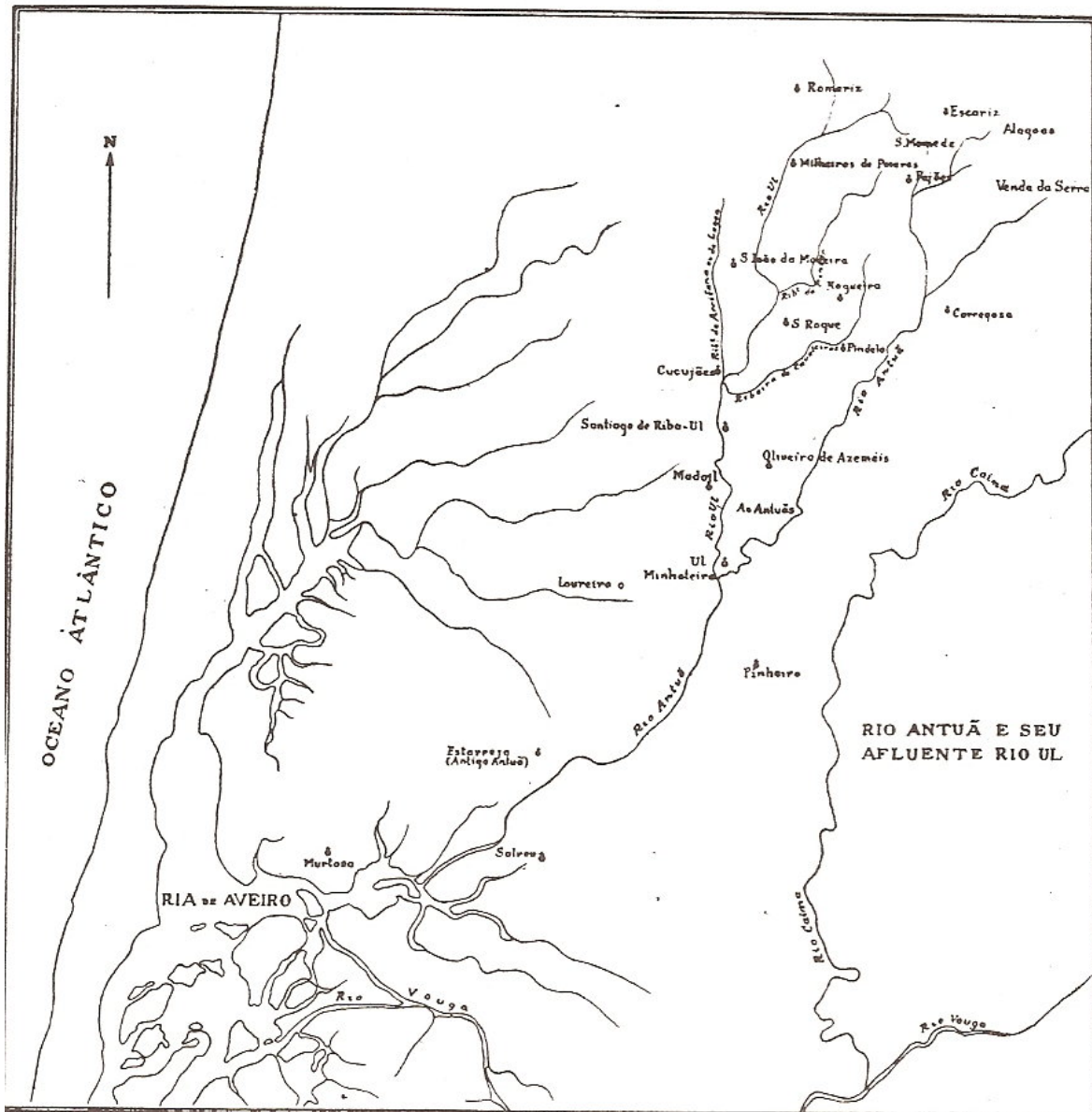


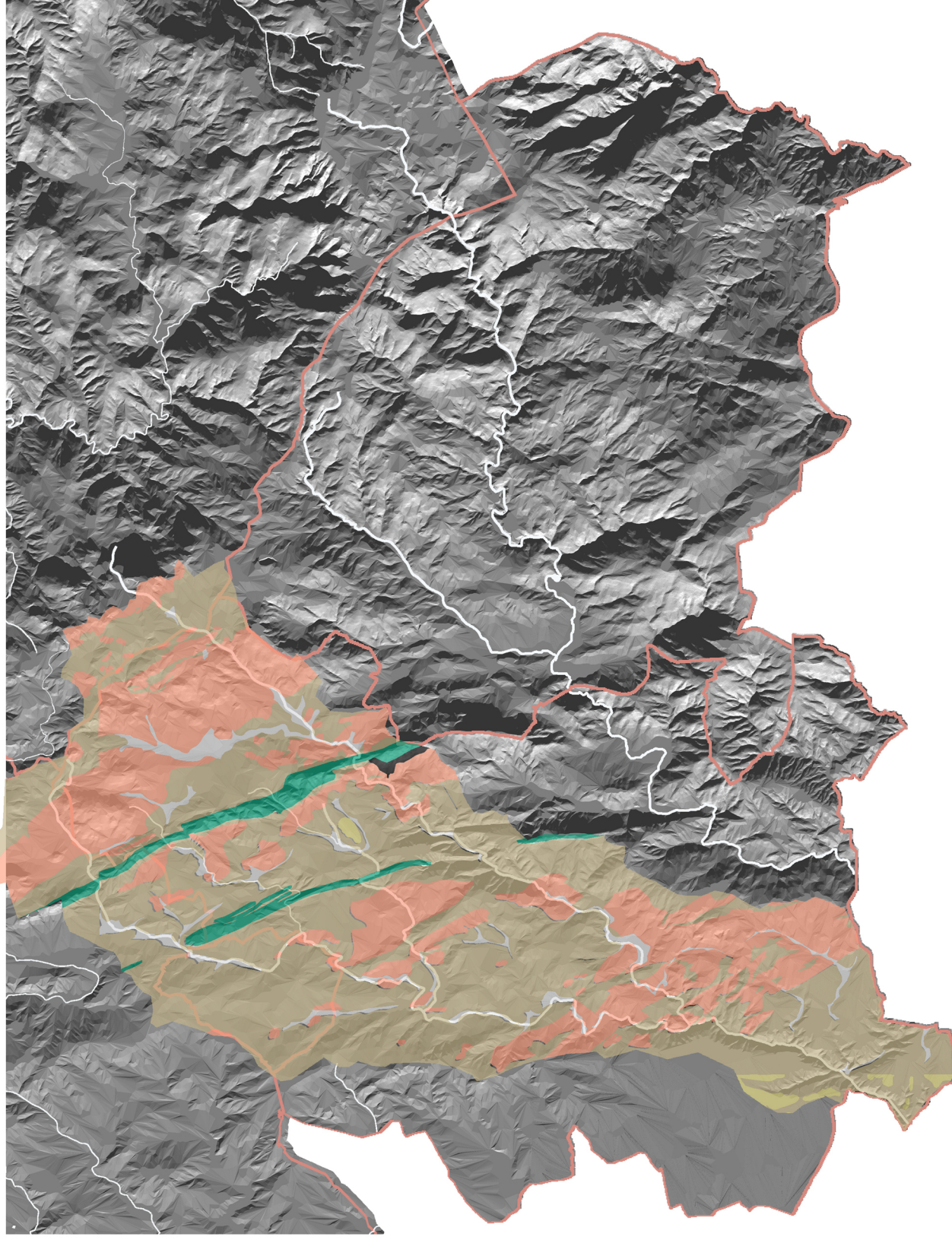
Fig. 1

Esboço do curso dos dois rios: Antuã e seu afluente Uí
(Pelo Tenente FELISMINO FERREIRA DA SILVA)

Rio Antuã e o seu afluente rio Uí (Silva, 1948)

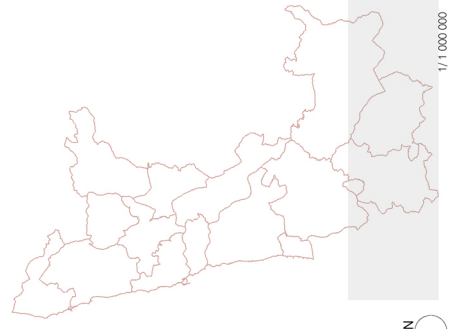


Esboço n.º 1 — Escala 1/300.000

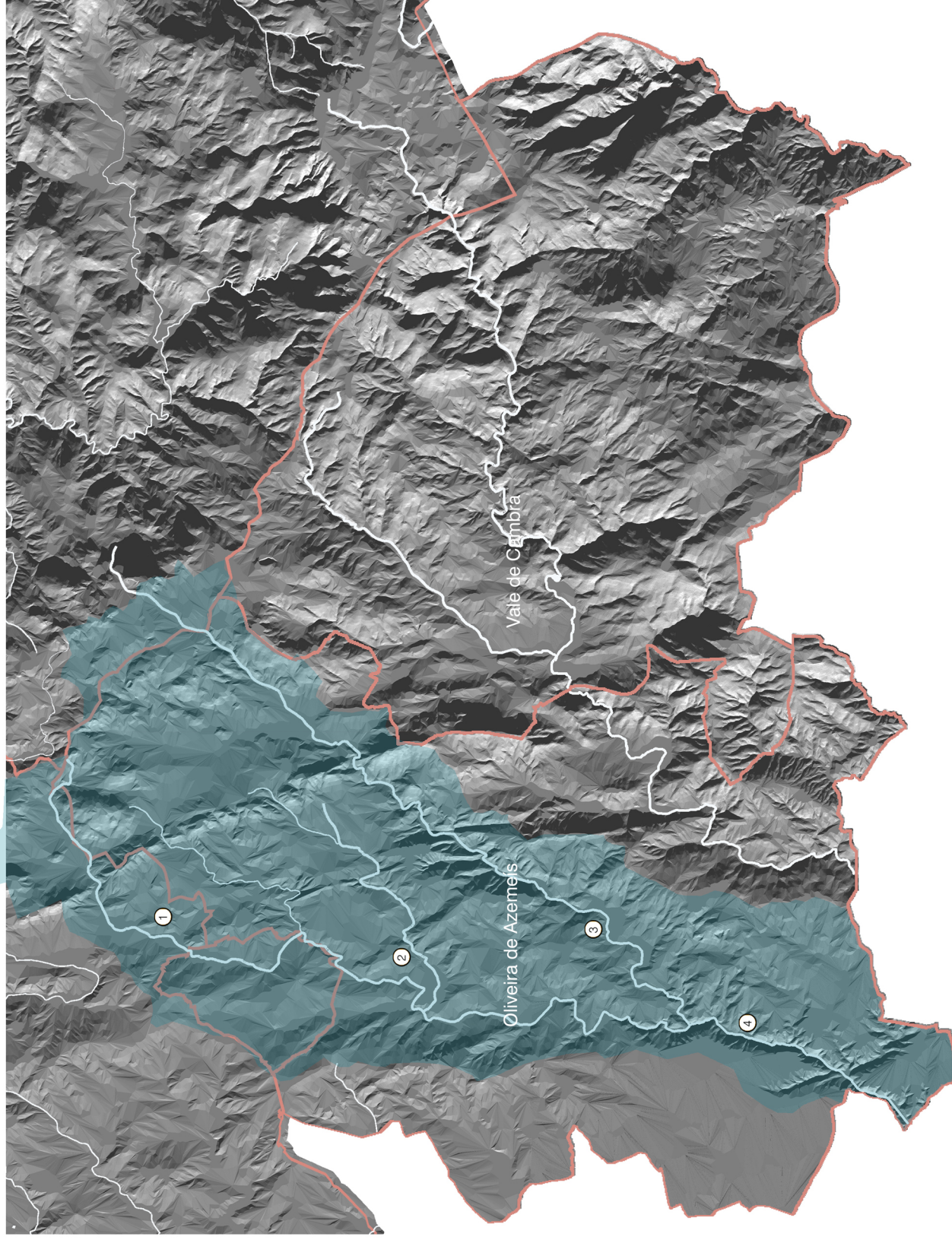


01 RIO ANTUÁ | GEOLOGIA

- Aluviões e FluviSSolos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Ordoviciano
- Rochas filonianas

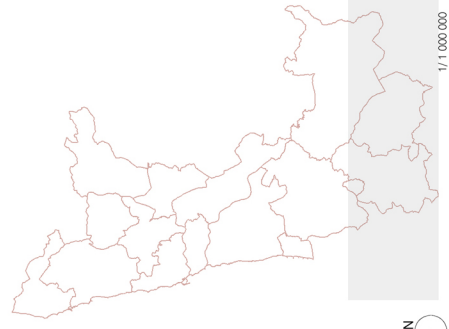


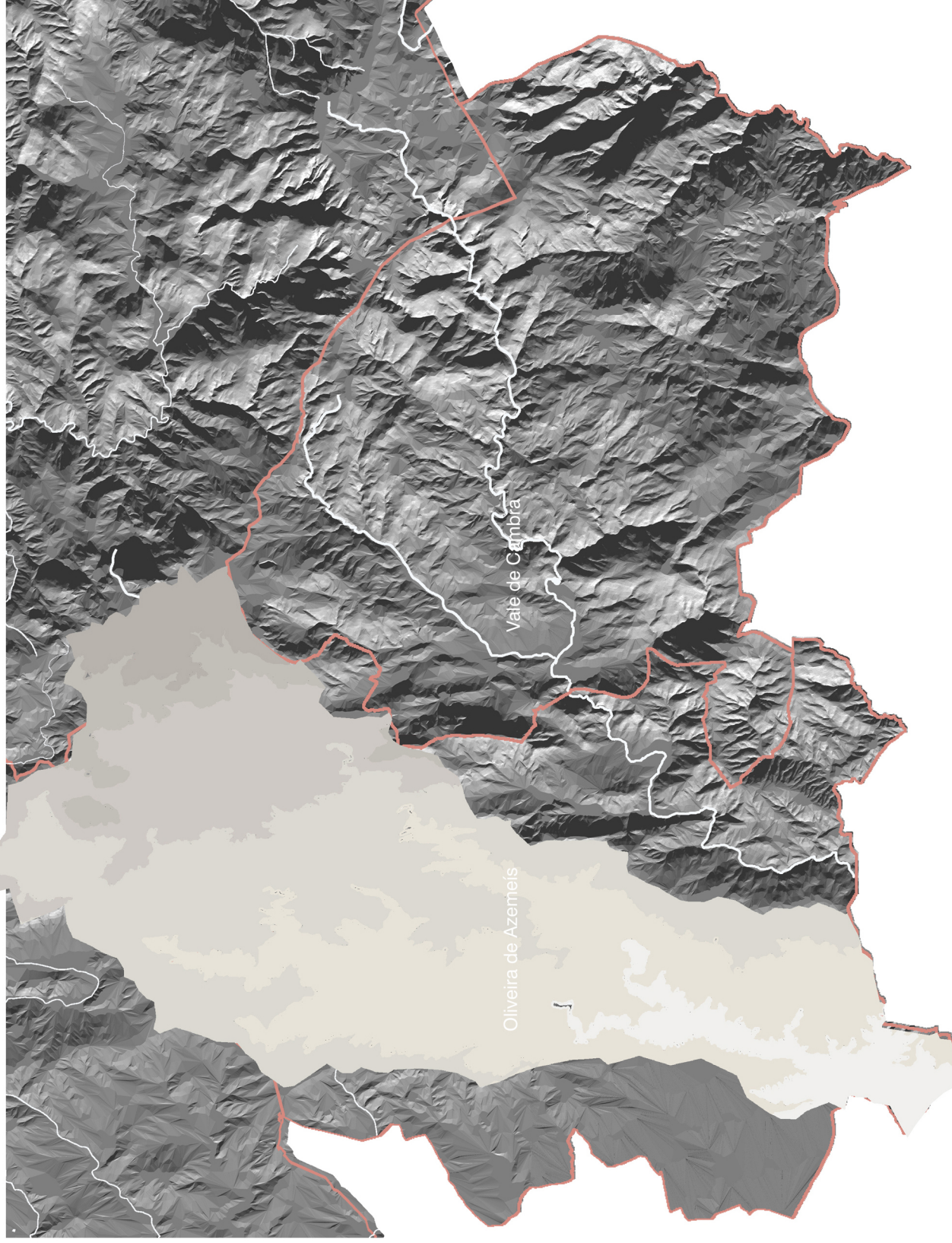
1 Km



02 RIO ANTUÁ | HIDROGRAFIA

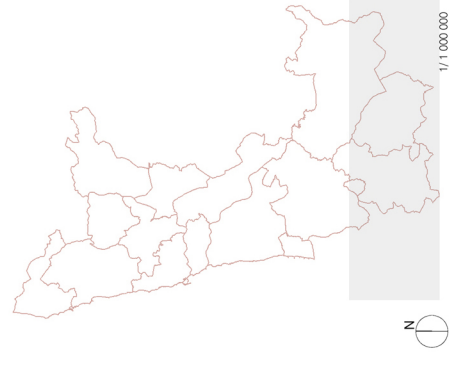
- 1 Rio Úi
- 2 Rio Cercal
- 3 Rio Antuá
- 4 Rio Antuá





02 RIO ANTUÁ | HIPSONOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- 400 - 500 metros
- 500 - 600 metros
- 600 - 700 metros
- 700 - 800 metros
- 800 - 900 metros
- 900 - 1000 metros
- 1000 - 1100 metros
- 1100 - 1200 metros



03 RIO ANTUÁ | HIPSONOMETRIA

1 Km

IDENTIFICAÇÃO

Nome: “Rio Antuã”

Área:

Freguesias: **Rio Antuã** – Escariz (AR), Carregosa, Pindelo, Vila Chã de São Roque, Oliveira de Azeméis, Macinhata da Seixa, UI, Travanca, Loureiro e Pinheiro da Bemposta (OA), Beduído, Estarreja, Salreu (ET); **Rio UI** – Fajões (OA), Romariz, Milheirós de Poiares (FE), São João da Madeira (SJ), Cucujães, Santiago de Riba-UI, Madaíl, Oliveira de Azeméis, UI (OA)

Concelhos: Arouca (AR), Santa Maria da Feira (FE), Oliveira de Azeméis (OA), São João da Madeira (SJ), Estarreja (ET)

DESCRIÇÃO

O Sítio

Existe uma grande **controvérsia e disputa sobre a toponímia e hidrologia dos rios Antuã e UI**, seu principal afluente, fundamentada em documentos históricos desde há vários séculos.

O rio Antuã, a que alguns chamam rio UI, também defendem que o rio Antuã é aquele que, oficialmente, é designado rio Ínsua. Tal disputa levou a uma recente tomada oficial de posição no município de São João da Madeira, mudando o nome do rio que o atravessa para rio UI.

Existem duas referências históricas sobre estes rios para esclarecer as dúvidas sobre a sua toponímia e a geografia: *“Na freguesia de Escariz (concelho de Arouca), nasce um rio que corre na direcção geral e aproximada NE-SW. Tem um curso aproximado de 17 km até à confluência de UI. Banha Fajões, Carregosa, Pindelo, S. Roque, Oliveira de Azeméis e UI. Na freguesia de Fajões (concelho de Oliveira de Azeméis), nasce outro rio que corre na direcção aproximada do primeiro, mas ligeiramente convergente e junta-se-lhe na freguesia de UI. O seu curso é de cerca de 18 km. Banha Romariz, Milheirós de Poiares, São João da Madeira, S. Roque, Cucujães, Santiago de Riba-UI, Madaíl e UI. Recebe na margem esquerda as águas das Ribeiras de Pedra-Má ou do Pintor e de Cavaleiros e, na margem direita, as do ribeiro de Arrifana ou de Lagoa. Da junção deles, forma-se o rio que banha Estarreja e Salreu e vai desaguar na ria de Aveiro, a cerca de 6 km daquela vila” (Silva, 1948).*

Esta, por sua vez, tem por base uma referência documental mais antiga, da autoria do Abade João Domingues Arêde: "*O rio Antuã tem a sua origem em dois arroios que se juntam em Carregosa de Baixo. Ambos nascem na freguesia de Escariz (Arouca). Um deles tem origem em Alagoas, banha Seixeira, Fajões e entra no lugar de Carregosa de Baixo. O outro nasce nas proximidades da Venda da Serra e junta-se ao primeiro naquele lugar. Corre depois por terras de Carregosa, Pindelo, São Roque, Oliveira de Azeméis, Ul, Estarreja, Salreu e tem a sua foz na Ria de Aveiro, a 6 km de Estarreja. Recebe na margem direita em Ul, as águas do rio deste nome. A importância do rio Antuã, debaixo do ponto de vista histórico, data de princípios do séc. XII, no tempo dos Pontífices Pascoal II (1115) e Calisto II (1120) que estabeleceram definitivamente os limites das dioceses do Porto e Coimbra. Serviu este rio de delimitação territorial e eclesiástico das duas dioceses. Pelos breves destes pontífices, as freguesias situadas à direita do Antuã faziam parte da diocese do Porto. E eram: Fajões, Cesar, Macieira das Terças, Nogueira do Cravo, Pindelo, Oliveira de Azeméis, Ul, Loureiro, Beduído, Beiras e Murtosa. As que ficam na margem esquerda pertenciam à diocese de Coimbra. Portanto, historicamente, o rio Antuã não passa em Cucujães e Santiago de Riba-Ul. Continuou o mesmo rio Antuã, a ser muito considerado também nos primeiros séculos da Monarquia e tanto assim que foi utilizado como limite já assinalado das referidas freguesias no tempo de D. Dinis, em 1320, quando da taxaço das igrejas do reino, mediante concessão do Papa João XXII, por uma Bula de 23 de Maio de 1320 para o subsídio de guerra contra os mouros (Arêde, 1944).*

"Segundo a mesma fonte, o rio Úl, afluente do Antuã, nasce em Fajões no lugar de São Mamede. Banha Romariz, Milheirós de Poiares, São João da Madeira, São Roque, Cucujães, Santiago de Riba-Ul, onde se junto às águas do rio Antuã. O rio Ul já era conhecido com esta denominação no tempo de D. Afonso Henriques, quando da sua concessão de Carta de Couto ao Mosteiro de Cucujães em 1177. Tem este rio três afluentes: o Ribeiro de Pedra-Má ou do Pintor e o de Cavaleiros, na margem esquerda; o Ribeiro de Arrifana ou de Lagoa na margem direita. Deste resumo histórico, se conclui que o rio Antuã é o que tem o curso a Este de Oliveira de Azeméis e o rio Ul, o que atravessa Cucujães e Santiago de Riba-Ul e, portanto, a Oeste da vila. O curso do primeiro anda à volta dos 30 km e do segundo em 18 km" (Arêde, 1944).

O concelho de São João da Madeira, por **deliberação da Assembleia Municipal de 2004, com vista a rectificar o nome do curso de água que atravessa o território sanjoanense, determinou com base em estudos históricos, que este se designa por rio Úl, desde o limite Norte, na contiguidade com Milheirós de Poiares, até ao limite Sul, na contiguidade com a Vila de Cucujães.** Os argumentos basearam-se no estudo da autoria de João Domingues Arêde. Um dos primeiros documentos históricos conhecidos, com referência a S. João da Madeira, redigido a propósito de transacção de terrenos e

datado de 1088, refere que a sua localização "... *fica na vila de S. João, em baixo do Monte Parada Joaz, onde corre o Rio Ul...*". É um facto relevante e historicamente comprovado que o rio Antuã serviu de linha divisória da Diocese do Porto com a de Coimbra, conforme bulas dos Papas Pascoal II e Calisto II, em 1115 e 1120, contrariando, pela descrição das igrejas paroquiais integrantes numa e noutra diocese, numa e noutra margem, os erros hidrográficos de denominação, que vieram a ter lugar mais tarde. Já **no tempo de D. Afonso Henriques**, primeiro rei de Portugal, **o rio Ul já era conhecido com esta denominação, aquando da concessão real da Carta de Couto ao Mosteiro de Cucujães, em 1177**, conforme descrição documental: "... *Eu Afonso, egrégio infante, filho do Conde D. Henrique e da Rainha Teresa, e neto do gloriosíssimo Imperador das espanhas e, por graça de Deus, Príncipe de todo o Condado Portucalense ... faço Couto para o Mosteiro de S. Martinho de Cucujães... Está edificado o dito Mosteiro no lugar que se chama Cucujães sob o monte Castro Recarei, ladeado pela corrente do Rio Ul, em território portucalense ...*". **Outro documento antigo, datado de 1692, respeitante à demarcação dos limites de S. João da Madeira e do Couto de Cucujães**, refere que "... *e logo no mesmo dia acima e atrás declarado de dez do mês de Abril do ano de mil seiscentos e noventa e dois, no sítio chamado os Fundões, junto do Rio Ul, da parte norte e onde se divide a freguesia de S. João da Madeira do Couto e freguesia de Cucujães...*". **Ul** e também *Ur*, que, segundo alguns filólogos, pode significar "água corrente" e "rio da cidade", é repetidamente referido, em inúmeros documentos oficiais, ao longo do tempo, desde a fundação de São João da Madeira. A enumeração dos erros hidrográficos de algumas cartas geográficas, referentes ao rio Antuã e ao rio Ul, foi descrita e fundamentada pelo investigador João Domingues Arede, dado que "*alguns geógrafos confundiram o rio Ul com o Antuã por não possuírem o conhecimento da região e daí os seus erros que podem ser classificados de erros hidrográficos*". Também o "*Esboço hidrográfico do Rio Antuã e do seu afluente Rio Ul*", carta elaborada em 1944, pelo Tenente da Armada Felismino Ferreira da Silva, da Direcção de Hidrografia do Ministério da Marinha, conceituado técnico e profundo conhecedor da região, integrou o citado estudo de autoria de João Domingues Arêde, conferindo geográfica e cartograficamente as conclusões baseadas na documentação histórica utilizada na investigação. Pela análise dos documentos reunidos, ficou assim provada a identificação do rio Antuã e do seu afluente rio Ul, e assim desfeita a confusão deste com o Antuã (www.oregional.pt). Em consequência desta deliberação, o município de Oliveira de Azeméis prometeu encetar esforços junto do Governo que, por sua vez, compete ordenar as rectificações necessárias dos erros hidrográficos sobre a identificação do rio Antuã e do rio Ul, para que o Instituto Geográfico Português e o Instituto Hidrográfico, que detêm a jurisdição sobre esta matéria, tomem medidas com vista à regularização urgente da situação.

Baseado nestes argumentos históricos e na deliberação da Câmara Municipal de São João da Madeira, considera-se neste trabalho que **o rio Antuã, também referido como Antuão, nasce na freguesia de**

Romariz (concelho de Santa Maria da Feira) e atravessa as freguesias de Carregosa, Pindelo, Vila Chã de São Roque, Oliveira de Azeméis, Macinhata da Seixa, Travanca, UI, Loureiro, Pinheiro da Bemposta (concelho de Oliveira de Azeméis), Beduído, Estarreja e Salreu (concelho de Estarreja), onde desagua no braço norte da Ria de Aveiro, na zona do Laranjo. A Este, é limitado pela sub-bacia do rio Caima e, a Oeste, por uma série de linhas de água que desaguam directamente na Ria de Aveiro. A bacia hidrográfica do rio Antuã, umas das sub-bacias do rio Vouga, abrange uma área de 150 km². Os principais afluentes deste rio são o **rio Cercal ou Ribeira Verde** e a **Ribeira do Pintor**. O seu nome está na origem do antigo nome de Estarreja (Antuã, Antuão ou Anterão). De referir ainda que as populações locais e as placas indicativas de algumas pontes no troço do rio Antuã no concelho de Oliveira de Azeméis, apontam para a designação de **rio Ínsua** que parece incorrecta, face aos argumentos anteriormente apresentados.

Por sua vez, o rio UI, afluente do Antuã, nasce em Fajões no lugar de São Mamede, percorre as freguesias de Romariz, Milheirós de Poiares (concelho de Santa Maria da Feira), São João da Madeira (concelho de São João da Madeira), Vila Chã de São Roque, Cucujães, Santiago de Riba-UI e UI (concelho de Oliveira de Azeméis), onde desagua no rio Antuã, com orientação Norte- Sul.

Refira-se ainda que a Carta Militar nº 164 do Instituto Geográfico do Exército não utiliza a designação de rio UI, pelo que o rio representado na direcção Norte-Sul é designado por rio Antuã e o rio representado na direcção NE-SO, o seu afluente - o rio Ínsua - o que manifestamente contradiz os argumentos toponímicos já apresentados.

Na bacia hidrográfica do rio Antuã destacam-se, como principais agregados populacionais, as cidades de **São João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Estarreja**, cujos concelhos apresentam considerável **desenvolvimento industrial**. No concelho de **Oliveira de Azeméis**, predominam as indústrias de **lacticínios, produção pecuária e oficinas de metalurgia e metalomecânica**. Estas últimas existem em **São João da Madeira**, onde proliferam, ainda, as **indústrias de calçado e de têxteis**. Estarreja apresenta um predomínio de **indústria química**. Na bacia hidrográfica do Antuã, existem, ainda, outras fontes poluidoras, salientando-se uma fábrica de **transformação de papel** na localidade de Cucujães e as **Minas do Pintor**, além dos **efluentes urbanos**. São frequentes as notícias na comunicação social da ocorrência de **casos de poluição extrema no rio Antuã**, com morte de centenas de peixes, perto da Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) de Estarreja em 2002, causadas pela **descarga ilegal de efluentes por empresas de Oliveira de Azeméis e da Feira ao rio Antuã** (tsf.sapo.pt). A mesma situação ocorreu junto da ETAR de Oliveira de Azeméis em 2008, por **descargas ilegais de águas residuais domésticas, industriais e agrícolas** (www.loureironline.net).

O Instituto Nacional da Água tem uma única estação de monitorização da qualidade da água no rio Antuã, localizada na **Ponte da Minhoteira**, a jusante da foz do rio Ul. A bacia desta estação abrange as zonas industriais de **Oliveira de Azeméis** e **São João da Madeira**. Esta estação coincide com a estação hidrométrica do mesmo nome. A estação de monitorização da qualidade da água da Ponte da Minhoteira está em funcionamento desde 1995. Desde esta data, apresenta índices de **extrema poluição orgânica**, com elevadas concentrações de oxidabilidade, carência química de oxigénio, fosfatos, fósforo total, azoto amoniacal que a permitiram classificar como **“Muito Má”**, o que se relaciona directamente com a **elevada densidade urbana e industrial** (sobretudo couro, produtos metálicos e não metálicos, madeira e cortiça, produtos químicos e alimentares) **nas margens do rio Antuã** (www.inag.pt). A qualidade da água no rio Antuã é pior que a do rio Ul, devido provavelmente à sua maior área drenante e pressões antropogénicas localizadas na sua bacia hidrográfica, como as áreas industriais de Oliveira de Azeméis e de São João da Madeira. A despoluição dos rios Ul e Antuã deve passar pela exigência de um tratamento obrigatório dos efluentes industriais nas suas bacias hidrográficas, promoção de acções de sensibilização, despoluição dos rios com intervenção intermunicipal, melhoria da eficácia da rede de saneamento e fiscalizações constantes.

Em relação ao **tratamento de águas residuais**, existem várias ETARs na bacia hidrográfica do rio Antuã: a **ETAR de Ossela e de Salgueiro** que servem os concelhos de Oliveira de Azeméis e São João da Madeira, a **ETAR de Beduído** que serve o concelho de Estarreja, e as **ETARs de Valmaior e Albergaria**, esta última desactivada, que servem freguesias do concelho de Albergaria-a-Velha.

A bacia hidrográfica do rio Antuã é fundamentalmente constituída por **xistos e granitos**. O declive do rio é, na generalidade, pouco acentuado, excepto na zona de Madaíl, pelo que as suas águas apresentam um regime normalmente lento. Ao longo de todo o seu curso, existem no rio pequenos açudes destinados à **retenção de água para fins de rega e aproveitamento de energia hidráulica** para o funcionamento de azenhas.

O **relevo** do concelho de Oliveira de Azeméis, o principal concelho desta bacia hidrográfica, é **marcado pela baixa altitude**, com valores que rondam os 200 a 250 metros, embora se possam encontrar altitudes acima dos 500 metros. **Esta situação encontra-se principalmente na parte leste do concelho, em freguesias como Carregosa e Fajões**. Em contrapartida **Loureiro**, freguesia da parte oeste do concelho, apresenta altitudes muito baixas, sendo em certos casos inferiores a 100 metros. Em São João da Madeira, os solos são **graníticos e xistosos**, ricos em potássio e óxido de ferro e pobres

em ácido fosfórico. Os terrenos são muito férteis nas margens do rio UI. O ponto mais alto deste concelho mede 300 metros de altitude e situa-se no lugar da Mourisca.

Oliveira de Azeméis e São João de Madeira possuem um **clima temperado mediterrânico**, com valores de precipitação elevados. De Inverno, os índices de pluviosidade são altos e os Verões curtos e secos.

A **bacia do rio Antuã atravessa territórios dos concelhos de Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis, São João da Madeira** integrados na Grande Área Metropolitana do Porto, para além dos concelhos de Estarreja, Albergaria-a-Velha e Águeda. Os primeiros três concelhos integram a subregião estatística (NUT III) **Entre Douro e Vouga**, a qual agrega também os concelhos de Arouca e Vale de Cambra, numa área correspondente a 859 km² e uma população residente de 276814 habitantes (Censos 2001).

As **Terras de Santa Maria**, que abrangem os actuais concelhos de Albergaria-a-Velha, Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, Estarreja, Gondomar, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Ovar, Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Sever do Vouga, Vale de Cambra e Vila Nova de Gaia, é fruto de uma designação antiga (*Civitas Sanctae Mariae*) que remonta ao séc. XI, em sinal de agradecimento a Nossa Senhora pelas terras conquistadas a Norte e Sul do Douro, entre as quais se incluíam as terras de Entre-Douro e Vouga, pelo Conde de Civitas Portucalenses, D. Munio Viegas, seus filhos D. Egas e D. Garcia, os Descendentes de D. Arnaldo de Bayão e os senhores de Eixo, Ois e Marnel após as lutas travadas com os sarracenos. A Civitas Sanctae Mariae, está documentada desde o ano 977 e mais tarde em 1117, num documento de D. Teresa, como "Terra de Santa Maria". Em 1514, D. Manuel I concede o foral à "Vila da Feira e Terra de Santa Maria", significativo do ponto de vista fiscal ao regular e definir os foros a pagarem pelos seus moradores. Era donatário destas terras o Infante D. Pedro, futuro Rei D. Pedro III. Até 1700, pertenceram aos Condes da Feira, dos Forjazes e Pereiras. Em 1708 e após a morte do oitavo e último conde, D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel de Meneses e Silva, sem sucessão legítima, a maior parte dos bens passaram para a Casa do Infantado, de que era senhor então o Infante D. Francisco, irmão do rei doador, D. João V, a que sucedeu no senhorio o Infante D. Pedro. As terras de Cambra integravam o condado da Feira. A maior parte do clero era da apresentação dos Condes da Feira e mais tarde da Casa do Infantado.

Existem várias associações de cariz ambiental e etnográfico na bacia hidrográfica do rio Antuã, como o **Clube Ornitológico do Antuã** (www.coantua.com), a **Associação Recreativa e Cultural dos Apicultores de Terras do Antuã**, a **Associação para a Defesa das Terras do Antuã**, a **Cegonha – Associação de Defesa do Ambiente de Estarreja** (www.ieeta.pt/~mos/cegonha/index.html) e a **Associação Ambiental Caça e Pesca do Antuã (ACPRA)**. A Rede Portuguesa de Moinhos

(www.moinhosdeportugal.org) tem também incentivado a recuperação dos moinhos dos rios UI e Antuã e a **Associação de Produtores de Pão de UI**, com sede no Núcleo Museológico do Moinho e do Pão, tem como objectivo a divulgação e valorização do pão de UI e das padarias tradicionais da freguesia.

Património Cultural

As **pontes sobre os rios Antuã e UI** são exemplos da importância histórica desta região, onde se cruzaram e estabeleceram civilizações passadas. Algumas delas são um património rico, **testemunho e ponto de passagem de antigas vias romanas e estradas medievais** que atravessavam esta bacia hidrográfica.

A **Ponte da Margonça (Cucujães, Oliveira de Azeméis)** data do período entre 1857-1861 e situa-se a meio quilómetro de distância, a montante da povoação da Pica, sobre o **rio UI**.

A **Ponte da Pica (Cucujães, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela estação ferroviária da Pica, na Rua Via Militar Romana. Situada sobre o rio UI, entre as povoações de Pica, Faria e Cucujães, em zona de habitações destoantes, integra uma antiga via romana. É uma ponte pequena **do séc. XIV**, em alvenaria, suportada por arco quebrado central e dois arcos laterais de volta perfeita e de reduzidas dimensões. Em 1988/1990, sofreu obras de conservação e restauro a cargo da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis. É Imóvel de Interesse Público desde 1957 (www.monumentos.pt, www.ippar.pt).

A **Ponte do Salgueiro (Santiago de Riba-UI, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar do Salgueiro, sobre o rio UI, enquadrada por zona agrícola. Junto à entrada da ponte, situam-se umas alminhas e um espigueiro. É uma ponte em arco **do séc. XIV**, reconstruída entre os sécs. XVI/XVII, de reduzidas dimensões, sobre dois arcos semi-circulares, com a parte inferior revestida a cantaria e o restante em alvenaria simples, e com talhamares. A ponte dava acesso ao Mosteiro de Cucujães. Em 2000, a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis fez obras de conservação geral e limpeza. Tem estatuto de protecção desde 1993 (www.monumentos.pt).

A **Ponte do Manica (Madail, Oliveira de Azeméis)**, sobre o rio UI, liga a freguesia de Madail à sede do concelho, Oliveira de Azeméis, encontra-se em estado de ruína. Embora popularmente a reconheçam como de **origem romana**, tratar-se-à, na opinião de estudiosos, de uma **ponte provavelmente do séc. XV**, data da construção de uma outra ponte sobre o mesmo rio, em terras de Santiago de Riba-UI, recentemente reconstruída. Tratando-se de uma zona bastante rural, com acentuada actividade agrícola, a ponte é atravessada diariamente por muitos tractores e máquinas pesadas, o que poderá ter contribuído para o actual estado de degradação que começou pela destruição dos muros das guardas e se foi acelerando pela ausência de obras de conservação. Dado o valor histórico e arquitectónico do

monumento, populações e autoridades locais aguardam intervenção, já solicitada, do Ministério da Cultura (jn.sapo.pt). Próximo localiza-se o **moinho do Manica**.

A **Ponte do Senhor da Pedra/Ponte das Ribeiras (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN 1 (Oliveira de Azeméis - Albergaria-a-Velha), km 263, no lugar de Silvares, no caminho à esquerda para o **rio Antuã**. Atravessa o rio Antuã onde o vale se apresenta largo e plano, com campos agricultados. É uma ponte do **séc. XVIII** de circulação pedonal, com tabuleiro sobre um único arco abatido de silharia de granito, guardas em alvenaria e pavimento em calçada. Insere-se no traçado da **antiga «estrada medieval» ou «mourisca», antecessora da Estrada Real, a qual vinha de Pinheiro da Bemposta pela Igreja de Travanca** e atravessava o rio Antuã nesta ponte antes de passar à **albergaria da Quinta do Alméu** e à Venda de Silvares para depois seguir em direcção a Oliveira de Azeméis. Em 1746, existia ali uma ponte de madeira junto da qual estava uma cruz das Alminhas, ambas destruídas por uma cheia. Em 1746, foi mandada construir pelo rei D. João V (www.monumentos.pt).

A **Ponte da Salgueirinha (ÚI, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN 224 (Oliveira de Azeméis - Estarreja), km 66, no caminho municipal para a ponte. Encontra-se adossada a casas de antigos moinhos, tem circulação automóvel. Implanta-se numa zona de estreitamento do vale do **rio Antuã**, com margens altas florestadas. É uma ponte com tabuleiro sobre arco único redondo de silharia de granito e guardas em cantaria. Data a sua construção do **séc. XVIII**. A estrada que serve actualmente a ligação de Estarreja a Oliveira de Azeméis (EN 224) atravessa o rio Antuã em ponte situada mais a Norte (www.monumentos.pt).

A **Ponte do Avelão (UI, Oliveira de Azeméis)** localiza-se no lugar com o mesmo nome, numa zona de escarpas e socacos com habitações, **sobre o rio Antuã**. A montante e a jusante, localizam-se alguns moinhos, em aparente estado de abandono.

A **Ponte do Crasto (UI, Oliveira de Azeméis)** localiza-se no lugar do Crasto, a montante dos moinhos recuperados do Parque Temático Molinológico, **na margem esquerda do rio UI**, próximo da sua foz. Atravessando esta ponte e seguindo a margem esquerda do rio UI que corre ao longo de um sistema de levadas e açudes, e que se une ao rio Antuã, os terrenos mais planos encontram-se cultivados, com plantações de milho. A galeria ripícola é composta por amieiros (*Alnus glutinosa*), aveleiras (*Corylus avellana*), salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*) que acompanha a maioria dos troços do rio Antuã e UI. A regeneração do carvalhal – *Quercus robur* e *Quercus suber* – dá-se nas matas que revestem os montes. A Ponte do Crasto foi reconstruída em 2004 pela Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.

A **Ponte dos Dois Rios (UI, Oliveira de Azeméis)**, também localizada no lugar do Crasto, é a ponte a jusante da foz do rio UI no rio Antuã, reconstruída em 2004. Localiza-se próximo de vários moinhos, alguns recuperados e integrados no Parque Temático Molinológico, outros em estado de abandono e ruína. A margem esquerda está coberta de denso matagal, com amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (*Salix atrocinerea*) junto ao curso do rio e alguns carvalhos (*Quercus robur*) em regeneração nas matas. A margem direita encontra-se povoada de eucaliptos (*Eucalyptus globulus*).

A **Ponte da Minhoteira (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** situa-se no limite das freguesias de Pinheiro da Bemposta e Loureiro, próximo de um moinho e do santuário de Nossa Senhora da Ribeira **nas margens do rio Antuã**. Encontra-se em mau estado de conservação, com os muros laterais bastante amputados. As margens estão envoltas em denso matagal e alguns campos cultivados. Antigamente, a paisagem aqui tinha outra vida: «*De St.º Amaro em direcção à Estrada Nacional e a Oliveira de Azeméis encontra-se a chamada encosta da Minhoteira, lindíssimo vale por onde desce o Antuã. É uma das formosas paisagens da região*» (FCG, 1987).

De montante para jusante, o património religioso da bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI inclui **capelas e igrejas de grande valor artístico**. As **festas e romarias** a elas associadas são parte da cultura e tradição das suas gentes.

A **Igreja Matriz (Milheirós de Poiães, Santa Maria da Feira)** foi edificada entre 1904 e 1907. É um edifício de sóbria e algo incaracterística traça arquitectónica. Integra a torre sineira a um dos flancos (Sul) e mostra na frontaria um portal de verga curva e ombreiras finamente emolduradas como a única mais-valia do ponto de vista estético. Esta estrutura terá substituído um anterior templo, cuja fábrica dataria, alegadamente, de inícios do séc. XVI. No interior da matriz, destaca-se um conjunto de nove altares, três dos quais de grande valor artístico, em estilo renascença (Silva *et al.*, 2000).

O **Monte e Capela de São Marcos (Fajões, Oliveira de Azeméis)** localizam-se no extremo Norte no concelho de Oliveira de Azeméis, no limite com Santa Maria da Feira e Arouca, com acesso pela Rua de São Marcos. O Monte desenvolve-se entre os 400 e 480 metros de altitude, situando-se no topo a capela. Deste ponto é possível avistar-se ao fundo a Nordeste, Castelo de Paiva; a Noroeste, Santa Maria da Feira, o Montalto com as nascentes do Uíma e, mais próximo, as **nascentes do rio Antuã**; a Oeste no concelho de Arouca, a localidade de Escariz onde nasce o rio Inha; para Sul, Oliveira de Azeméis e o vale do rio Antuã e, para Sudeste, Vale de Cambra. O Monte contempla dois espaços distintos: um, localizado a cota mais elevada onde se localiza a **Capela de São Marcos** e, outro, localizado a cerca de 450 metros onde se encontram equipamentos diversos, afectos às festividades do santo padroeiro. O restante espaço do monte encontra-se florestado essencialmente com **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*) e

eucalipto (*Eucalyptus globulus*). O adro da capela encontra-se envolvido por afloramentos rochosos graníticos, onde se encontram diversas espécies vegetais, algumas das quais autóctones **carvalhos** (*Quercus robur*) e **sobreiros** (*Quercus suber*). Para além da capela, encontra-se neste espaço um marco geodésico, uma fonte imbutida nos afloramentos rochosos e uma estátua representando Cristo-Rei.

O **Santuário de Nossa Senhora de Lourdes (Carregosa, Oliveira de Azeméis)** situa-se no **Parque da Quinta da Costeira**, foi o primeiro consagrado a Nossa Senhora de Lurdes, em Portugal. Obra da autoria do Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina e de seu irmão, o conselheiro António Maria Correia Bastos Pina, foi inaugurado em Agosto de 1902, tendo os trabalhos de construção sido iniciados em Março de 1898. Destaque ainda para o panorâmico **Miradouro das Sete Cidades**, no cume da Serra do Pereiro, a 500 metros de altitude, situado neste parque (www.oazonline.com).

A **Capela de Nossa Senhora de la Salette (Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN 224 (Oliveira de Azemeis - Vale de Cambra), km 61,5, na EM à esquerda para o **Parque do Monte do Calvário ou da Senhora de la Salette**. Situa-se no alto de uma colina que domina Oliveira de Azeméis pelo lado NE, e está integrada num parque arborizado com lago, coreto e chafariz. O acesso à fachada principal faz-se através de escadaria. É uma **capela do séc. XX**, de planta longitudinal, com corpo formado por átrio, nave de três tramos e cabeceira poligonal, dois torreões aos lados da fachada principal terminando em pseudo-campanários enquadrando o portal ladeado por colunas, arco redondo e remate com frontão triangular. O projecto de arquitectura é de António Correia da Silva, a escultura da fachada é de Henrique Moreira e os vitrais de Ricardo Leone. O local onde se implantou a primitiva capela (séc. XIX) era o **Monte do Castro ou do Calvário** onde se erguia um cruzeiro, a última estação da Via Sacra. Tem festa anual no 2º domingo de Agosto (www.monumentos.pt).

A **Igreja Matriz ou Igreja de São Miguel e sua escadaria (Oliveira de Azeméis)** situam-se na Rua Bento Carqueja. Edificada entre os anos de **1719 e 1729**, na zona norte do núcleo mais antigo da vila, a Igreja Matriz de Oliveira de Azeméis veio substituir a anterior, que se pensa ter existido no denominado sítio do Passal, local onde se construiu a nova cadeia. *"A monumentalidade da fachada principal, e a escadaria fronteira, que se desenvolve em diferentes patamares, emprestam ao conjunto uma cenografia de cariz barroco, bem presente na ideia de escadório. Todavia, e apesar da data de edificação, o modelo utilizado para o templo encontra-se mais próximo da arquitectura chã seiscentista, num eclectismo que não deixa de ser próprio da época. Por sua vez, as campanhas decorativas do interior alternam entre o figurino do final do séc. XVII e o barroco pleno, ou joanino, posteriormente enriquecidas por estuques oitocentistas e azulejaria do séc. XX. O alçado principal apresenta duas torres laterais, e um pano central, separados por pilastras* (www.ippar.pt). Encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1993.

O **Mosteiro de São Martinho do Couto (Cucujães, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela N1 Vila de Cucujães, pela Rua das Mangas e a Rua do Mosteiro (direcção Noroeste). O Mosteiro e cerca de São Martinho do Couto, actualmente pertencente aos missionários da Boa Nova, está colocado à meia encosta, **sobranceiro ao rio UI**, na sua margem direita, a cerca de 170 metros de altitude.

Contíguos ao Mosteiro, destaca-se a presença da Igreja e do Cemitério dispostos a Nordeste. O conjunto é envolvido a Sul e Oeste por construções do séc. XX resultantes da ampliação do edifício primitivo para Seminário. Desta cota observa-se o «**Vale de Cucujães**» que é atravessado pelo rio UI, com casas na meia encosta – de entre as quais se destacam casas de traça brasileira – e campos agrícolas nas margens das linhas de água até às casas, desenvolvendo-se em socacos nas zonas mais declivosas. Outrora **mosteiro masculino da Ordem de São Bento (sécs. XVI ao XVIII)** é actualmente um lar para padres aposentados. Foi mosteiro da Ordem Beneditina, composto por igreja de planta longitudinal, nave, capela-mor e torre sineira, à esquerda na frontaria. Conserva no pavimento do claustro as divisórias de antigas sepulturas, algumas numeradas e outras com inscrições (www.monumentos.pt). Em 1139, D. Afonso Henriques passou carta de couto ao mosteiro beneditino de São Martinho nas pessoas do abade D. Martinho e de D. Egas Odóriz. Em 1596, a Reforma da Ordem Beneditina foi aceite pelo Mosteiro de Cucujães. Em 1832/1834, esteve aqui instalado um hospital do exército absolutista durante a guerra civil, e, em 1834, deu-se a extinção do mosteiro, com a consequente venda a Francisco Joaquim Maia. Em 1850, passou a ser propriedade de Joaquim António Ferreira da Silva e em 1868, de Manuel Joaquim da Fonseca. Em 1876, o Padre João Leite do Amorim adquiriu-o e restaurou-o na ordem beneditina. Em 1910, foi confiscado e vendido o seu recheio tendo posteriormente sido adquirido pelo Padre José Vicente do Sacramento, instalando-se nele o **Seminário das Missões Ultramarinas** (www.monumentos.pt).

A **Igreja Paroquial de São Mamede (Madaíl, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EM 537 (Oliveira de Azeméis - São João da Madeira), e depois pelas EM 535 e EM 533. Construída no mesmo lugar onde existiu outro templo, é uma igreja do séc. XX, da autoria de projecto do Arqt. Rogério de Azevedo, ecléctica, com sugestões antigas e tradicionais nacionalistas típicas da década de 40 do séc. XX. É uma igreja paroquial de planta longitudinal, nave, capela-mor, sacristia à esquerda da capela-mor e torre sineira à direita da frontaria e portal de arco redondo, encimado por escultura de São Mamede, o padroeiro (www.monumentos.pt).

A **Capela de Nossa Senhora do Socorro (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN 16-3 (Oliveira de Azeméis - Macinhata da Seixa), km 22, num desvio à direita para o lugar de Gemieiro. Situa-se numa **encosta do vale do rio Antuã**, junto a um cruzamento de caminhos rurais e a

construções rústicas. Limita a Este e a Sul com caminhos rurais. É uma **capela privada do séc. XVIII** (www.monumentos.pt).

A **Capela de Santo António (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar de Silvares, entre árvores e culturas agrícolas. Datada de 1756, foi modernizada e reconstruída na sua quase totalidade, permanecendo ainda as paredes da capela-mor da sua anterior fábrica (www.monumentos.pt).

A **Igreja Paroquial de Macinhata da Seixa/Igreja de Santo André (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** situa-se a meia encosta por entre o arvoredado. Datada de 1716, tem uma construção modesta e uma bela talha. A paróquia de Macinhata da Seixa já aparece formada no séc. XII e, embora não conste em documentos mais antigos, a sua fundação crê-se que é anterior a essa data, por então já ser referida com o nome de Santo André, seu orago. O padroado da freguesia pertenceu ainda ao Mosteiro de Pedroso e à Companhia de Jesus (www.monumentos.pt).

A **Igreja Paroquial de Santa Maria (UI, Oliveira de Azeméis)**, sita na confluência dos rios UI e Antuã e fronteira ao Castro, data de 1790. Este templo assenta sobre plataforma de um raro monumento romano ou romanizado, de onde foram exumados dois preciosos padrões: **o marco miliário da milha XII** e **o Terminus Augustalis**, o qual se encontra embutido na parede exterior da sacristia. Pensou-se que Talábriga estaria aqui situada, cidade dos Pesures, representada por vestígios importantes desta civilização milenária (www.cm-oaz.pt).

A **Capela de Santo António (Travanca, Oliveira de Azeméis)** situada no lugar de Damonde, foi mandada erguer pela devoção do benemérito Manuel Ferreira da Silva, na década de 90 do séc. XX e inaugurada em 2003. Em honra de Santo António, esta capela é o destino eleito na freguesia para a comemoração dos Santos Populares com as tradicionais marchas, levadas a cabo pelo povo do lugar e com a participação das colectividades locais (www.cm-oaz.pt).

A **Igreja Paroquial de Pinheiro da Bemposta (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar da Igreja. É uma igreja paroquial de planta longitudinal, do séc. XVII/XVIII, de feição classicizante e de raiz popular. O titular é S. Paio, representado na fachada pela imagem em pedra de ança, setecentista. O brasão nacional da fachada simboliza o seu antigo padroado real. No retábulo do altar-mor, incluem-se duas imagens de boa qualidade, São Pedro e Virgem com o Menino, setecentistas (www.monumentos.pt).

A **Capela de Nossa Senhora da Ribeira, incluindo os retábulos e as esculturas (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar de Covais, **junto ao rio Antuã**. Situa-se em local isolado, num vale, à borda de água, onde confluem um ribeiro e o rio Antuã. É uma pequena capela

maneirista alpendrada. Toda a construção aponta para obra de raiz - embora tenha existido uma capela anterior - incluindo as superfícies retabulares, de pedra de ançã, obra devedora aos mestres conimbricenses do Renascimento e Maneirismo. Foi fundada em 1611 pelo dominicano Frei Sebastião da Ascensão, bispo de Cabo Verde, substituindo um antigo templo dedicado à padroeira, edificado pelos seus antepassados (www.monumentos.pt). Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1986 (www.ippar.pt).

O variado e importante **património arquitectónico** da região hidrográfica dos rios Antuã e UI, sobretudo no concelho de Oliveira de Azeméis, inclui ainda exemplares de **casas rurais e agrícolas dos sécs. XVIII e XIX**, algumas solarengas e brasonadas, **pelourinhos, cruzeiros, estações de caminho-de-ferro e edifícios antigos de indústrias**.

A **Casa da Quinta do Morgado (S. João da Madeira)** situa-se no Travessa São Francisco de Xavier, no centro da cidade. Originalmente designada por Quinta de S. João da Madeira, esta casa pertenceu, primeiro, a João Nunes Cardoso Gouveia, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, que foi também 3º Senhor do Couto e Honra do Gafanhão. Na verdade, sabe-se que a quinta é propriedade da família Côrte-Real desde 1523, mas pouco ou nada se conhece sobre a sua história anterior. A sua denominação actual deve-se ao facto de ter sido instituída em Morgado, do qual foi último titular Manuel Cardoso Rangel de Quadros Côrte Real. Muito embora o edifício original remonte ao séc. XVI, a casa que hoje se observa é, certamente, uma construção ou reconstrução posterior, sendo que muitos dos seus elementos apontam para uma obra setecentista. Para além da casa principal, a Quinta do Morgado conta com uma série de outras construções de cariz popular, que se destinavam a apoiar as actividades agrícolas. Está em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público desde 1975 (www.ippar.pt).

A **Quinta da Costeira (Carregosa, Oliveira de Azeméis)** situa-se na estrada entre a freguesia de Carregosa e Arouca. Da Quinta da Costeira, existem notícias desde o 1º quartel do séc. XVII, embora o primeiro proprietário conhecido - tanto quanto se sabe, descendente da família fundadora - seja o abastado lavrador José Manuel Correia e sua mulher, D. Bernardina dos Bastos Pina, já em finais do séc. XVIII. A quinta manteve-se sempre, e até à actualidade, na posse de herdeiros da família Bastos Pina. A casa original, de desenho neoclássico tardio, convive com a quinta agrícola, estando ainda rodeada por um frondoso parque. Manuel Correia de Bastos Pina desempenha um papel fundamental na história da propriedade. D. Manuel Bastos Pina foi 22º conde de Arganil e 57º bispo de Coimbra, e um mecenas do panorama arquitectónico e artístico da zona de Coimbra, actividade que estendeu à casa de Oliveira de Azeméis. O conde bispo esteve ligado ao primeiro restauro da Sé Velha de Coimbra, à implementação do Museu de Arte Sacra da cidade, e a muitas outras demandas culturais da época. Na Quinta da Costeira,

onde residiu por amplos períodos entre finais do séc. XIX e o princípio do séc. XX, D. Manuel terá levado a cabo várias obras de relevo. Porém, a maior alteração da propriedade deu-se apenas a partir de 1880, quando D. Manuel iniciou a conversão da quinta numa **residência episcopal e santuário de peregrinação mariano, inspirado no santuário pirenaico de Lourdes**. Os terrenos foram ordenados em função de largas alamedas, que articulam entre si o jardim de buxo antecedendo a residência episcopal, o volume da capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, e um jardim de inspiração religiosa e romântica, onde se desenvolvem patamares com grutas, esculturas e pequenas arquiteturas cenográficas, bem como dois lagos em torno de um monte artificial. No exterior da residência, destaca-se o frontão triangular decorado com o brasão episcopal. A **capela de Nossa Senhora de Lourdes**, erguida em 1898 e concluída em 1902, é precedida por uma pitoresca escadaria pontuada por rochedos e esculturas em barro da fábrica das Devezas. Num terreiro da mata envolvente, fica a chamada **gruta de Nossa Senhora**, e mais duas grutas semelhantes, entre diversos grupos escultóricos em barro e madeira, uma pequena fonte, e um obelisco, este último comemorativo da visita de D. Manuel II, em 1910. O Santuário foi inaugurado em 1902, e chegou a atrair muitos peregrinos. Hoje em dia, a Quinta da Costeira continua na posse da mesma família, embora as instalações estejam em fase de adaptação a **hotel rural, incluindo a quinta agrícola e um centro hípico**. Está em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público desde 2004 (www.ippar.pt).

O **Edifício Vasques (Carregosa, Oliveira de Azemeis)** foi mandado edificar em 1883 por D^a. Eduarda Elisa de Sousa Vasques, benemérita de Carregosa, para servir de Escola Primária; actualmente, e por doação da Família Vasques, é propriedade da Junta de Freguesia. Nascido para Escola Primária, o imóvel acolheu, no decurso da sua história, a Telescola, o Ensaio da Banda de Música, os Serviços Médico-Sociais e as Assembleias de Freguesia, servindo actualmente como Estação dos CTT e, bem assim, local de reunião da Secção de Xadrez da Colectividade Universitários de Carregosa. Está classificado como Imóvel de Interesse Municipal desde 2003 (www.ippar.pt).

A **Casa de Ínsua (Carregosa, Oliveira de Azeméis)**, actualmente casa de campo, merece uma especial referência, dado que é a única unidade de Turismo no Espaço Rural do Município de Oliveira de Azeméis. Esta casa, construída nos princípios do séc. XVIII, teve ampliações posteriores (www.oazonline.com).

A **Quinta da Póvoa (Carregosa, Oliveira de Azeméis)**, outra referência histórica e patrimonial desta freguesia, conserva ainda o antigo carácter do portão da quinta, de meados do séc. XVIII, sendo este uma obra rara. A. Costa, no seu Dicionário Corográfico, refere, de facto, que aqui existiu "*uma excelente fábrica de papel, com motor hidráulico, no lugar da Póvoa*". E esclarece que esta fábrica, fundada em 1858, pertencia ao Morgado da Póvoa, produzia anualmente "*3 contos de réis de papel*", e que obtivera uma menção honrosa na Exposição Industrial Portuense de 1861. A indústria da região baseia-se na

metalurgia e é de salientar que nesta terra nasceu a arte de latoaria, que veio mais tarde a expandir-se para Vale de Cambra, município limítrofe, e Cesar, freguesia vizinha (www.oazonline.com).

A **Casa dos Morgados de Alméu (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na **margem direita do rio Antuã**. O solar do Alméu, de meados do séc. XVIII, é considerado o melhor conjunto arquitectónico da freguesia, sendo composto por uma casa monumental, voltada para nascente, dentro duma quinta vedada, por alto muro a ladear o flanco Sudeste da antiga estrada real, com ampla entrada, jardim, capela, albergaria, casas de lavoura e de caseiros. A **capela dedicada a Nossa Senhora da Guia** completa o conjunto. O retábulo de talha dourada data do início do séc. XVIII. Existe uma placa de calcário com o Calvário, de execução coimbrã, do séc. XV. No nicho da entrada, existe uma Senhora com o Menino (Senhora da Guia), de barro, do séc. XVIII. O vínculo da casa foi instituído em 1732 por José Soares Aranha Brandão. Desde 1911, a casa é propriedade da família Peixoto Beleza (www.monumentos.pt).

O **Solar dos Soares de Pinho (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar de Silvares. Tem fachada com brasão do séc. XIX (www.monumentos.pt).

A **Casa dos Corte Real ou Casa dos Reis e Vasconcelos (Oliveira de Azeméis)** localiza-se nas **margens do rio Antuã**, implantada em lugar de destaque no Largo da República. É uma construção de linguagem maneirista que se impõe na malha urbana pelas suas dimensões, pela sobriedade das suas linhas e pela pedra de armas que exhibe na fachada principal, símbolo do prestígio e do poder que gozavam os seus proprietários. A construção do imóvel remonta à 2ª metade do séc. XVII, conforme indica a data de 1686, gravada na escadaria. O brasão de armas apenas foi concedido em 1774 a José Henriques Vasconcelos da Costa. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1993 (www.ippar.pt).

O edifício da **Agência Bancária do "Banco Pinto & Sotto Mayor (Oliveira de Azeméis)** é um edifício de traçado contemporâneo, situado na Avenida Dr. António José de Almeida, resultante da renovação urbanística operada durante os anos 40 do séc. XX, e onde funcionam organismos estatais. O edifício possui traçado de Álvaro Siza Vieira. Encontra-se em vias de classificação com despacho de abertura desde 2005 (www.ippar.pt).

A **antiga Estação Ferroviária de UI (UI, Oliveira de Azeméis)**, em plataforma de alvenaria sobrelevada em relação às duas linhas de comboio, localiza-se na linha do Vale do Vouga. Durante décadas, foi a principal via de ligação entre Espinho, Sernada do Vouga e Águeda, onde entroncava com a linha do Dão (já desactivada). Inaugurada pelo rei D. Manuel em 1908, foi encerrada em 1980 e em 2004, sofreu obras

para instalação de um restaurante. Insere-se na estratégia da REFER de "dar nova vida às estações": as de Espinho e Branca (como restaurantes) e a de Cucujães (como sede de associações recreativas) (www.monumentos.pt).

A **Casa dos Rebelos (UI, Oliveira de Azeméis)** situa-se um pouco abaixo da Igreja Matriz, datando possivelmente do início do séc. XIX, com brasão eclesiástico composto por um escudo romano com as armas dos Rebelos (www.cm.oaz.pt).

A **Casa do Abade (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** é do séc. XVIII, tendo sido reconstruída pelo seu proprietário na década de 80 do séc. XVIII. Possui na fachada principal uma pedra de armas esquartelada dos Soares, Silva, Tavares e dos Brandão. É propriedade privada. Está em estudo para classificação (www.monumentos.pt).

A **Casa da Bemposta (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** está em estudo para classificação. É propriedade privada. A sua construção é do séc. XVII/XVIII (www.monumentos.pt).

O **Pelourinho de Pinheiro da Bemposta (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** localiza-se no lugar do Pelourinho, junto aos antigos Paços do Concelho. É um pelourinho inscrito na tipologia de pelourinho de bola, renascentista (séc. XVI). Foi reconstruído em 1967, segundo proposta do Arquitecto Aníbal da Costa Resende e em 1982 /1983, pela Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis. É Imóvel de Interesse Público desde 1933 (www.monumentos.pt; www.ippar.pt).

O **Cruzeiro de Pinheiro da Bemposta (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar do Cruzeiro, circunscrito num pequeno adro, perto de um cruzamento, no centro da vila. É um cruzeiro maneirista e rococó (sécs. XVII/XVIII), de alpendre, aberto, e de planta quadrada tipo templete. É Monumento Nacional desde 1910 (www.monumentos.pt). Por trás dele, existe a **Casa de Brasileiro**; à esquerda, a **Casa do Cruzeiro**, do séc. XVIII. Na EN1, seguindo na direcção do Porto, encontra-se a setecentista **Casa dos Arcos**.

A **Estação da Mala-Posta do Curval (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN1, no Largo de Curval. Esta era uma das 23 estações de muda de cavalos existentes na ligação entre Lisboa e o Porto. O estabelecimento de carreiras diárias entre Lisboa e o Porto em diligências conheceu os seus primeiros contornos em 1852, mas enfrentou desde logo inúmeros problemas, entre os quais o pouco interesse dos privados na exploração deste serviço e, principalmente, a falta de estradas em condições de assegurar eficazmente a ligação entre as duas cidades. A uma certa desarticulação e à falta de um plano abrangente, sucedeu uma outra fase, a partir de 1852, marcada pela figura de Fontes Pereira de Melo à frente do Ministério das Obras Públicas. Foi este ministro que concebeu um projecto

consertado para a implantação da mala-posta, inaugurando uma nova fase nas comunicações que, a partir desta data, abandonaram definitivamente os correios a pé ou a cavalo para adoptar as diligências, que permitiam, simultaneamente, o transporte de passageiros. Entre 1857 e 1859, ficou concluído o troço da estrada entre Coimbra e Vila Nova de Gaia, incluindo-se nesta área as estações do distrito de Aveiro, nomeadamente, a estação do Curval. Era a 19ª e servia apenas para mudar os cavalos (www.ippar.pt). É propriedade privada, mas classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1993.

São João da Madeira tem um passado de **indústrias antigas**, existindo pela cidade inúmeras fábricas e chaminés que dão alma a este centro industrial. Salientam-se o edifício da **Empresa Industrial de Chapelaria**, que alberga o Museu da Chapelaria, a **Fábrica Nunes da Cunha** e a **Fábrica Oliva** (www.cm-sjm.pt).

A **Empresa Industrial de Chapelaria (São João da Madeira)** ficou conhecida entre as gentes da época pela "Fábrica Nova", e foi fundada em 1914 por António José Oliveira Júnior, figura grata a S. João da Madeira e a quem foi atribuído pelo governo de então o diploma de Mérito Industrial e Agrícola. Inovadora ao nível das técnicas de fabrico e sempre actualizada perante as necessidades de mercado será também desta empresa a responsabilidade pela **introdução do chapéu de lã merina (lã fina)**, o chamado "chapéu da moda", por ser em tudo diferente do antigo chapéu de lã grosseiro até então produzido. Sendo a única empresa do País a possuir as máquinas e técnicas do fabrico deste chapéu, a Empresa Industrial de Chapelaria manterá durante muitos anos o monopólio do fabrico e venda deste artigo. Encerrada em 1995, a Empresa Industrial de Chapelaria acompanhará toda a história desta indústria, reflectindo naturalmente as suas épocas de prosperidade e declínio, ficando para sempre associada à imagem da fábrica que empregou e formou gerações sucessivas de chapeleiros e artífices que lhe devotaram uma vida inteira de trabalho. Localizado na Rua Oliveira Júnior, o edifício recebe actualmente o **Museu de Chapelaria** (www.cm-sjm.pt).

A **Fábrica da OLIVACAST, Fundação Ferrosa, S. A.**, mais conhecida como a **Fábrica da Oliva (São João da Madeira)**, situada na Rua da Fundação e de Oliveira Júnior, é um importante marco na história económica e social de S. João da Madeira e até do País, tendo comemorado em 2000 o seu 75º aniversário. Fundada em 31 de Julho de 1925, sob a liderança de António José Pinto de Oliveira, a Oliva dedicou-se à Indústria da Fundação, tendo dela saído as máquinas de costura OLIVA (www.cm-sjm.pt). A difusão da máquina de costura OLIVA assumiu uma importância social ímpar, tanto no continente como nas colónias portuguesas africanas. A proposta de classificação deste conjunto industrial está em estudo pelo IPPAR (www.ippar.pt). A Câmara Municipal de São João da Madeira pretende recuperar o complexo

industrial da Oliva e posterior instalação de indústrias tradicionais não poluentes, a par de uma zona para indústrias criativas e de um **Centro de Arte Contemporânea** que será fruto da cooperação do município de S. João da Madeira com a Fundação de Serralves (www.cm-sjm.pt).

No concelho de **Oliveira de Azeméis**, destacam-se também algumas **antigas indústrias, sobretudo da pasta de papel e vidro**, como património industrial a preservar.

A **Quinta do Côvo (Vila Chã de S. Roque, Oliveira de Azeméis)** foi o primeiro local a fabricar vidro em Portugal. De facto, por ter nascido aqui, no séc. XV (1528), a unidade industrial vidreira mais importante do País - a **Fábrica do Côvo** - foi designada como "Rainha do Vidro em Portugal". Na Idade Média, ergueu-se aqui um castelo, chamado da Lomba, e que foi assento do solar da família Castro e Lemos, na quinta do Côvo, tendo capela privativa, hospedaria para visitantes ilustres e uma grande coutada. A quinta é atravessada pelo **rio Antuã** e pela estrada que liga as cidades de Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra. A casa actual, reedificada em 1850, constitui uma verdadeira residência senhorial e formava uma povoação em volta das antigas fábricas de vidro. Em princípios do séc. XX, a laboração de vidro que ali existiu durante quatro séculos consecutivos, foi interrompida, dando-se novo destino às construções industriais, adaptando-as à exploração pecuária e agrícola. **Nesta quinta, passou Eça de Queirós** tempo suficiente para colher motivos para alguns dos seus livros, como por exemplo, "A Capital" e "A ilustre Casa de Ramires". Actualmente, a Quinta do Côvo dispõe de cerca de 500 ha de área, 50 km de caminho para passeios equestres, uma **escola de equitação** e um **hotel para cavalos** (www.cm-oaz.pt).

Em Cucujães (**Oliveira de Azeméis**), a antiga **fábrica de Papel do Antuã** situava-se no lugar de Moinhos, **na margem direita do rio UI** (conhecido noutros tempos como Antuã), antes de chegar ao açude, sob a ponte de caminho-de-ferro. É um antigo edifício fabril, hoje transformada em armazém privado. O nome do lugar onde se encontra instalado sugere que uma **actividade de produção de farinha de milho** existiu nesse lugar, aproveitando o caudal do rio UI, que recebe nesse lugar o afluente conhecido pelo "rio dos tremoços". Existe nessa área uma enorme concentração de ruínas de moinhos, alguns dos quais funcionaram até ao final do séc. XX. A família Castro Lopes detém uma escritura de compra da propriedade por D.Clementina Libânia Pinto Leite (Condessa de Penha Longa), a qual adquire a propriedade de Manuel Fernandes Paulo em 1901, mencionando-se nesta uma "casa da fábrica". Incluía-se na transação "... *máquinas e móveis diversos pertencentes a uma fábrica de chapéus, que existe nos ditos bens, incluindo uma turbina, máquina a vapor, bomba de extracção de água, linhas de eixo horizontal e vertical e os volantes e correias de transmissão da máquina a vapor, bem assim o depósito de lousa da água e as suas canalizações...*". A tradição da família Castro Lopes fala da

existência de uma fábrica de amido, fundada por António Gomes dos Santos, associado a Manuel Pereira Marques, criando a firma Pereira & Santos, Sucrs.. Esta fábrica deve ter operado nos princípios do séc. XX. A matéria-prima utilizada era o resíduo de arroz, importado principalmente de Hamburgo. Com o desuso da goma aplicada nos colarinhos e peitinhos das camisas, etc., a fábrica foi convertida em **fábrica de chapéus**. Nela trabalharam alguns homens que mais tarde vieram a tornar-se importantes industriais de chapéus em S. João da Madeira (senhores Oliveira, Palmares, Nunes da Cunha, etc.). A tradição familiar indica igualmente a fabricação de pregos e a lapidação de vidro no local mais tarde transformado em oficina de serrallaria da fábrica. A Condessa de Penha Longa cedeu-a em 1916 a seu sobrinho e afilhado Clemente Castro Lopes que aí instalou a Fábrica de Papel do Antuã em 1922. Foi explorada por vários proprietários até 1976, ano em que cessou definitivamente a sua actividade. **A fábrica era accionada pela força transmitida por duas rodas hidráulicas, utilizando o caudal de uma levada que transportava água de um açude construído sobre o rio UI até uma represa. A água necessária ao processo de fabricação era elevada a partir da represa por uma nora, movida hidraulicamente,** que elevava a água ao primeiro andar da fábrica, de onde era distribuída por gravidade aos diversos usos. No fim dos anos 50, as rodas hidráulicas foram substituídas por duas turbinas submersas na levada, respectivamente de 36 e 12 HP. Uma pequena central eléctrica com gerador foi acoplada às rodas hidráulicas, a qual produzia electricidade usada na iluminação da fábrica (www.ocucujanense.com).

O vale dos rios Antuã e UI é rico em **vestígios arqueológicos** de civilizações antigas, de grande importância estratégica e histórica. O **Castro de Romariz (Romariz, Santa Maria da Feira)** é um **povoado fortificado** datado do séc. VI a.C., com níveis de ocupação até ao séc. I d. C., implantado no Monte do Castro de Romariz. É um dos raros povoados identificados na **região outrora ocupada pelos Túrdulos**. Foi descoberto em 1845. A par das estruturas habitacionais, encontrou-se um vasto espólio móvel neste povoado da 2ª Idade do Ferro, entre os quais sobressaem algumas ânforas de origem púnica, datáveis do séc. V a.C., bem como diversas contas de pasta vítrea e um fragmento de cerâmica grega atribuída ao séc. IV a.C. Em relação a este povoado, pondera-se a provável existência de práticas funerárias levadas a efeito no interior das próprias habitações. No caso específico do Castro de Romariz, esta religiosidade manifestada ao nível do culto doméstico parece adquirir alguma consistência com a presença de mesas, as quais, na opinião de certos autores, teriam finalidades sacrificiais e litúrgicas. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1945 (www.ippar.pt).

Um outro exemplo de património megalítico da Idade do Bronze (séc. IV ou III a.C.) da freguesia de Escariz é a **Mamoá ou Dólmen Pintado da Aliviada** situado sobre a EN519 a cerca de 10 m do caminho que liga à EN 327. Está classificado como Monumento Nacional desde 1992. Situado nas proximidades da localidade de Escariz, este sítio megalítico apresenta câmara sepulcral alongada, de planta sub-

rectangular constituída por nove esteios graníticos, numa área onde se erguem duas outras mamoas, ou *tumuli*. A principal característica deste dólmen residirá, no entanto, na superfície de sete dos nove esteios que compõem a câmara, por apresentarem gravuras e pinturas com motivos predominantemente ondulados e geométricos, enquadradas no que é geralmente entendido por *arte megalítica* do Norte de Portugal, originada na primeira metade do III milénio a. C.. (www.ippar.pt, www.monumentos.pt).

No concelho de **Oliveira de Azeméis**, o **património arqueológico** é riquíssimo. O PDM deste município assinala as áreas protegidas de **La-Salette**, da **Lomba** e do **Castilho**. No concelho, encontra-se a **Mamoas de Silhares (Carregosa)**, a **Mamoas de Mourisca (Fajões)**, a **Mamoas das Almas Mouras (Loureiro)**, a **Mamoas do Peralta**, o **Castro de Vila Cova** e a área protegida do **Calvário (Santiago de Riba-UI)**, a área protegida das **Flores** e o **Castro de Damonde (Travanca)** e, por último, o **Castro de UI** e a **Mamoas da Baixa (UI)**.

O concelho de **Oliveira de Azeméis** é igualmente rico em relação ao **património molinológico** associado aos rios Antuã e UI que o atravessa e que tem sido inventariado, com vista à sua preservação como marco da cultura e tradições do concelho. Com este objectivo, a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis pretende criar a **Rota dos Moinhos de Água** do concelho e vários **núcleos museológicos** como espaços de lazer e recreio, associados aos esforços de **despoluição e requalificação das margens** destes rios.

O **moinho de água no lugar da Retorta (Fajões, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN327, situa-se num lugar isolado, no meio de floresta e campos de milho e vinha. É um moinho de água com duas mós, de planta longitudinal com cobertura em telhado de duas águas, edifício de alvenaria de pedra e telha canudo. É propriedade privada. Faz parte do projecto da Rota dos Moinhos de Água da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis (www.monumentos.pt).

O **moinho de água no lugar de Outeiro/Moinho da Capelinha (Pindelo, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EM546, no lugar do Outeiro, junto à ponte sobre o rio Antuã. Este é um moinho de água de uma mó com açude e levada. O edifício é de alvenaria de pedra e tijolo rebocado. É propriedade privada, mas está em estado devoluto. Faz parte do projecto da Rota dos Moinhos de Água da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis (www.monumentos.pt).

O **Couto de Cucujães (Cucujães, Oliveira de Azeméis)** era antigamente um **lugar ideal para moinhos**. E havia tantos nesta zona, que o vale ganhou o nome de Moinhos, que ainda conserva hoje. Até aos anos 50 do séc. XX, havia vários lavradores na vila que produziam milho e entregavam esse milho aos

moleiros para ser transformado em farinha, recebendo este uma parte da farinha como pagamento (www.ocucujanense.com).

O **moinho de água no lugar de Salgueiro (Santiago de Riba-UI, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EM 537, com açude parcialmente destruído e levada assoreada, nas imediações da **Ponte do Salgueiro** sobre o rio UI. É um moinho de água de cinco mós, em edifício de alvenaria de pedra rebocada e telha marselha. Está em estado devoluto. Faz parte do projecto da Rota dos Moinhos de Água da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis (www.monumentos.pt).

O **moinho de água do lugar de Fonte Joana (Madaíl, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EM 535 no lugar de Fonte Joana, perto da **Ponte do Manica**. De planta longitudinal e cobertura em telhados de duas águas, o edifício é de alvenaria de pedra rebocada e telha marselha. É um moinho de água de cinco mós, para a fabricação de farinha de milho e centeio, com capacidade de produção de 500 kg/dia. É propriedade privada (www.monumentos.pt). Faz parte do projecto da Rota dos Moinhos de Água da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.

São famosos os **moínhos de água**, cuja existência vem de muito longe na freguesia de UI. Documentos do séc. XVIII já atestam a sua presença **em terras de UI**. No início, moeu-se o milho, depois o trigo e, mais tarde, passou a descascar-se o arroz. Para se avaliar o peso que a moagem artesanal chegou a ter, basta recordar que, em 1951, e de acordo com um estudo do Abade João Domingues Arêde, era de 84 o número de moínhos em laboração, com um total de 327 "rodas", o que dá uma média de 4 "rodas" por moínho, um número raramente atingido noutras regiões com características idênticas. Para assegurar a força motriz destes moínhos foram construídos 38 açudes, ou seja, pequenas barragens de onde partiam as "levadas" de água que accionavam aquelas "rodas". Os **moínhos de água de UI**, outrora dezenas e dezenas, actualmente marcos simbólicos de um interessante conjunto arquitectónico rural pertencente ao passado (www.oazonline.pt).

Condições naturais únicas ditaram a UI a primeira etapa da industrialização: os **moínhos de UI e as padarias tradicionais** representaram o passo inicial para o desenvolvimento, em que as actividades dos moleiros e das padeiras, ambas de igual sobrenome, tiveram grande influência. Mais tarde, outra actividade se iniciou com o **aproveitamento dos moínhos de água** – a do **descasque do arroz** que, progressivamente se foi modernizando, ganhando importância e primazia até aos nossos dias. Actualmente, o sector da moagem, embora ultrapassado na predominância que outrora gozou, continua a manter em UI uma grande dinâmica. No que respeita ao descasque e embalagem do arroz, estão aqui implantadas as **maiores indústrias nacionais do género**, que produzem cerca de 60% da produção nacional (www.cm-oaz.pt).

Dá-se como exemplo o **núcleo de moinhos de Ponte de Igreja (UI, Oliveira de Azeméis)**, um conjunto de três moinhos recuperados pela autarquia destinados à demonstração da moagem de cereais, confecção do famoso pão de UI, exposições e acções audiovisuais, transformando-os no **Núcleo Museológico do Moinho e do Pão**. O museu integrará o futuro Parque Temático Molinológico que abrangerá as freguesias de UI e Travanca e que visa recuperar, construir e dinamizar os moinhos como zonas de recreio e lazer, com acções ligadas à preservação da natureza (www.jf-travanca.pt). Um outro exemplo é o **núcleo de moinhos da Adães/Azevinheira (UI, Oliveira de Azeméis)**, situado no vale entre o monte do Castro e a encosta da Moura, ao qual o povo chama de Azevinheira, e no qual corre o rio UI, numa paisagem outrora povoada de densa vegetação de choupos, carvalhos, pinheiros e azevinhos (www.ul-soul.blogspot.com).

O **moinho de água no lugar do Pêgo (Travanca, Oliveira de Azeméis)** tem acesso pela EN1. Sobre o rio Antuã, é um moinho de água de quatro mós para a produção de farinha de milho e centeio, de planta quadrangular e cobertura homogénea em telhado de duas águas. O edifício é em alvenaria de pedra rebocada com telha de canudo. Tem uma capacidade de produção de 300 kg/dia. Faz parte do projecto da Rota dos Moinhos de Água da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, apesar de ser propriedade privada (www.monumentos.pt). A jusante deste moinho, descendo, um pouco mais o rio, chegava-se a um açude, onde se iniciava, uma levada, ornamentada com ramada e que servia o **Moinho do João do Paço**, sem que antes as suas águas emprestassem uma outra utilidade ao lugar, a de servirem de lavadouro de roupa, a muitas mulheres das redondezas. O moinho do João do Paço, sobrevia altivamente, com a sua pétrea e elegante silhueta, ao cheiro costumeiro dos efluentes industriais dos lacticínios, que ali perto, desaguavam. O moinho, não era o único resistente, ali perto, havia antigamente uma colónia de lontras, no seu meio natural. Nos anos 60 e 70, era possível ver os peixes, de várias espécies e tamanhos, saracoteando-se alegremente nas águas e em certas alturas, era um privilégio, assistir-se a um número de acrobacia piscícola, quando por altura da desova, certos peixes, vinham do mar, subiam as correntes e pulavam de forma grácil e eficaz, os sucessivos açudes. Para já não falar de outras espécies aquáticas, como os girinos e as rãs, com o seu coaxar característico, despertando, com as suas cores, movimentos e sons, a quietude do lugar. As terras, bordejando o rio, eram cuidadosamente cultivadas com milho e outras espécies hortícolas. Nas margens do rio, abundavam os choupos e também as videiras de morangueiro, formando belas ramadas que contribuíam com prazenteiras sombras e um odor magnífico, para actividades como a pesca, os banhos ou a simples soneca (www.ul-soul.blogspot.com).

Os **moinhos do Caldeirão (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** situam-se no lugar de Figueiredo de Baixo, nome proveniente do vale encaixado onde se situam e no qual corre uma ribeira

afluente do rio Antuã. Aqui existem vários moinhos de rodízio, sendo que dois deles foram alvo de recuperação e valorização, cada um com dois casais de mós e respectivas dependências adjacentes. O seu proprietário, Carlos Costa, tem a preocupação de manter este espaço acessível a quem o queira visitar, tendo mesmo a ideia de o manter aberto ao público no último domingo de cada mês, para que possa ser desfrutado por todos que queiram fazer um piquenique, praticar alguma actividade desportiva, ou somente contactar com o espaço natural e visitar os moinhos. Na sua inauguração, no Verão de 2007, Carlos Costa organizou um grandioso convívio, para o qual convidou toda a população do lugar de Figueiredo, tendo na altura encenado diversas actividades tradicionais relacionadas com o ciclo do pão (moinhosdeportugal.no.sapo.pt).

No **concelho de São João da Madeira** eram também comuns os moinhos de água. O livro “Memória de Tempos Idos” dedica um capítulo aos moinhos a água que outrora laboraram em São João da Madeira (Costa, 1997). Citando sanjoanenses idosos, faz referência a moinhos situados no **Parrinho, Espadanal, Travessas, Devesa Velha**, na “**Fonte do André**”, na **Casa da Volta** e na **Casa de Fundões**, entre outros. Segundo a mesma fonte, todos estes moinhos situados ao longo do curso do rio UI em São João da Madeira chegaram a ter cerca de 45 rodas a trabalhar ao mesmo tempo (www.oregional.pt).

Refira-se ainda do ponto de vista arquitectónico e turístico, o **núcleo histórico da Bemposta (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)**, situado a Sul do concelho de Oliveira de Azeméis, a 220 metros de altitude, numa encosta pertencente à bacia hidrográfica do rio Antuã. Pode aceder-se ao local pela N1, saída para Bemposta (N629 – Avenida das Flores), seguindo depois pela Rua dos Paços do Concelho. O sítio caracteriza-se pela presença de vias estreitas, limitadas por muros de pedra e casas de arquitectura erudita, algumas das quais possuindo capela, com propriedades agrícolas. No centro, junto aos antigos Paços do Concelho, existe um pequeno largo elevado, onde se encontra o Pelourinho. Deste sítio, mais propriamente no adro da Capela de S. Sebastião, adjacente ao largo do Pelourinho, observa-se, para Poente, a encosta e o vale até à Ria de Aveiro. A Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis prevê a dinamização do Núcleo Rural/Centro Histórico da Bemposta com animação turística e criação de espaços de alojamento.

Aproveitando as **condições naturais proporcionadas pelo vale dos rios Antuã e UI**, o seu **património arquitectónico, molinológico e etnográfico**, a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis pretende implementar no futuro um conjunto de **percursos pedestres** no âmbito do seu “Percurso Ambiental e de Lazer”.

O percurso **PR 2 - Rota dos Moinhos** é uma pequena rota circular em rede, com extensão de 2,2 km e duração de 1h, pretende promover o **Parque Molinológico de UI**. Saindo do Largo da **Igreja Matriz de**

UI, desce pela calçada inclinada até ao **Núcleo de Moinhos de Ponte da Igreja**, onde se localizará um futuro museu. A partir daqui, continua em estradão entre vegetação ripícola ao longo do rio UI, passando pelo futuro **Núcleo de Ambiente e Energias Renováveis de Moinhos de Adães/Azevelheira** (com demonstração de descasque de arroz e de produção de energias renováveis), até à **Ponte dos Dois Rios**. Já na margem esquerda do rio Antuã, passa por dois moinhos privados até à **Ponte do Crasto**, onde se localiza o parque de campismo. Atravessando a ponte, sobe a calçada até à primeira cortada à esquerda que dá acesso à área do **Castro de UI**, de onde se desce até ao ponto inicial do percurso. Tem como pontos de interesse o cruzeiro do Largo da Igreja, a Igreja Matriz de S. Brás, o Castro de UI, o Núcleo de Moinhos de Ponte da Igreja e o Núcleo de Moinhos de Adães/Azevelheira. Tem ligação com o PL 1 – Manica e o PR 3 – Vale do Antuã (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 3 – Vale do Antuã**, é uma pequena rota linear em rede, com a extensão de 6,9 km e tempo de duração de 3h30m, pretende estabelecer ligação entre o **Parque Molinológico de UI** e o futuro **Núcleo de Desporto de Natureza da Minhoteira**, ao longo das margens do rio Antuã e a visita a diversos conjuntos de **moinhos** que pontuam as margens do rio e seus afluentes. Saindo do Largo da **Igreja Matriz de UI**, desce pela calçada até à **Ponte do Crasto**. Na margem esquerda do rio Antuã, sobe a calçada que faz a ligação a Damonde, de onde volta a descer por estradão que margina os campos agrícolas em socacos, até ao rio. Passando a ribeira, sobe e continua pelo caminho de terra batida, que intercala com calçada, por entre floresta de eucalipto e algumas manchas de folhosas. Passa por baixo do viaduto da EN 224 e, pouco mais à frente, retoma a cota do rio ao longo de trilho de pé posto, entre folhosas. Uma vez iniciada a mancha de plantação de eucaliptos, sobe a vertente em direcção do planalto de Figueiredo, onde é possível terminar o percurso junto à **Capela de S. Luís**, no centro da povoação. Continuando o percurso, desce até aos **Moinhos do Caldeirão**, recuperados na margem da ribeira encaixada entre mancha densa de carvalhos. A partir daqui, as margens do rio são demasiado abruptas, pelo que prossegue ao longo da EM 224-3, no sentido Sudoeste (Estarreja). No primeiro estradão bem definido que surge à direita, volta a descer até ao rio, o qual se atravessa sobre o açude do **Moinho do Reque**. Agora na margem direita do rio Antuã, continua até à **Ponte da Minhoteira**, onde se localizará o futuro **Núcleo de Desporto de Natureza da Minhoteira**. Tem como pontos de interesse o Cruzeiro do Largo da Igreja de UI, a Igreja Matriz de S. Brás, a paisagem rural de Damonde, os moinhos do Caldeirão, o moinho do Reque, a Ponte da Minhoteira e a paisagem do vale do rio Antuã. Tem ligação com os percursos PL1 - Manica, PR2 – Rota dos Moinhos, PR4 – Senhora da Ribeira e PR5 – Moinhos da Bemposta (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 4 – Senhora da Ribeira** tem uma extensão de 1,1 km e uma duração de 30m, pretende desenvolver a área natural de lazer, estabelecendo ligação entre o futuro **Núcleo de Desporto de**

Natureza da Minhoteira e a **Capela de Nossa Senhora da Ribeira**, ao longo do vale que conduz à capela. Saindo do futuro Núcleo de Desporto de Natureza da Minhoteira, junto à **Ponte da Minhoteira**, vira para o estradão à esquerda que prossegue ao longo da ribeira marginada por vegetação ripícola até à Capela de Nossa Senhora da Ribeira. Tem como pontos de interesse a Ponte da Minhoteira, a **paisagem do vale do rio Antuã** e a capela da Senhora da Ribeira. Tem ligação com o PR 3 – Vale do Antuã e o PR 5 – Moinhos da Bemposta (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 5 – Moinhos da Bemposta**, com distância de 8,9 km e duração de 3h45m, tem como objectivo fazer a ligação entre o **Pinheiro da Bemposta** e o futuro **Núcleo de Desporto de Natureza da Minhoteira** e a visita a diversos conjuntos de moinhos que pontuam as margens do rio e seus afluentes. Saindo do Largo do Cruzeiro da Paróquia, atravessa o IC2, até à rua central do Pinheiro da Bemposta – Poente que organiza o conjunto urbano que integra casas, quintas e lavadouro com valor de patrimonial. Depois da passagem de nível, vira à direita para o trilho que, ao longo da linha de caminho de ferro, atravessa uma mancha de pinheiros de grande porte. Por trilho, seguido por estrada, que surge à esquerda desce a encosta até ao vale agrícola onde se inicia Figueiredo. Dentro do aglomerado, sai da rua principal para sequência de ruelas de moradias à esquerda que conduzem ao caminho que desce até aos campos agrícolas. Ao avistar uma mancha de carvalhos, vira à direita para um trilho ladeado por muro de pedra que entra no carvalhal. Descendo ao longo da ribeira, chega aos **Moinhos do Caldeirão**, recuperados nas margens da ribeira encaixada na mancha de árvores. A partir daqui, as margens do rio são demasiado abruptas, pelo que prossegue ao longo da EM 224-3 no sentido Sudoeste (Estarreja). No primeiro estradão bem definido que surge à direita, volta a descer até ao rio, que ali atravessa sobre o **açude do Moinho do Reque**. Agora na margem direita do rio Antuã, continua até à **Ponte da Minhoteira**, onde se localizará o futuro **Núcleo de Desporto de Natureza da Minhoteira**. Daqui entra no **vale da Senhora da Ribeira** e sobe pelo estradão na crista que separa as duas ribeiras afluentes da margem esquerda do rio Antuã até ao início do planalto. Prossegue sob os cabos de alta tensão para Norte e, em trilho, atravessam duas linhas de água entre folhosas. Após a segunda, toma um trilho à direita ao longo da **Ribeira de Fonte Chã**, onde existem vários moinhos em ruínas. Na curva da ribeira, o vale abre dando lugar a campos agrícolas e toma o estradão à esquerda que liga ao Pinheiro da Bemposta. Atravessa de novo a área central do aglomerado, chegando ao ponto inicial. Tem como (alguns) pontos de interesse a Ponte da Minhoteira, a **paisagem do vale do rio Antuã**, os Moinhos do Caldeirão, o Moinho do Reque, a paisagem ripícola da Ribeira de Fonte Chã, os Moinhos da Ribeira de Fonte Chã, a Igreja Matriz, o cruzeiro da Paróquia, o Pelourinho da Bemposta e diversas quintas e casas de interesse arquitectónico como a Quinta do Calvário, a Casa dos Melos, a Quinta do Passal e a Casa de Brasileiro. Tem ligação com os percursos PR3 – Vale do Antuã, PR4 – Senhora da Ribeira, PL2 – Pinheiro da Bemposta e PL3 – Bolfeta (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 10 – Cumeada (com variante PR 10.1)**, uma rota linear em rede, com a distância de 10 km (variante: 7,2 km) para ser percorrido em 4h15m, pretende fazer a ligação entre o **Parque La Salette** e o vale de Ossela, pelos **vales dos rios Antuã** e Caima e ao longo da cumeada que separa as bacias dos dois rios. Saindo do Parque La Salette, desce pela estrada do parque em direcção ao **rio Antuã**. Depois de passar a cortada das piscinas, toma o trilho à esquerda que, entre o arvoredo, liga à mina de água junto à antiga estrada, em paralelo, para Vale de Cambra. Seguindo uns metros pela estrada, vira à esquerda para o estradão privado que atravessa a mata de produção da **Quinta do Côvo**. Nesta mata, podem encontrar-se diversos exemplares de azevinho e rododendro naturais. A chegada aos edifícios da Quinta do Côvo é assinalada por dois plátanos de grande porte. Dentro da quinta, associado à casa de habitação, existe um jardim histórico de camélias. A partir dos plátanos, segue o estradão sob a latada que, já em trilho, passa por baixo da estrada nacional. Passando através de uma mancha de vegetação ripícola, atravessa o rio Antuã e continuando o trilho na outra margem, sobe até novo estradão da Mata da Quinta do Côvo. Passada a Estação de Tratamento de Água, na margem oposta, volta à cota do rio, atravessando-o novamente, prosseguindo o caminho por entre campos agrícolas até chegar ao casario. Passa por uma ribeira que escorre em cascata pela vertente, à esquerda. Cerca de 500 m mais à frente, toma a estrada à esquerda que, seguida por estradão, inicia a subida da vertente até à cumeada passando por floresta de produção e manchas de folhosas associadas a linhas de água. Atravessando a auto-estrada, chega à cumeada de onde se avistam o conjunto urbano de Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira e o vale rural de Ossela e suas vertentes. Inicia a descida até chegar a **Ribeiro de Baixo**, aldeia inserida num vale agrícola. Depois da Capela da Senhora da Lapa, toma a estrada à direita, por entre campos em socalcos. Ao chegar à estrada municipal que há que seguir, vira à esquerda, no sentido de Ossela. Pouco depois da fábrica, atravessa o **rio Caima na Ponte Nova**. Daqui segue pelo estradão à esquerda, na margem do rio, que faz a divisão entre floresta de produção e floresta de carvalhos, onde se salientam dois eucaliptos de grande porte. Seguindo em calçada, chega a **Chousal** e ao **Pedregulhal**. Propõe-se uma variante no início do percurso de forma a evitar o atravessamento da Quinta do Côvo, já que se trata de uma grande extensão do percurso em caminhos privados e encurtar significativamente a distância percorrida. Saindo do Parque La Salette, desce a escadaria em frente à capela e toma a rua à esquerda até Cidacos. Continua a descer ao longo da **Ribeira de Cidacos**, que se atravessa para Fundos do Lugar. Daqui, pela passagem superior da EN, segue até Vilar. Atravessando o rio Antuã e ao longo da estrada que organiza a povoação, chega ao entroncamento, a partir do qual se inicia a subida da vertente até à cumeada. Tem como pontos de interesse este percurso o Parque e Capela de La Salette, a Quinta do Côvo, a paisagem sobre Oliveira de Azeméis, a Capela da Senhora da Lapa, o Ribeiro de Baixo, o vale de Ossela e a paisagem do vale do rio Caima. No percurso variante, salientam-se ainda a Capela de Nossa Senhora do Carmo, a Quinta das Águas Férreas (Solar de Cidacos) e a

Casa dos Corte – Real (Cidacos), assim como os plátanos e o Jardim das Camélias na Quinta do Côvo. Tem ligação aos percursos PR8 – Princesa do Caima III, PR9 – Princesa do Caima IV, PL1 - Manica e PL4 – Roteiro Literário Ferreira de Castro, promovido pela Casa Museu Ferreira de Castro (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PL 1 – Manica**, é um percurso linear em rede, de cerca de 8,2 km (pela variante 7,2 km) com a duração de 2h45m, pretende estabelecer ligação entre o **Parque La Salette** e o **Parque Molinológico de UI**, potenciando a visita e atravessamento do centro da cidade de Oliveira de Azeméis e o **vale do rio Antuã**. Saindo do Parque La Salette, atravessa o IC2 na direcção do centro da cidade. Faz o atravessamento do centro pela zona pedonalizada que organiza o antigo conjunto urbano de Oliveira de Azeméis, com interesse patrimonial. Passando o Largo do Gemini e a zona escolar e desportiva, continua a descer em direcção ao **rio Antuã**. Desce toda a vertente entre manchas de folhosas e pinheiros e, sem atravessar a **Ponte do Manica**, continua em trilho ao longo da margem esquerda do rio. Ao chegar a um moinho, atravessa o rio na ponte pedonal, seguindo o trilho que, passando por novo conjunto de moinhos em ruínas, chega à estrada municipal. Aqui vira à esquerda para atravessar a ponte e, no entroncamento, toma a direita na direcção do centro de UI. Cerca de 300 metros mais à frente, sai da rua principal e continua pelas ruas estreitas que atravessam o aglomerado rural pontuado por casas e quintas de interesse patrimonial. A chegada faz-se no Largo da **Igreja Matriz de UI** de onde se pode descer pela calçada à direita para o **Parque Molinológico** na margem do rio. Tem como pontos de interesse o Parque La Salette, o centro da cidade de Oliveira de Azeméis, a **paisagem do vale do rio Antuã**, o Parque Molinológico de UI, a Igreja Matriz de São Miguel, a Capela de La Salette, a Capela de Nossa Senhora do Carmo, o cruzeiro no adro da Igreja Matriz e diversos edifícios antigos, como a Casa dos Monteiros, o Palacete “Salvador Machado”, o conjunto de casas na Rua Conde Santiago Lobão, o Salão Nobre, a Casa dos Sequeira Monterroso, a Casa “Amarela”, a Casa dos Reis e Vasconcelos (Corte-Real), a Casa dos Sosas Pedrosas (em classificação), a Casa da Família Albuquerque, o Palacete Manuel Brandão, a Casa da Família Barreto-Feio, etc., a Ponte do Manica, o Moinho do Ginete e casa do moleiro (Madaíl), a Igreja Matriz de S. Brás, o Cruzeiro do Largo da Igreja, o Cruzeiro do Caminho (UI). Tem ligação ao PR10 - Cumeada e PR2 – Rota dos Moinhos (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

A Câmara Municipal de São João da Madeira tem definido vários **percursos pedestres** urbanos ao longo das **margens do rio UI**: o percurso “**azul-escuro**” (com início na Praça Luís Ribeiro, passagem pela Rua da Liberdade, Praça 25 de Abril, **Parque Urbano do rio UI**, Rua Adelino Amaro da Costa, Parque Nossa Senhora dos Milagres, Rua Maestro Rui Ferrão, Ruas António José Neves e Visconde de S. João da Madeira, Av. da Misericórdia, Rua Manuel Luís Leite Júnior, Rua Manuel Luís da Costa, Rua dos

Bombeiros Voluntários, Praça Barbezieux, Rua de Timor, Rua Teixeira Pascoaes, Rua Infante D. Henrique, Rua do Dourado e término na Praça Luís Ribeiro) e o percurso “verde” (com início na Praça Luís Ribeiro, passagem pela Rua da Liberdade, Av. da Liberdade, Rua Camilo Castelo Branco, Rua do Espadanal, Rua do Vale, **Parque Urbano do rio UI**, Rua Manuel Vieira de Araújo, Rua Oliveira Figueiredo, Rua Grupo Patriótico Sanjoanense, Rua do Parrinho, Rua do Condestável, Parque Ferreira de Castro, Rua dos Tamanqueiros, Rua António Henriques, Rua Alão de Morais, Largo de S. João, Av. Benjamim Araújo, Rua 11 de Outubro, Rua Padre Oliveira e término na Praça Luís Ribeiro). O percurso “vermelho” tem passagem pela Rua Oliveira Júnior, onde estão o **Museu da Chapelaria** e a **fábrica da Oliva** (www.cm-sjm.pt).

As **lendas** são das mais belas expressões da literatura popular de tradição oral e são abundantes na região do **vale dos rios Antuã e UI**. Na freguesia de UI (Oliveira de Azeméis), existem histórias antigas associadas ao rio UI e alguns lugares por ele atravessados. Uma delas tem a ver com uma **grande cheia**: *“A noite de 9 para 10 de Fevereiro (domingo para segunda-feira) de 1879, será sempre de tristíssima recordação para o povo d’esta freguezia (UI). É ella atravessada, de Norte a Oeste pelo ribeiro da Salgueirinha, e de Sul a Sudoeste pelo do Pêgo, ou da Retorta, que juntando-se formam o rio UI. Naquella noite, em consequência de chuvas sucessivas, os dous ribeiros, tornaram-se em torrentes caudalosas, destruindo tudo por onde passou a corrente vertiginosa. Esta freguezia, é, na sua máxima parte, industrial, consistindo a sua principal industria, no fabrico do pão de trigo, que é vendido por todo o concelho e pelo de Cambra – e na descascagem de arroz, que exporta para várias partes do norte do reino. Era esta principal fonte de riqueza da freguezia, sustentada por as varias casas de moinhos, que nas margens d’estes rios se tinham fundado. (...) No domingo, desde o meio-dia, nunca cessou de chover, nem o vento tempestuoso que acompanhava a chuva, abonançou; ao escurecer já os rios apresentavam grande volume d’aguas, mas ainda não promettiam os estragos que causaram. Cerrou-se a noite, mas com uma escuridão tal, que o individuo, sem o auxilio de uma luz não podia dar um passo por caminho direito. A chuva era torrencial e as rajadas de vento pareciam destruir tudo. Eram dez da noite, e já os rios saham dos seus leitos, arrastando na corrente penedos, traves, pinheiros arrancados, e outros objectos de destruição. Às 11 horas principiaram a arrazar-se muitas casas de moinhos, que n’esta freguezia se achavam formadas nas margens dos rios, em numero superior a 63. Tudo cahiu por terra, ficando destruído até aos alicerces. Pontes de pedra e de madeira tudo desapareceu, ficando só a chamada de Salgueirinha, ponte antiga, de pedra. Ainda assim, os chamados corta-mares, que defendem os pegões d’esta ponte, ficaram quasi destruídos. Todos os assudes d’estes rios, à excepção de dois, desapareceram; terras lavradas, situadas nas margens dos rios, ficaram esgaivadas, e algumas até desapareceram a ponto de nem se saber aonde ellas existiam. Arvoredos inteiros, de vinha, foram arrancados, e tudo foi na cheia. Os negociantes de arroz, e os moleiros de trigo e milho, tinham estes*

géneros em grande quantidade nos moinhos; tudo se perdeu, e aquelles infelizes que tinham os seus moinhos como uma casa de residência, ficaram reduzidos á miséria, pois que, só a muito custo puderam conseguir salvar-se nus, perdendo na cheia todo o fructo dos seus trabalhos. Felizmente, não consta que n'esta freguezia houvesse victimas, isto com certeza devido a este desastre ser antes da meia-noite, pois se é de madrugada, hora em que o povo d'estas casas costuma descançar, pereceriam na cheia centenas de pessoas. Calcula-se o prejuízo, só para esta freguezia, que é pequena, em cento e dez contos de reis (...) e destruiu as pontes do Carvalhal, Ferral, Ruivo e Villa Cova' (Leal, 1875).

Uma outra lenda prende-se com o lugar da **Ponte da Ribeira**: *"No sítio da Ponte da Ribeira, d'esta freguezia, há uma mina de cobre, que promette um auspicioso futuro, ao que a explorar devidamente. Foi manifestada, mas, não procedendo o seu descobridor à lavra, no praso da lei, foi julgada abandonada, no 1º Junho de 1873. Tem também uma mina de chumbo, que se não explora" (Leal, 1875).* Também o lugar de **Crasto** encerra vestígios de uma civilização antiga: *"Na aldeia do Crasto (freguesia de UI), uns 400 metros a SO da igreja matriz, se teem achado muitas pedras quadradas, tijolos, e vestígios de alicerces, provando a existência de uma grande povoação allí: com toda a probabilidade, romana" (Leal, 1875).*

Também se referem histórias antigas sobre o **lugar da Corredoura, na freguesia de UI**: *"Junto a esta aldeia é o sítio da Corredoura. Diz o povo da terra, que se lhe deu este nome, por ser aqui que os mouros faziam corridas de cavalos, torneios e outros jogos. Passando o rio, mais a baixo, para Oeste, se sobe o Monte das Almas da Moura, ao qual, em antigos documentos, se dá o nome de Mamoinhas. É atravessado pelos alicerces de um muro, ainda bastante visíveis em partes. Isto prova com evidencia, que esta terra já era habitada por um povo pré-histórico, que existiu muitos séculos antes da invasão dos phenicios e dos carthaginezes, pois ainda se vêem algumas mamoas pré-celtas; e foi a ellas que o sítio deve o nome de Mamoinhas" (Leal, 1875)* e de **Vila Covo, na freguesia de Madaíl**: *"A pouca distancia d'este logar, principia a freguezia de Madail, onde também há um monte, chamado do Crasto, junto do qual, no sítio de Villa Covo, é tradição ter havido uma sanguinolenta batalha, entre lusitanos e normandos; e que, ficando indeciza, se repetiu a 3 km de distancia, a NO, no logar próximo, ainda hoje chamado Rio d'Ossos. Crê o povo desta freguezia que, quando d'aquí foram expulsos os mouros, deixaram grandes thesouros encantados, no tal monte do Crasto." (Leal, 1875).* Na freguesia de **Cucujães**, existem referências antigas ao **mosteiro beneditino de S. Martinho**: *"Na margem do rio Antuan, houve um convento de beneditinos, de invocação de S. Martinho, que ainda existia em 922, e passou depois a donatários" (Leal, 1875).*

Importa ainda referir a **lenda do Parque la Sallette, em Oliveira de Azeméis**: *"A devoção a Nossa Senhora de La Salette em breve ultrapassou as fronteiras de França, desconhecendo-se com exactidão quando chegou a Portugal. Certo é que, assolando o país uma tenebrosa seca, e a fome pairava já,*

*estiolados os campos morriam as culturas e os gados, o Abade João José Correia dos Santos promoveu uma procissão de penitência ao cume do **Monte dos Crastos**, suplicando chuva, prometendo a erecção, ali, de uma **capela em honra de Nossa Senhora de La Salette**. Refere a tradição que muito antes de alguns romeiros haverem chegado a casa, a chuva caiu abundante. Havia que cumprir o voto. Após várias contrariedades, a primitiva capelinha seria inaugurada em 19 de Setembro de 1880, cujos festejos carrearam até ali enorme multidão vinda desde a beira-mar até à serra” (www.lasalette.pt).*

A **Capela de Nossa Senhora da Ribeira (Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis)** constitui há séculos um templo de grande devoção. Eis a história que se conta sobre a sua construção: *“Uma viúva residente neste local prometera erguer uma nova capela à Virgem Maria, caso o seu único filho fosse ordenado padre. A criança, misteriosamente, desapareceu uma manhã no final da missa, em companhia de frades peregrinos. Passados muitos anos, quando o filho era apenas uma dolorosa e inconformada lembrança, a envelhecida mãe foi, como habitualmente, para o monte apascentar as ovelhas. Ao cair da noite, quando regressava a casa, eis que surge uma comitiva a pedir dormida e alimento, hospedagem que as condições de miséria da pastora não permitia. Tinha apenas uns restos de farinha escura para umas papas, pobre refeição que os cavaleiros logo aceitaram. De entre os viajantes falava-lhe o filho, já então bispo eleito de Cabo Verde que, dando-se a conhecer, anunciou vir cumprir o voto que a mãe tinha feito: construir uma capela em honra da Virgem Maria. Mais tarde, a mãe do bispo, D. Frei Sebastião de Ascensão, foi recolhida num convento. Esta lenda foi sendo transmitida de geração em geração, embora existam motivos para afirmar que seja mais verdade que ficção” (www.cm-oaz.pt).*

A bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI é atravessada pela **via romana que ligava Braga (BRACARA), Porto (CALE) e Lisboa (OLISIPO)**, que acompanhava o actual percurso da EN1 e da AE1. **A travessia do rio UI tinha duas alternativas com reencontro em Santiago de Riba-UI.** Uma dessas travessias seria pela **Ponte do Salgueiro**, depois seguindo para Cucujães, onde entroncava com a estrada de Ovar, com passagem pelos palacetes brasileiros Quinta do Sol e Villa Brandão. A outra travessia seria pela **Ponte da Pica**, desviando depois pela **Fábrica da Oliva** em São João da Madeira, passando a ponte da **Senhora dos Milagres**. Em Santiago de Riba-UI, seguia por Carcavelos, a ponte de Lações de Baixo e Ponte da Barca, seguindo para Oliveira de Azeméis, onde atravessava o alto do Serro para a **estação de caminho-de-ferro de UI**. Em U, nas fundações da sua Igreja Paroquial, foram encontrados dois importantes vestígios, um *Terminus Augustalis*, talvez demarcando a divisão territorial entre as civitas de TALÁBRIGA e LANGOBRIGA (Fiães), e o miliário a Tibério hoje no jardim em frente à Igreja Matriz de Oliveira de Azeméis, indicando XII (12) milhas de LANGOBRIGA. Outro miliário ilegível, talvez deslocado, foi encontrado em Adães (Loureiro), da Igreja descendo pela vertente nascente do morro do **Castro de UI**. Atravessando aqui a ponte sobre o rio Antuã, subia a Rua do Castro e entroncava na

estrada Travanca-Figueiredo, atravessando Damonde e Pinheiro da Bemposta, seguindo depois por Figueiredo de Cima e Figueiredo de Baixo, Rua e Quinta do Paço (**antiga albergaria da família real e provável *mansio***, onde se albergavam os oficiais romanos). A estrada romana seguiria depois em direcção à Branca, Albergaria-a-Velha e Albergaria-a-Nova (viasromanas.planetaclix.pt).

Fazendo a ligação entre Porto e Coimbra, existiam caminhos e vias medievais paralelos à costa conhecidos como "**estradas velhas**" ou "**mouriscas**". Uma dessas vias vinha de Coimbra, atravessava os **vales do UI** e Uíma, passava por Fiães, Argoncilhe e Pedroso até Gaia, onde uma barca permanente levava os que seguiam viagem até ao Porto. **Uma variante ligava o vale do rio UI à Vila da Feira e a Grijó**, passava por Negrelos até chegar ao porto fluvial de Gaia. Havia ainda uma que seguia junto à praia ou por perto entre o Antuã e Gaia. Naturalmente, a mais frequentada e a mais segura ou a melhor conservada era a primeira, a qual contornava a maioria dos castros da região, que com o tempo viraram fortificações defensivas para o tráfego e as populações. Ao longo destas vias, situavam-se as paróquias e as suas igrejas, os paços e os seus mosteiros, eram principalmente também os celeiros do bispo do Porto e muitas outras freguesias, mais ou menos rentáveis (Silva *et al.*, 2000).

São várias as pontes antigas de pedra ligadas à **Via Militar Romana sobre o rio UI e o rio Antuã**. A **Via Militar Romana**, no seu percurso entre a Cale (PORTO) e Emínio (COIMBRA), para o seu movimento e trânsito, necessitava de pontes para atravessar os rios UI, Antuã, Vouga e Águeda. O rastro da remota **Via Militar romana** é bem patente, em toda a sua extensão, desde o extremo sul de São João da Madeira até à **Ponte de Silvares**, como se vê pela sua directriz, largura e calçadas muito antigas, em bastantes pontos, feitas de pedra grada e bem conservadas. A Via Militar continuava a partir da antiga Igreja de S. João da Madeira em direcção ao Urreiro, e daí pelos lugares de Cucujães – Faria de Cima, Faria de Baixo, atravessando a Ponte e a povoação da **Pica** por onde corre o rio UI e, a seguir, pelo lugar das Cavadas. Passava a Bráfemes (aqui sobreposta pela Estrada Nacional), indo até à entrada das Curvas de Carcavelos, de Riba-UI, que deixava a poente para costear, a nascente, o lugar de Pereira, também de Riba-UI, e avançar até ao alto da Farrapa para descer logo pelo meio da povoação de Oliveira de Azeméis, continuando pelo Cruzeiro de Fundo de Rua, Portela do Alméu, até à **Ponte de Silvares**, sobre o rio Antuã. Porém, com a queda do Império Romano no ano de 476 e conseqüente dominação de diferentes povos que se lhe seguiram, sobreveio a decadência da anterior grandeza da Via Militar Romana nesta província da Lusitânia. E com o desaparecimento do antigo mundo romano, perdeu a mesma Via Militar a sua designação de "Romana", ficando-lhe apenas o renome da sua grandeza passada. Da estrada que passava pela Ponte e povoação da Pica em Cucujães, quase à entrada do lugar de Cavadas, partia um ramal de caminho que punha em comunicação com a mesma estrada o **Monte Castro Recarei** e o Castelo da Feira. Descia esse ramal ao rio UI, no sítio denominado Feirral, onde

atravessava uma ponte antiga (ponte antiga do Feirral), já destruída pela enchente de 1879, e daí bifurcava-se: a) um caminho seguia em direcção ao Monte Crasto Recarei, o qual delimitava, ao Sul, o antigo couto afonsino de Cucujães, com Vila-Cova, de Santiago de Riba-UI e a poente com Maçada, de S. Martinho da Gandra, e com Pereira, de S. Vicente de Pereira. b) o outro caminho prosseguia na directriz do Castelo da Feira, avançando junto da cerca do Mosteiro beneditino, do lado Norte, e daí pelos lugares da Costa e de Fermil, de Cucujães, e também pela freguesia de Mosteirô (Porzelio), do lado nascente e norte, e pela freguesia de Fornos que atravessava a poente e, a seguir, ao Castelo da Feira. Após a expulsão dos mouros, a antiga Via Militar Romana começou a ser chamada pelos Portucalenses “**Estrada Mourisca**”, nome que vulgarmente, mas impropriamente, se dava às estradas e bem assim às pontes da remota antiguidade. Também é certo que a Via Militar entre Lisboa e Porto começou a ter a denominação de “**Estrada Real**” desde o reinado de D. Maria I, e a ser empedrada, e desviada em muitos pontos do seu percurso. Devido ao aumento constante da população, à expansão do comércio e ao desenvolvimento da agricultura, das artes e indústrias, e dos caminhos-de-ferro com seus ramais para diferentes partes, não podia a Estrada Real comportar o movimento e o trânsito, nos dois sentidos, produzidos pelo fomento da economia regional e até mesmo nacional, tornando-se, por conseguinte, necessária e urgente outra estrada para activar e regulamentar os serviços de viação geral cada vez mais consideráveis, a fim de evitar tardanças e atropelamentos com todos os seus resultados inconvenientes. E daí a abertura da **Estrada Nacional**, nos meados do séc. XIX, entre Lisboa e Porto, a qual veio substituir a Estrada Real. Desde então, a mesma Estrada Real, em seu percurso dentro do território de Oliveira de Azeméis, ficou sendo chamada pelo povo “Estrada Velha”. E a Estrada Nacional, no seu percurso, dentro do referido território, segue a Estrada Velha com a mesma directriz e aproximações pouco distanciadas, ora de um, ora de outro lado e com algumas sobreposições. Foi no tempo da abertura da Estrada Nacional a construção das seguintes pontes: **a da Margonça, em Cucujães, sobre o rio UI; a de Cavaleiros, em Santiago de Riba-UI, sobre o ribeiro de Cavaleiros, e do Pêgo, em Macinhata de Seixa, sobre o rio Antuã** (Arêde, 1944).

A bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI é atravessada pela **Linha do Vouga** que fazia a ligação de Espinho a Aveiro, **atravessando os concelhos de Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha e Águeda**. Em 1907, é assinado o contrato de concessão da Linha do Vale do Vouga à Compagnie Française pour la Construction et Explotation de Chemins de Fer à L'Etrange. O troço Espinho - Oliveira de Azeméis é inaugurado em 1908 por D. Manuel II, correspondendo ao compromisso assumido pelo pai, o rei D. Carlos. Os trabalhos seguiram com a assistência de D. Manuel II; inicia-se a exploração até à estação de Sernada do Vouga em 1911, de Sernada a Vouzela e Bodiosa a Viseu, em 1913; de Vouzela a Bodiosa, em 1914. É aprovado em 1909 a construção do ramal de Aveiro, ligando a estação de Aveiro à linha do Vale do Vouga em Sernada do

Vouga e no mesmo ano, é aprovado o projecto das instalações para o entroncamento do ramal da Linha do Vale do Vouga com a Linha do Norte em Aveiro. É concluído o ramal em 1911. Em 1923, a companhia é nacionalizada, sendo aprovados em 1924 os estatutos da nova empresa que passa a ser designada por Companhia Portuguesa para a Construção e Exploração de Caminhos de Ferro que tinha como objectivo construir e explorar as linhas do Vale do Vouga. Em 1946, é assinada a escritura da transferência da concessão da Companhia do Vale do Vouga para a CP. O serviço no troço Sernada - Viseu esteve suspenso desde o início da década de 1970 até 1974, tendo o encerramento da linha sido justificado com a ocorrência de incêndios florestais, alegadamente provocados pelas locomotivas a vapor. Após o 25 de Abril, a linha é reaberta e os comboios a vapor são substituídos por automotoras. No entanto, nos finais de 1989, fica decidido o seu encerramento definitivo, que acabaria por acontecer em Janeiro do ano seguinte (www.webrails.tv). Actualmente é uma **linha secundária**, registando algum movimento nos troços **Aveiro - Águeda** e **Oliveira de Azeméis - Espinho**. Tem ligação à linha do Norte em Aveiro e Espinho. Perspectiva-se a inclusão do troço entre Oliveira de Azeméis e Espinho no Metro do Porto (www.diarioaveiro.pt).

Património Natural

No que diz respeito à caracterização do património natural da bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI, em zonas mais planas, menos declivosas e com menor ocupação urbana e industrial, verifica-se a prática de uma agricultura de subsistência, baseada no cultivo de **hortícolas** e **milho**. Nos declives mais acentuados, as encostas encontram-se revestidas essencialmente por manchas contínuas de **eucaliptos** (*Eucalyptus globulus*), **pinheiros** (*Pinus pinaster*) e **acácias** (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*). No sopé de encostas, adjacente a vales e às margens da linha de água, desenvolve-se vegetação autóctone como o **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), **aveleiras** (*Corylus avellana*), **giestas** (*Cytisus sp.*), **sobreiro** (*Quercus suber*) e ribeirinha que compreende o **amieiro** (*Alnus glutinosa*), o **salgueiro-negro** (*Salix atrocinerea*) e o **choupo** (*Populus sp.*). No sub-coberto arbustivo, abundam o **tojo** (*Ulex europaeus*), os **fetos** e as **silvas** (*Rubus sp.*).

A bacia do Antuã drena toda a zona industrial de Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira, registando elevados níveis de poluição orgânica e microbiológica, com efeitos na sobrevivência das comunidades ictiofaunísticas. O rio Antuã foi muito colonizado pela **truta** (*Salmo trutta*), **barbo-do-Norte** (*Barbus bocagei*), **escalos-do-Norte** (*Squalius carolitertii*) e **bogas** (*Chondrostoma polylepis*), tendo posteriormente desaparecido todas as espécies piscícolas, excepto a **enguia** (*Anguilla anguilla*). Porém, na última década do séc. XX, até a enguia deixou de ser capturada (Plano de Bacia Hidrográfica do rio Vouga (2002) em www.inag.pt). No entanto, existe uma concessão de pesca nas albufeiras do rio UI, no

concelho de S. João da Madeira para a pesca de **achigã** (*Micropterus Salmoides*), **barbo** (*Barbus bocagei*), **carpa** (*Cyprinus carpio*), **enguia** (*Anguilla anguilla*), **boga** (*Chondrostoma polylepis*), **escalo** (*Squalius caroliterti*), **pimpão** (*Carassius auratus*), **tenca** (*Tinca tinca*) e **truta** (*Salmo trutta*) (www.afn.min-agricultura.pt).

Equipamentos

De seguida, listam-se alguns **equipamentos** que se localizam na **bacia hidrográfica dos rios Antuã e UI**, de montante para jusante.

O **Parque La Salette (Oliveira de Azeméis)** é um parque verde situado a nascente do IC2 que ladeia o centro de Oliveira de Azeméis, considerado “ex-libris” da cidade, coroado pela capela de Nossa Senhora de La Salette. É um miradouro natural, pelas suas características, do parque é possível desvendar a Norte São João da Madeira, a **Nordeste os vales dos rios Antuã** e Caima e algumas zonas montanhosas de Arouca, como a Serra da Gralheira. Já a Sul observam-se os socacos das freguesias de Travanca, Pinheiro da Bemposta e a mancha florestal da Bairrada; a Oeste, além da cidade, a ria de Aveiro e a linha do mar, de Ovar à Costa Nova. O Parque de La-Salette nasceu por iniciativa de populares, em Abril de 1909, gerida pela Comissão Patriótica Oliveirense, seguida da Comissão de Melhoramentos de La Salette. Actualmente, a limpeza, dinamização e manutenção de toda a área do parque é da responsabilidade da Fundação La Salette (www.lasalette.pt). O parque serve para o lazer e a prática desportiva, através de vários circuitos de manutenção e espaço para acções de educação ambiental. As festas de Nossa Senhora de La Salette, que se realizam em Agosto, são as mais populares do concelho. A capela, com o mesmo nome e inserida no parque, foi construída entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, tendo sido o primeiro templo construído em Portugal destinado ao culto de Nossa Senhora de La Salette (www.cm-oaz.pt). Do património natural (flora) do Parque La Salette, incluem-se o **castanheiro-da-Índia** (*Aesculus hippocastanum* L.), a **árvore-de-seda** (*Albizia julibrissin* Durazz.), o **amieiro-branco** (*Alnus incana* (L.) Moench), o **medronheiro** (*Arbutus unedo* L.), a **banksia-da-costa** (*Banksia integrifolia* L. f.), o **videiro** (*Betula alba* L., *Betula pendula* Roth), a **bútia-lanosa** (*Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc.), o **escovilhão-das-garrafas** (*Callistemon salignus* (Sm.) Sweet), a **torga-ordinária** (*Calluna vulgaris* (L.) Hull), a **japoneira** (*Camellia japonica* L.), a **catalpa** (*Catalpa bignonioides* Walter), o **cedro-do-Atlas** (*Cedrus atlantica* (Endl.) Carrière), o **cedro-do-Líbano** (*Cedrus libani* A. Richard in Bory), a **olaia** (*Cercis siliquastrum* L.), o **cedro-branco** (*Chamaecyparis lawsoniana* (A. Murray) Parl.), o **sakaki** (*Cleyera japonica* Thunb.), os **espinhos-da-cruz** (*Colletia paradoxa* (Sprengel) Escal.), a **planta-de-jade** (*Crassula ovata* (Mill.) Druce), a **criptoméria-do-Japão** (*Cryptomeria japonica* (L. fil) D. Don), o **cipreste-do-Arizona** (*Cupressus arizonica* Greene), o **cedro-do-Buçaco**

(*Cupressus lusitanica* Miller), o **cipreste-da-Califórnia** (*Cupressus macrocarpa* Hartweg), a **baga-de-prata** (*Elaeagnus macrophylla* Thunb.), os **aranhiços** (*Eupatorium ligustrinum* DC.), a **urze** (*Erica cinerea* sp.), a **faia** (*Fagus sylvatica* var. *purpurea* L.), o **ginkgo** (*Ginkgo biloba* L.), a **hera** (*Hedera helix* L.), a **nogueira** (*Juglans regia* L.), o **zimb-ro-comum** (*Juniperus communis* L.), o **chá-australiano** (*Leptospermum laevigatum* F. von Muell.), o **alfenheiro-oval** (*Ligustrum ovalifolium* Hassk.), a **árvore-de-Júpiter** (*Lagerstroemia indica* L.), a **árvore-do-âmbar** (*Liquidambar styraciflua* L.), o **tulipeiro** (*Liriodendron tulipifera* L.), a **magnólia** (*Magnolia grandiflora* L.), a **amoreira-negra pêndula** (*Morus nigra* "pendula" L.), a **murta** (*Myrtus communis* L.), a **oliveira** (*Olea europaea* var. *europaea* L.), o **falso-azevinho** (*Osmanthus heterophyllus* (G. Don) P.S. Green), a **palmeira-das-Canárias** (*Phoenix canariensis* (hort. ex Chabaud)), a **tamareira** (*Phoenix dactylifera* (L.)), a **photinia-chinesa** (*Photinea serratifolia* (Desf.) Kalkman), o **abeto-do-Norte** (*Picea abies* (L.) Karsten), o **picea-do-Afeganistão** (*Picea smithiana* (Wall.) Boiss.), o **picea-de-Stika** (*Picea stichensis* (Bong.) Carrière), o **pinheiro-manso** (*Pinus pinea* L.), o **pinheiro-branco** (*Pinus strobus* L.), a **árvore-do-incenso** (*Pittosporum undulatum* Vent.), o **plátano** (*Platanus hispanica* Mill. ex Muenchh.), o **teixo-das-ameixas** (*Prumnopitys andina* (Poepell. ex Endl.) de Laub), o **loureiro-real** (*Prunus laurocerasus* L.), o **carvalho-escarlata** (*Quercus coccinea* Muenchh.), o **carvalho-loureiro** (*Quercus imbricaria* Michx.), o **carvalho-alfinete** (*Quercus palustris* Muenchh.), o **carvalho-rob-le** (*Quercus robur* L.), o **carvalho-americano** (*Quercus rubra* L.), o **sobreiro** (*Quercus suber* L.), a **falsa-acácia** (*Robinia pseudoacacia* L.), o **pilriteiro-do-Japão** (*Rapiolepis umbelata* (Thumb.) Makino), o **chapéu-de-chuva japonês** (*Sciadopitys verticillata* (Thunb.) Siebold & Zucc.), a **sequoia** (*Sequoia sempervirens* (Lamb.) Endl.), o **cipreste-dos-pântanos** (*Taxodium distichum* (L.) L.C.M. Richard), a **tuia-do-Canadá** (*Thuja occidentalis* L.), a **falsa-tuia-do-Japão** (*Thujopsis dolabrata* (L. fil.) Siebold & Zucc.), a **tilia-de-folha-grande** (*Tilia platyphyllos* Scop.), a **tilia-chorona** (*Tilia petiolaris* DC.), a **palmeira-da-China** (*Trachycarpus fortunei* (Hooker) H.A. Wendl.), o **ulmeiro-da-Sibéria** (*Ulmus pumila* L.), o **tojo** (*Ulex europaeus*), a **palmeira-da-Califórnia** (*Washingtonia filifera* (Lindl.) H. A. Wendl.) e a **glicínia** (*Wisteria floribunda* (Willd.) DC.) (www.lasalette.pt).

O **Pavilhão Municipal das Travessas (S. João da Madeira)** é um dos maiores recintos desportivos cobertos do País com capacidade para 6000 espectadores, podendo funcionar simultaneamente, no seu interior, quatro áreas de jogo. Este equipamento tem sido um dos "palcos" principais da vasta actividade desportiva que vem acontecendo em S. João da Madeira (www.cm-sjm.pt). Situa-se na **margem direita do rio UI, na Zona Industrial das Travessas**.

O **Parque Ferreira de Castro (São João da Madeira)** é um espaço verde municipal inserido em meio urbano, com uma área aproximada de 2 ha. Eram terrenos de uma antiga quinta adquirida pela Câmara Municipal de São João da Madeira para jardim público. Oferece diversas valências de espaço de lazer

como o café, o mini-golfe e campos de desporto. No parque, encontra-se um **monumento dedicado a Ferreira de Castro (1988-1974)**, uma das maiores figuras da literatura portuguesa do séc. XX, autor de "Emigrantes" (1928) e "A Selva" (1930), consideradas obras precursoras do neo-realismo na literatura portuguesa. O parque inclui no estrato arbóreo exemplares de **tilias** (*Tilia plathyphyllos*, *Tilia cordata* e *Tilia tomentosa*), **grevílea-robusta** (*Grevillea robusta*), **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), **criptoméria** (*Cryptomeria japonica*), **sobreiro** (*Quercus suber*), **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*), **tuia-gigante** (*Thuja plicata*), **abetos** (*Abies sp*), **carvalho-americano** (*Quercus coccinea*), **austrália** (*Acacia melanoxylon*), **castanheiro** (*Castanea sativa*), **liquidâmbar** (*Liquidambar styraciflua*), **bordo-negundo** (*Acer pseudoplatanus*), **plátano** (*Platanus orientalis var. acerifolia*), **robínia** (*Robinia pseudoacacia*), **tulipeiro** (*Liriodendron tulipifera*), entre outros. No estrato arbustivo surgem, essencialmente, **azáleas** (*Rhododendron sp.*).

O Parque Urbano do rio UI (São João da Madeira), situado no vale do rio com o mesmo nome, foi projectado pelo arquitecto paisagista sanjoanense Sidónio Pardal e inaugurado em Maio de 2008. Estende-se, paralelamente à Avenida da Liberdade, entre o edifício da Câmara e o lugar da Ponte, abrangendo, nesse ponto da cidade, o **rio UI e as suas margens**. Com uma área total de cerca de 30 ha, é um dos principais espaços verdes de S. João da Madeira. Pelo seu interior, serpenteiam percursos que convidam ao passeio a pé ou de bicicleta (www.cm-sjm.pt). A zona do parque, situada mais a Norte, observa-se a existência de árvores de grande porte, com predomínio de **sobreiros** (*Quercus suber*) e **carvalhos-alvarinho** (*Quercus robur*). Observa-se também a presença de grandes **criptomérias** (*Cryptomeria japonica*), **liquidâmbares** (*Liquidambar styraciflua*), **choupos-negros** (*Populus nigra*), **salgueiro-chorão** (*Salix babylonica*) e **plátanos** (*Platanus orientalis var. acerifolia*). Junto à linha de água, surgem algumas espécies ripícolas como **amieiro** (*Alnus glutinosa*), **freixo** (*Fraxinus angustifolia*), **salgueiro-negro** (*Salix atrocinerea*), **junco** (*Juncus effusus*), **tábua-larga** (*Typha latifolia*), **papiro** (*Cyperus papyrus*), **arrabaça** (*Oenanthe crocata*), entre outras. De referir ainda que mais de 1000 árvores foram plantadas pelas crianças das escolas de São João da Madeira neste parque. Ao nível herbáceo, a espécie mais comum é, sem dúvida, o **trevo-branco** (*Trifolium repens*).

Neste parque, está também projectada a criação de uma praia fluvial e respectivo edifício de apoio, na zona junto à Rua 1.º de Maio. A praia fluvial só será aberta ao público quando o processo de despoluição do rio estiver concluído. Durante a obra de construção do Parque Urbano do rio UI, foi encontrado, perdido no tempo e na memória dos sanjoanenses, **um dos antigos moinhos a água, que outrora, o rio UI fazia mover**, escondido pela vegetação que ao longo dos anos foi cobrindo o edifício, na zona norte do Parque, junto à Rua 1.º de Maio. O edifício estava em avançado estado de degradação, tendo

sido alvo de remodelação. A Câmara Municipal de S. João da Madeira planeia recuperar por completo este moinho a água e colocá-lo em funcionamento, para que os sanjoanenses e visitantes possam fazer uma viagem no tempo, até à época em que trigo, milho, centeio e cevada eram moídos em mós movidas com recurso à corrente do rio UI (www.oregional.pt).

O **Jardim Municipal (São João da Madeira)** é um espaço verde junto ao rio UI, anexo à Câmara Municipal, projectado pelo arquitecto paisagista Sidónio Pardal. Percorre-se todo o espaço através de caminhos pedonais. Tem áreas extensas de relvado que funcionam como espaços para recreio da população. Este espaço tem comunicação com a Rua Vasco da Gama. De referir também a ligação existente entre este espaço e o Parque Urbano do rio UI, dada a proximidade um do outro e a tipologia de intervenção que é bastante idêntica. Existe neste jardim municipal uma ponte de arcos sobre o rio UI, em cantaria de pedra, construída no séc. XIX, que veio substituir uma outra ponte de madeira existente no mesmo local. Da flora, concentrada na parte mais periférica do Parque e nas orlas dos relvados existentes, destacam-se ao nível arbóreo, a **magnólia** (*Magnolia soulangeana*), o **liquidâmbar** (*Liquidambar styraciflua*), o **choupo-branco** (*Populus alba*), o **vidoeiro** (*Betula pendula*), o **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), o **carvalho-americano** (*Quercus rubra*), o *Quercus palustris*, o **bordo-negundo** (*Acer pseudoplatanus*), o **tulipeiro** (*Liriodendron tulipifera*), o **freixo** (*Fraxinus angustifolia*), o **bordo-negundo** (*Acer negundo*), o **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), o **castanheiro-da-Índia** (*Aesculus hippocastanum*), o **abrunheiro-dos-jardins** (*Prunus cerasifera var. pissardi*), o **choupo-negro** (*Populus nigra*), o **ginkgo** (*Ginkgo biloba*), o **salgueiro-chorão** (*Salix babylonica*) e a **criptoméria** (*Cryptomeria japonica*). No estrato arbustivo, surgem as **glicínias** (*Wisteria sinensis*), as **azáleas** e os **rododendros** (*Rhododendron sp.*), o **buxo** (*Buxus sempervirens*), o **junípero-rastejante** (*Juniperus horizontalis*), os **agapantos** (*Agapanthus africanus*), os **pitósporos** (*Pittosporum tobira*), entre outras espécies.

O **Parque Nossa Senhora dos Milagres (São João da Madeira)** situa-se na Av. do Vale, a partir da Av. da Liberdade. É um parque público dos **inícios do séc. XX**, situado na parte Sudeste da cidade. Foi projectado por Jacintho de Mattos. Este Parque/Santuário é inspirado pelo Padre Serafim Leite e é iniciativa de um grupo de cidadãos constituído de propósito para o efeito em 1930, o Grupo Patriótico Sanjoanense. Colocada a primeira pedra do santuário em 1934, este viria a ser inaugurado, assim como o Parque envolvente, com todas as valências necessárias, em Novembro de 1938 pelo Bispo do Porto D. António Augusto de Castro Meireles. A partir de alguns pontos do parque, é possível ter-se uma vista ampla sobre a cidade e espaço envolvente. É um espaço bastante utilizado pela população local, o que o torna num dos mais importantes espaços verdes públicos da cidade, que para além de tudo possui um elevado valor histórico e cultural para a população. Actualmente a Câmara Municipal está a realizar um projecto de requalificação para este parque.

Em termos de flora, o parque possuiu uma diversidade de exemplares arbóreos de grande porte, na sua maioria espécies plantadas na 1ª metade do séc. XX (1932), aquando a construção do parque. Num primeiro patamar, anexo à igreja de Nossa Senhora dos Milagres, na zona de maior altitude, existe a predominância de coníferas: **sequóias** (*Sequoia sempervirens*), **ciprestes** (*Cupressus sp.*), **cedros** (*Cedrus sp.*), **criptomérias** (*Cryptomeria japonica*), entre outras espécies. Nas encostas identificam-se, para além das espécies anteriormente referidas, a presença de folhosas: **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), **carvalho-americano** (*Quercus rubra*), **sobreiro** (*Quercus suber*), **tulipeiro** (*Liriodendron tulipifera*), **eucaliptos** (*Eucalyptus globulus* e *Eucalyptus pauciflora*), **carpa** (*Carpinus betulus*), **bútia** (*Butia capitata*), **bordo-negundo** (*Acer pseudoplatanus*), **freixo** (*Fraxinus angustifolia*), **castanheiro** (*Castanea sativa*), **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), **magnólia** (*Magnolia grandiflora*), **austrália** (*Acacia melanoxylon*), entre outras. Existem alguns conjuntos de **camélias** (*Camellia japonica*) espalhados pelo parque. Os caminhos que serpenteiam o Monte dos Milagres são acompanhados por alinhamentos de **criptomérias** (*Cryptomeria japonica*), na zona mais superior e por **tílias** (*Tilia platyphyllos* e *Tilia tomentosa*), numa zona mais inferior.

O **Parque Temático Molinológico (UI, Oliveira de Azeméis)** é um projecto da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, implantado numa área de cerca de 9 ha. Localiza-se a SO do concelho, na **margem esquerda do rio UI**, próximo da sua foz. Tem acesso pela N1 saída Travanca, seguindo depois pelas Ruas da Estrada Real, Santo António e dos Moinhos. Neste local, localizam-se **11 moinhos**, alguns dos quais sofreram obras de recuperação. Atravessando a **Ponte do Crasto** e seguindo a margem esquerda do rio UI, que corre ao longo de um sistema de levadas e açudes, e que se une ao rio Antuã, os terrenos mais planos encontram-se cultivados, com plantações de **milho** e **azevém**. Para este local, a Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis prevê a despoluição dos rios Antuã e UI e requalificação das suas galerias ripícolas, a criação de percursos (pedestres e cicláveis) ao longo das margens, a ligação das duas margens, a criação de condições e aquisição de material de apoio para a prática de alguns desportos radicais e a implementação e dinamização do projecto do Parque Molinológico. O parque situa-se a Sul do lugar de Crasto, onde o rio UI desagua no rio Antuã, na cota de 50 metros. O **lugar de Castro**, deve o seu nome à existência de um castro, hoje pouco visível, no topo de um monte que atinge os 105 metros de altitude, onde predomina o **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*) e o **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), desenvolvendo-se contudo, há ainda alguns exemplares de **carvalho-roble** (*Quercus robur*), **sobreiros** (*Quercus suber*), com **tojo** (*Ulex europaeus*), **fetos**, **silvas** (*Rubus sp.*), no sub-coberto ao longo do percurso dos rios Antuã e ÚI. A galeria ripícola é composta por **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **aveleira** (*Corylus avellana*) e **salgueiro-negro** (*Salix atrocinerea*).

Do Parque Temático Molinológico de Oliveira de Azeméis irá constituir-se um **núcleo museológico do moinho e do pão**, um auditório, salas para exposições, caminhos pedestres e um centro de interpretação da paisagem envolvente. Tem como objectivo preservar a história e as **raízes do descasque do arroz e da moagem do pão** da região. O núcleo museológico, onde vai estar patente vários tipos de acervo relativo aos moinhos e disponibilizados **espaços didácticos**, onde os visitantes poderão consultar dados históricos do local e ouvir, inclusive, testemunhos vídeo das vivências dos antigos moleiros. Um dos moinhos do núcleo estará também funcionar em pleno, permitindo a visualização de todos os pormenores do ofício de moleiro. No exterior deverão surgir **espaços de lazer e construídos circuitos de valorização ambiental**. **Percursos pedestres e de BTT** são algumas das iniciativas anunciadas. Ao longo da margem do UI, existem outros moinhos para os quais a autarquia de Oliveira de Azeméis está ainda a definir a sua ocupação. Um dos edifícios deverá albergar um grupo local de escuteiros, enquanto que um outro vai ser equipado com tecnologia que permitirá usar as águas do rio e a luz solar para o fornecimento de energia eléctrica a alguns moinhos. O trajecto a pé junto ao rio ainda está condicionado, havendo necessidade de recorrer aos caminhos de serventia. No entanto, a autarquia mostra interesse em limpar a zona pedonal junto à margem (www.oazonline.com).

Acessibilidades

A bacia hidrográfica do **rio Antuã** e do seu afluente, o **rio UI**, atravessa a região que abrange os concelhos de Arouca, São João da Madeira e Oliveira de Azeméis. De seguida, expõe-se uma breve descrição da **história, tradições e cultura de cada concelho e freguesia**, atravessados pelos rios Antuã e UI.

Concelho de Arouca

O município de **Arouca** abrange uma área de 327 km² e situa-se no extremo NE do distrito de Aveiro. Faz fronteira com o seu território os municípios de Cinfães, Castelo de Paiva e Gondomar (a Norte), Vale de Cambra e S. Pedro do Sul (a Sul), S. Pedro do Sul, Castro Daire (a Este), Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis (a Oeste). A vila, sede do concelho, tem cerca de 3000 habitantes e está situada no extremo nascente do **Vale de Arouca**, a cerca de 60 km de Aveiro e 50 km do Porto. O concelho é composto por 20 freguesias e habitam cerca de 24000 habitantes (Censos 2001). O posicionamento neste contexto regional traduz a situação de fronteira/interface que Arouca detém, entre as regiões Norte e Centro de Portugal, entre os distritos de Aveiro, Viseu e Porto e entre o litoral e o interior (www.cm-arouca.pt).

A vila é bastante antiga, provavelmente edificada pelos galo-celtas, quatro ou cinco séculos a.C.. Uma **cidade romana**, de nome **Arouca, Aruca, ou Areduta**, foi aqui erguida por César Augusto em 34 a.C., tendo existido até 716, data após a qual foi destruída pelos muçulmanos. Em 1102, o conde D. Henrique confrontou-se com o mouro Echa Martim naquela que viria a ser conhecida como a batalha de Arouca. A vila recebeu forais de D. Afonso Henriques, em 1151, de D. Afonso II, em 1217, e de D. Manuel, em 1513. Arouca herdou freguesias de concelhos suprimidos no séc. XIX e até concelhos na sua globalidade. O concelho de Vila Meã do Burgo deu origem à freguesia do Burgo quando, em 1817, foi anexado ao de Arouca. Com a extinção dos municípios de Alvarenga (1836) e Fermedo (1855), Alvarenga acrescentou a Arouca as freguesias de Santa Cruz de Alvarenga, Canelas, Janarde e Espiunca e Fermedo as freguesias de S. Miguel do Mato, Fermedo, Escariz e Mansores. A freguesia de Covêlo de Paivó, que pertencia ao concelho de S. Pedro do Sul, foi anexada em 1917 ao concelho de Arouca (www.cm-arouca.pt).

O antigo **couto de Arouca**, que congregava a maior parte das actuais freguesias, era constituído pelas freguesias de S. Bartolomeu - em 1846, foi desdobrada nas de S. Bartolomeu de Arouca e Santo Estêvão de Moldes - Cabreiros, Albergaria da Serra, parte da de S. Salvador do Burgo, Santa Eulália, S. Miguel de Urrô, Várzea, Rossas, Santa Marinha de Tropêço e Chave, que, com as já indicadas acima, perfazem as actuais vinte freguesias do concelho de Arouca. O território de Arouca foi povoado desde tempos remotos, como o comprovam múltiplos vestígios pré-históricos encontrados. Da época da presença e domínio dos romanos na Península Ibérica, sabe-se muito pouco. Pelos vestígios arqueológicos encontrados, deve ter sofrido uma romanização tardia, talvez por estar localizada já fora das zonas mais próximas do litoral das vias de circulação Norte-Sul. Pela toponímia é atestada a permanência de populações de origem germânica, resultante das chamadas invasões bárbaras. Nomes como Sá, Saril, Alvarenga, Burgo, Escariz, Friães e Melareses são exemplificativos (www.cm-arouca.pt).

De períodos mais recentes, durante as incursões muçulmanas, os núcleos habitacionais de Arouca ficaram quase desertos de população cristã, que se refugiou em locais pouco acessíveis ou noutras paragens mais a Norte, donde só terá regressado quando, mais tarde, com os avanços da Reconquista Cristã para Sul, a instabilidade se afastou. No entanto, a história de Arouca só ganha destaque entre outras terras, a partir da fundação e posterior crescimento do seu Mosteiro.

Entre 915 e 925, foi fundado o Mosteiro de Arouca, por um casal de visigodos, Loderigo e Vândilo. Depois da morte dos fundadores, o convento foi vendido a D. Ansur e sua mulher, D. Eileuva que o aumentaram e enriqueceram. No ano de 951, por vontade destes, o mosteiro surge dedicado aos mártires S. Cosme e S. Damião, associados a S. Pedro; posteriormente, o casal entregou o cenóbio ao abade Ermenegildo. No período entre 1114 e 1154, o mosteiro conheceu uma fase de grande esplendor sob a direcção de D.

Toda Viegas; em 1154, o mosteiro passou a ser exclusivamente feminino, governado por uma padroeira, a abadessa Elvira Anes, sob a regra beneditina, após a morte da qual, o mosteiro passou para a coroa. Em 1210, D. Sancho I legou o mosteiro a sua filha, D. Mafalda, que sete anos mais tarde exerceu o padroado sobre o mesmo, impondo a regra de Cister e aumentando a riqueza do convento por doação dos seus bens herdados, entre eles os direitos reais e a jurisdição da freguesia de Arouca. A Rainha Santa Mafalda morreu em 1256, ali ficando sepultada, sendo beatificada no séc. XVIII (arouca.aroucanet.com).

A economia municipal assenta sobretudo na **agro-pecuária** e na **silvicultura**. O seu património natural inclui a serra de Arada, parte da serra de Montemuro, os rios Vouga, Paiva, Arda e **Antuã**, as pedras parideiras e a Frecha da Mizarela, na serra da Freita, sob o rio Caima.

Escariz é uma freguesia do concelho de Arouca, com área de 17,13 km² e uma população residente de 2255 habitantes (Censos 2001). Dista 18 km da sede de concelho. Os rios Arda e Inha atravessam a freguesia, ambos na direcção Sul-Norte, o primeiro a nascente e o segundo a poente. O **rio Antuã nasce nesta freguesia mais a Sul**. O topónimo Escariz é um derivado germânico de "*Aschar*", cuja tradução é "Ascário" que significa literalmente "guerreiro armado com uma lança de haste de madeira de freixo". O geónimo "Ascário" surge também através do topónimo latino medieval "*Villa Ascariquic*" que significa a Quinta de Ascário. Pela existência na região de **castros** e **mamoas**, o povoamento da freguesia de Escariz é muito antigo. A paróquia de Santo André de Escariz é citada nas Inquirições de 1288, como uma povoação que era toda foreira ou, parte dela da coroa, não existindo nela qualquer honra. Segundo a tradição, a Igreja Matriz de Escariz deverá ter sido, sensivelmente até ao séc. XV, um convento de freiras beneditinas, que no mesmo século terão sido transferidas para o convento de Avé Maria do Porto; o que, em parte, se confirma, pois a freguesia de Escariz foi uma vigaria anexa aquele convento e passou depois a reitoria independente. Em 1514, D. Manuel I deu Foral Novo ao julgado da Feira, e deste a freguesia de Escariz passou a beneficiar. A freguesia chegou ainda a pertencer ao concelho de Fervedo; contudo, o mesmo foi dissolvido em 1855 (escariz.aroucanet.com).

Destaca-se do património histórico-cultural da freguesia, a Igreja Matriz, a **Capela de Nabais**, a Capela da Abelheira, Capela de Vêr e Coval Quente. O Monte da Abelheira e os rios Arda, Inha e **Antuã**, destacam-se como os seus locais de maior interesse. Escariz é uma freguesia de **terrenos férteis**, propícios à agricultura que se tornou uma das principais actividades dos seus habitantes, que, para além desta, vivem também da transformação de madeiras, da indústria do calçado e da construção civil. A **apicultura** também se encontra em franca evolução. Em Escariz, ocorrem várias festividades: Nossa Senhora do Carmo (domingo a seguir a 16 de Junho), a Festa do Corpo de Deus (dia de Corpo de Deus), S. Miguel Arcanjo, na Capela de Ver (2º domingo de Agosto/Setembro), São Pedro, em Nabais (domingo

mais próximo de 29 de Junho), Senhora dos Remédios (2º fim-de-semana de Setembro), Senhora da Conceição, na Abelheira (último domingo de Agosto), Senhora da Saúde (Agosto) e Santo André, padroeiro da freguesia (3º domingo de Julho).

Concelho de Santa Maria da Feira

É o concelho que se segue na bacia hidrográfica do **rio UI, afluente do rio Antuã**. A cidade com o mesmo nome pertence ao distrito de Aveiro, situa-se na região Norte, subregião de **Entre Douro e Vouga**, com cerca de 12000 habitantes. É sede de um município com 215 km² de área e cerca de 136000 habitantes (Censos 2001), subdividido em 31 freguesias. Integra a Área Metropolitana do Porto desde Janeiro de 2005. É limitado a Norte por Vila Nova de Gaia e Gondomar, a Este por Arouca, a Sudeste por Oliveira de Azeméis e São João da Madeira, a Sul e a Oeste por Ovar e a Oeste por Espinho. O município de Santa Maria da Feira inclui três cidades (Fiães, Lourosa e Santa Maria da Feira) e 13 vilas (Argoncilhe, Arrifana, Caldas de São Jorge, Canedo, Lobão, Mozelos, Nogueira da Regedoura, Paços de Brandão, Rio Meão, São João de Vêr, São Miguel do Souto, São Paio de Oleiros e Santa Maria de Lamas). Até à sua elevação a cidade em 1985, era conhecida como Vila da Feira.

O concelho de Santa Maria da Feira destaca-se pela **força histórica do seu passado milenar**. A presença de vestígios de povos proto-históricos, de povos romanos e árabes, as lutas da Reconquista, da fundação da Nacionalidade, as influências intelectuais e sociais dos Frades Lóios, as invasões francesas, as guerras peninsulares, a emigração para o Brasil, a França e a Alemanha, entre outros acontecimentos históricos e sociais, constituem o legado que é, hoje, a matriz cultural do concelho (www.cm-feira.pt). As origens da cidade da Feira são remotas e devem-se, provavelmente, à formação de uma povoação perto do Castelo. Junto às suas muralhas, realizava-se uma feira, sob a invocação da Virgem Maria, onde se vendiam os produtos das colheitas, as alfaias, as ferramentas, os panos, o sal e outros artigos necessários ao viver quotidiano da população. O castelo, como interposto militar e de defesa de uma vasta região, proporcionava aos feirantes a segurança devida dos seus bens e dos seus produtos, podendo comercializá-los sem receios, ajudando a transformar esta feira, numa importante manifestação religiosa, cultural e social e que deu origem ao nome da terra (www.cm-feira.pt).

O topónimo "*Feira*" aparece pela primeira vez, num diploma de 1117, assinado por D. Teresa "*in terra sancte marie ubi vocant feira*", bem como noutros documentos do início de 1120, quando D. Teresa se alojou no Castelo de Santa Maria. Em 27 de Junho de 1407, a feira de Santa Maria é revitalizada por D. João I, que, a pedido de seu cavaleiro João Alvares Pereira, senhor da Terra de Santa Maria, manda que

se faça uma feira franca quinzenal na "*dicta villa da feyra*", com todos os privilégios da de Trancoso (www.cm-feira.pt). A Vila da Feira, da Terra de Santa Maria, foi em 1472, transformada, em cabeça de condado por D. Afonso V, criando a Casa da Feira e dando o título de 1º Conde da Feira, a Rui Pereira. Esta casa continuou até 1700, altura em que morre o último destes Pereira sem deixar descendência. O Foral de 1514, concedido por D. Manuel I, vai corroborar a importância que esta terra sempre teve, desde os tempos imemoriais, da origem do seu povoamento, de terra de fronteira (www.cm-feira.pt).

Santa Maria da Feira é o maior **centro mundial de transformação de cortiça** e tem a maior **concentração de indústria do calçado**, assumindo ainda destaque as indústrias de metalomecânica, metalurgia, papel, cerâmica, lacticínios, brinquedos, puericultura e equipamentos para crianças. A indústria reparte-se segundo dois eixos de concentração, um NO e outro a Sul. É inegável a influência estruturante da EN1, tanto para o urbanismo do concelho, como para a concentração das unidades industriais. No eixo NO, aí se concentra a indústria corticeira (Fiães, Lamas, Paços de Brandão, Mozelos e Oleiros), coexistindo com algumas unidades tradicionais de fabrico do papel, designadamente em Paços de Brandão. É também a zona mais poluída do concelho, a mais populosa e com maiores problemas de ordenamento urbanístico. O eixo Sul está polarizado em torno de São João da Madeira e vai de Arrifana a Escapães, ao longo da EN223, onde se concentra a indústria do calçado, um sector com uma dinâmica crescente (Silva *et al.*, 2000).

No entanto, Santa Maria da Feira não despreza as suas origens rurais, visto que a pequena agricultura se mantém ainda como actividade importante, especialmente nas freguesias do interior. Actualmente, o grande impulso tem sido dado pelo desenvolvimento do sector terciário, a nível do comércio, turismo e serviços. Traduzindo esta dinâmica económica, nasceu em Santa Maria da Feira um dos maiores centros ibéricos de congressos e de actividades culturais – o Europarque. Considerado o "ex-libris" do concelho, o Castelo de Santa Maria da Feira é um dos mais notáveis monumentos militares portugueses. A diversidade dos seus recursos defensivos utilizados entre os sécs. XI e XVI faz dele uma peça única de arquitectura militar.

Romariz é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 18 km² de área e 3650 habitantes (Censos 2001). Situa-se na orla setentrional do concelho da Feira e confina, a Norte, com as freguesias de Guizande, Louredo e Vale; a nascente, com as de S. Miguel do Mato, Fervedo e Escariz (concelho de Arouca); a Sul com as freguesias de Fajões e Cesar (concelho de Oliveira de Azeméis) e Milheirós de Poiães; e a poente com a freguesia de Pigeiros. Dista cerca de 10 km a nascente da sede de concelho e ocupa uma superfície de grande extensão, caracterizada topograficamente por uma certa **diversidade de relevo**, ora incluindo **extensões de montes frágios** e com **uma certa declividade**, ora mostrando **trechos de planura**, onde se sucedem as **parcelas de terrenos férteis e relativamente húmidos**.

Atravessada a nascente pelo rio Uíma e a poente pelo rio Inha, ambos segundo a direcção S-N, e a **Sul pelo rio UI**, Romariz é conhecida pelo seu castro, caracterizado por uma riqueza arqueológica impar, albergando estações e fornecendo espólio atribuível a recuadas eras pré e proto-históricas. As diversas sondagens e campanhas sistemáticas de escavações levadas a cabo, ao longo de décadas, no **castro de Romariz**, fizeram exumar artefactos líticos, metálicos e cerâmicos que atestam a presença humana nas imediações, desde, pelo menos, o período neolítico. Será já em época do domínio romano que aquele antigo povoado fortificado castrejo se revelaria no respectivo auge (Silva *et al.*, 2000). A “villa” de Romariz, sita na alti-medieva “Terra de Sancta Maria”, já possuiria uma ermida (da qual se desconhece o orago) em 1115, conforme se documenta um diploma citado por Domingos Moreira. A mesma “*uilla Romaric’*” surge novamente citada em 1122 (Silva *et al.*, 2000).

A etimologia do topónimo, agora corónimo, não oferecerá grandes dúvidas, já que parece inequívoco tratar-se da forma genitiva de um nome pessoal, alusivo certamente ao possuidor da mesma “villa” do período romano ou alti-medieval. A freguesia estaria já organizada como tal nos inícios do séc. XIII, conforme documentam as Inquirições afonsinas de 1220 e 1251. Até meados do séc. XVI, as notícias documentais registam sempre o orago como “Santo Isidro”, pois só mais tarde terá ocorrido a correcção erudita para “Santo Isidoro”. Romariz foi anexada, no âmbito das reformas do liberalismo em 1835, à antiquíssima e extinta freguesia de S. Silvestre de Duas Igrejas (anteriormente, e por breves 4 meses, integrada em Pigeiros) (Silva *et al.*, 2000). A freguesia de Romariz agrupa os lugares de Carvalhal, Casal do Monte, Choupelo, Duas Igrejas, Fafião, Goim, Igreja, Monte Calvo, Mouquim, Oliveira, Portela, Reguenga, Romariz e Vila Nova. O orago desta freguesia é Santo Isidoro. O sector primário ocupa 10% da população, em parte devido à fertilidade dos solos, cultivando-se essencialmente a batata, o milho e o feijão. Já o sector secundário emprega a maior parte da população activa da freguesia, cerca de 80 %, sendo a indústria de mobiliário, a serralharia civil, a marroquinaria, a indústria do calçado e confecções, a construção civil e a serração de madeiras as principais indústrias empregadoras neste sector (www.jf-romariz.pt). Realizam-se, durante 3 a 4 dias, nos meses de Abril a Julho, as festas e romarias em honra do Senhor dos Milagres, em Goim; Nossa Senhora da Silva, no lugar da Portela; Santo António, em Fafião e São Tiago, em Vila Nova.

Milheirós de Poiares é uma freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com 9,6 km² de área e 3859 habitantes (Censos 2001). Ocupa a extremidade Sudeste do concelho e tem por limites, a nascente e a Sul, terras do vizinho município de Oliveira de Azeméis. Romariz a Nordeste, Pigeiros a Norte, Escapães a Noroeste e Arrifana a poente completam os restantes limites. Integram a freguesia os lugares de Casais, Crujeira, Dentazes, Gaiate, Gândara, Igreja, Mãoa, Milheirós, Outeiro, Palhaça, Pereiro, Relvas e Seixal. É atravessada pelo **rio UI na direcção E-S**.

As pistas arqueotopónimas apontam para a existência local de vestígios, porventura já desaparecidos, da época do megalitismo, a coincidir com os finais do Neolítico e inícios da Metalurgia. O lugar de Mâmoa ali está para o testemunhar, pese embora o desconhecimento actual da existência de vestígios de algum monumento. Por outro lado, topónimos como Gaiate e Dentazes são já documentados a partir dos sécs. XI e XII, comprovando-se assim que já em época pré-nacional se manifestaria um considerável povoamento. A própria igreja de Milheirós – “*ecclesia de Milleiros*” – surge noticiada logo em 1160 (Silva *et al.*, 2000).

O simples topónimo que radica etimologicamente na suposta abundância de **milheirais** (milho miúdo) nesta área tem a sua ocorrência já em 1113. Conhecida por Milheirós até ao séc. XVI, a adição do determinativo “de Poiares” ficar-se-á a dever, provavelmente, à necessidade de distinção em relação a Milheirós da Maia (Silva *et al.*, 2000). No passado, foi uma freguesia de grande vocação agrícola, dotada de excelentes condições edafo-climáticas para a prática da agricultura. Hoje, é uma freguesia bastante industrializada, com a instalação de fábricas do fabrico do calçado, marroquinaria, construção civil e metalurgia. Destaca-se do património arquitectónico, a Igreja Matriz, a Quinta do Seixal com a sua capela dedicada a Santo António, as Capelas de Santa Eugénia, S. Geraldo, e de Nossa Senhora das Dores, as Casas da Eira e da Mamoá, de interesse histórico, tendo servido ambas de berço a notáveis cidadãos feirenses. O orago da freguesia é São Miguel.

Concelho de São João da Madeira

O concelho e cidade de São João da Madeira tem uma área de 8,1 km² e cerca de 30000 habitantes (Censos 2001) e apenas detém uma freguesia, com o mesmo nome, sendo considerado o concelho mais pequeno do país e dos mais pequenos da Europa. É um centro urbano de grande influência regional. São 21 os lugares que integram o concelho: Casaldelo, Corgas, Carquejido, Espadanal, Fundo de Vila, Fundões, Fontaínhas, Laranjeiras, Mourisca, Orreiro, Parrinho, Pedaço, Ponte, Praça, Quintã, Ribeiros, Tapado, Travessas, Vale, Vista Alegre e Volta. São João da Madeira faz fronteira a Norte com Milheirós de Poiares e a Oeste com Arrifana (ambas do concelho de Santa Maria da Feira), a Sul com Cucujães e Vila Chã de São Roque, e a Este com Nogueira do Cravo e Macieira de Sarnes (todas do concelho de Oliveira de Azeméis).

As origens de S. João da Madeira remontam a longínquos tempos, como comprovam os legados das civilizações celta, romana, árabe e visigótica. É, no entanto, em 1088, que aparece pela primeira vez em fontes escritas a menção a São João da Madeira. A expressão “*Uilla de Sancto Ioanne de Mateira*” é a primeira referência documental e surge em duas cartas de venda, em pergaminho. A designação de Madeira prende-se, ao que tudo indica, com a **abundância de matéria lenhosa** desde sempre existente

na região. No séc. XIX, São João da Madeira regista um intenso crescimento, fruto do desenvolvimento comercial e industrial, sobretudo com a **indústria dos chapéus e dos lacticínios**, transformando radicalmente o povoado (www.cm-sjm.pt).

Em 1908, El Rei D. Manuel II inaugurava o troço de linha de Caminho de Ferro do Vale do Vouga, contribuindo muito para o incremento das vias de comunicação paralelamente à construção de estradas e caminhos. O apogeu de todo este desenvolvimento viria com a emancipação concelhia por decreto de 1926, sendo assim criado o concelho de São João da Madeira. Este decreto considerava o novo concelho como o **“centro industrial mais importante do distrito de Aveiro”**. A elevação a cidade viria em 1984, como reconhecimento do labor dos habitantes de São João da Madeira, conhecida em particular pela sua **forte indústria do calçado**, sendo detentora da marca **“Capital do Calçado”** (www.cm-sjm.pt). A existência do fabrico do calçado, em S. João da Madeira data de 1483, facto registado num documento daquela época.

Concelho de Oliveira de Azeméis

Situado entre o mar e a serra, numa chã airosa que divide os vales dos rios Antuã e UI, a 220 metros de altitude, encontra-se o município de Oliveira de Azeméis (www.oazonline.com). É constituído por dezanove freguesias, uma cidade, oito vilas e dez aldeias, que ocupam uma área de cerca de 163 km². São elas: **Carregosa**, **Cesar**, **Fajões**, **Loureiro**, **Macieira de Sarnes**, **Macinhata da Seixa**, **Madail**, **Nogueira do Cravo**, **Oliveira de Azeméis**, **Ossela**, **Palmaz**, **Pindelo**, **Pinheiro da Bemposta**, **S. Martinho da Gândara**, **Santiago de Riba-UI**, **Travanca**, **UI**, **Vila Chã de S. Roque** e **Vila de Cucujães**.

Oliveira de Azeméis dista aproximadamente 35 km de Aveiro e 40 km do Porto, sendo limitado a Norte por São João da Madeira e Santa Maria da Feira, a Nordeste por Arouca, a Este por Vale de Cambra, a Sudeste por Sever do Vouga, a Sul por Albergaria-a-Velha, a Sudoeste por Estarreja e a Oeste por Ovar. Integra o agrupamento de municípios de Entre-Douro-e-Vouga e a Associação de Municípios de Terras de Santa Maria, conjuntamente com Arouca, Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Vale de Cambra.

O município é atravessado pela EN1, que foi substituída na década de 90 pelo IC2, situado a nascente desta. A poente, tocando ligeiramente o território concelhio na freguesia de Loureiro, passa a A1-Auto-Estrada do Norte. É também atravessado do Litoral para o Interior pela EN224 que liga o Nó de Estarreja do IP1 ao Nó de Travanca no IC2 e do Nó do Pocinho no IC2 a Vale de Cambra e Arouca. A Sul, já fora do município, o IP5 liga o litoral à fronteira, entre Aveiro e Vilar Formoso. É servido ainda pela **linha**

férrea do Vale do Vouga que atravessa, de Sul para Norte, as freguesias de Pinheiro da Bemposta, Travanca, Macinhata da Seixa, Úl, Oliveira de Azeméis, Santiago de Riba-Úl e Cucujães.

Recorrendo aos "Annaes do Município", encontra-se algumas pistas sobre a origem do topónimo. Aí afirma-se que "*Se atendermos à tradição popular, o Visconde de Santa Maria da Arrifana, aqui houve uma oliveira ou diversas, a cuja sombra ou tronco se abrigavam ou prendiam suas azemolas os azemeis, que vinham da parte do Mosteiro de Arouca para conduzir-lhe foros, que por estas terras se lhe pagavam. Pode ser que estas duas circunstâncias, isto é, a da existência de oliveiras aqui e a dessa **passagem dos azemeis**, se as houve, reunidas na imaginação popular, dessem motivo para essa crença de verosimilhança.*" Tem-se, contudo, pretendido explicar o sobrenome de Oliveira pela origem arábica do termo azemel. A explicação defendida pela maioria dos autores que estudaram este assunto é de que o termo "*Oliveira de Azemees*" é de cerca de 1185 e vem distingui-la de várias outras localidades também denominadas Oliveira, mas ainda destacá-la como espécie de interposto de mercadores que então se chamavam "*Azemeles*". E esta parece ser a explicação mais lógica e fundamentada para o nome Oliveira de Azeméis (www.oazonline.com).

A mais antiga referência documental a Oliveira de Azeméis, porém, só surge em 922, através de uma doação feita pelo rei Ordonho ao bispo Gomado e ao Mosteiro de Crestuma. Depreende-se deste diploma, que em 922, Oliveira de Azeméis seria uma freguesia rural, dividida por vários pequenos proprietários. A vila aparece com o nome "*Villa Olivaria*", tendo como patrono S. Miguel: "*et villa olivaria ecclesia vocabulo sancti Michaelis, cum suos dextros integros et suas aiectiones.*" (www.oazonline.com).

Só muito mais tarde, nos começos do séc. XVI aparece o nome Oliveira, quando Leão X a erigiu em Comenda Real, através da doação feita, em 1518, à Ordem de Cristo de um importante quinhão que pertencia ao Conde da Feira, D. Diogo Pereira, transformando-a assim em Comenda Real daquela Ordem, concedida depois a notáveis Comendadores que contribuíram, em parte, para a sua ulterior emancipação municipal (www.oazonline.com).

Só em 1799, foi elevada à categoria de Vila e sede do município, por D. Maria I. Com a reforma administrativa de Mouzinho da Silveira em 1856, Oliveira de Azeméis passou a ser o município que é hoje, mercê também da extinção do município da Bemposta, o qual se estendia por algumas freguesias que, desta forma, passaram para o município de Oliveira de Azeméis, como o caso de Pinheiro da Bemposta, Palmaz, Loureiro, Travanca e Úl. Em 1984, é elevada à categoria de cidade (www.oazonline.com).

Há que recuar no tempo, algumas centenas ou milhares de anos mais, até aos primeiros testemunhos de achados arqueológicos e povoamentos conhecidos. Do território "*Civitas Sanctae Mariae*" aos nossos dias, a região que constitui o município de Oliveira de Azeméis foi sofrendo, ao longo de vários séculos, lentas e importantes alterações que o tornam num dos municípios mais populosos do distrito de Aveiro e aquele em que o sector industrial tem um peso económico mais significativo.

Fajões, com 6,99 km² de área e 3 180 habitantes (Censos 2001) é uma pequena e pitoresca freguesia cujo povoamento remonta aos tempos da Pré-História. São prova disso, as nove fossetes localizadas no monte denominado "Bailouro" e que, na opinião do Dr. Mendes Correia, tinham carácter sagrado e estariam em estreita conexão com a necrolatria pré-histórica. O achado de uma pedra de polir e de um machado "*coup de poing*", no mesmo local, e as antas e mamoadas hoje inexistentes mas referenciadas em documentos medievais, fazem remontar o povoamento de Fajões aos tempos neolíticos. Remontam ao tempo dos celtas, atestando a passagem dos romanos por aqui, os topónimos Casal Marinho, Cabo da Aldeia, Quintã e "*Villa Fagiones*". O documento escrito mais antigo que se conhece sobre esta freguesia é do ano de 1068, tratando-se de uma doação que o presbítero Auderigus faz a seu sobrinho e pupilo Vermudo, presbítero dos bens de raiz da "*villa Fagiones*" e de sua "ecclesia", igreja já nessa época de invocação de S. Martinho (www.oazonline.com).

Um dos lugares mais antigos de Fajões é o de **S. Mamede**, terra honrada onde nasce o rio UI. O **Monte de S. Marcos**, com a sua capela, merece uma visita. Daí avistam-se algumas povoações que, a crer nas palavras dos locais, são "as sete cidades". As festas em honra de S. Marcos são no dia 25 de Abril. Pinho Leal, na obra "Portugal Antigo e Moderno", diz o seguinte: "*Quem tem filhos travessos que os leve alli no dia da festa, se os quizer mansos. Isto diz o povo, e eu tambem digo que, se os rapazes forem por seu pé, quando chegarem á capella hão-de por força ir mansos para duas ou tres horas*". Após descer a encosta, consegue avistar-se o velho e algo degradado Aqueduto de S. Mamede, outrora destinado à água de regas da povoação. Merecem destaque também a Capela do Couto, que tem uma inscrição sobre a verga da porta, que diz que a capela foi fundada por um familiar do "Santo Ofício", no ano 1747; a Ermida de Nossa Senhora da Ribeira e a Quinta da Vermiosa (www.oazonline.com).

Carregosa é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis com uma área de 12 km² e cerca de 3552 habitantes (Censos 2001). É delimitada a Norte com Fajões (Oliveira de Azeméis) e Escariz (Arouca), a Sul com Pindelo e Codal (Vale de Cambra), a nascente com Vila Cova de Perrinho e Vila Chã (Vale de Cambra) e, finalmente, a poente com as freguesias de Cesar e Nogueira do Cravo (Oliveira de Azeméis). Plantada num ameno e fértil vale, abrigado de Norte e Nordeste pela ossatura montanhosa das **Serras de Perrinho e do Codal** (500 metros de altitude) e regado pelo **rio Antuã**, que percorre a

freguesia no sentido Nordeste-Sudoeste, Carregosa entesta com freguesias dos concelhos de Arouca e Vale de Cambra.

O seu topónimo deriva de *Carrago*, sinónimo de arraial bélico, cercado de carros carregados de armas e de munições. Muitas são os testemunhos históricos desta freguesia. O povoamento de Carregosa remonta aos tempos pré-históricos. A existência de uma mamoa referida nas Inquirições de D. Afonso III prova o povoamento desta terra pelos Celtas. Por aqui terão passado também os romanos, como testemunham os topónimos "*villa de Zagães*" e vários "*casalia*" que aquelas Inquirições também documentam (www.oazonline.com). Os casais de Arrifaninha, Currais, Insua do Codal, Lomba, Mourisca, Paço de Azagaes, Povoá, Teamonde e Vacaria foram bens reguengos da Coroa e depois herdades (*apréstamos*) dos Condes da Feira, dos Mosteiros de Sernide e de Santo Elói e da Casa do Infantado. Também dois dos lugares da freguesia, Teamonde e Insua (nos documentos medievais, *Todemondi* e *Insula*, respectivamente) foram importantes "villas" doadas pelo Rei Ordonho, em 922, ao Bispo de Coimbra, D. Gomado. O histórico Paço de Azagães, em 1129, esteve arrendado ao cavaleiro Estevão Gonçalves e em 1377, foi doado a D. João Afonso Telo, conde de Barcelos. A representatividade das casas de Azagães e da Póvoa, pertencentes a nobres famílias armoriadas de Borges e Carvalhos, estiveram radicadas nestas terras (www.oazonline.com).

O topónimo Teamonde, que o alemão Joseph Piel inclui nos nomes germanos da toponímia portuguesa, vem comprovar a fixação nesta região dos povos bárbaros que invadiram a Península Ibérica, após a queda do Império Romano do Ocidente, em 476. O documento escrito mais antigo sobre Carregosa é anterior à fundação da Nacionalidade portuguesa e trata-se de uma escritura de doação referida ao livro Preto da Sé de Coimbra e transladada por Alexandre Herculano no *Portugaliae Monumenta Histórica*. Nesse documento, datado de 922, o rei Ordonho doa ao Bispo Gonçalo e ao Mosteiro de Crestuma bens no lugar de Teamonde. Administrativamente, Carregosa foi do termo da Feira, comarca de Esgueira e depois comarca da Feira. Actualmente, pertence ao Município e comarca de Oliveira de Azeméis, tendo sido elevada a vila em 1990 (www.oazonline.com).

Esta vila, plantada num **ameno e fértil vale regado pelo rio Antuã**, mantém ainda um vasto património edificado e cultural. Aqui abundam as capelas, os cruzeiros e as quintas. As Capelas de Nossa Senhora da Ribeira, de Nossa Senhora da Guia, de Azagães e de Santo António; as **Quintas** de Santo António, do Padre Aguiar, **da Costeira** e da Póvoa e a Casa de Ínsua; os Cruzeiros de Teamonde, de Azagães e da Igreja. Mas o que distingue e credencia esta freguesia é, sem dúvida, o seu original **Santuário de Nossa Senhora de Lourdes** e o panorâmico **Miradouro das Sete Cidades**, no cume da Serra do Pereiro, a 500 metros de altitude, situado neste parque. A **Casa de Ínsua**, actualmente casa de campo, merece uma

especial referência, dado que é a única unidade de turismo no espaço rural do município de Oliveira de Azeméis e a **Quinta da Póvoa** é outro ponto de referência (www.oazonline.com).

Esta freguesia possui uma economia mista, baseada na **agricultura (produção de cereais)**, **pecuária** e na indústria, sobretudo de moldes, sapatarias, madeiras, mobiliário escolar e componentes para a indústria de alumínio. As festividades religiosas da freguesia incluem as festas e romarias em honra do mártir da freguesia, na Igreja Matriz (meados de Janeiro), Santo António, no lugar de Silvares (meados de Junho), **Nossa Senhora de Lourdes**, no lugar da Costeira, na respectiva capela (1º domingo de Agosto), Nossa Senhora da Ribeira, no lugar de Teamonde (último domingo de Agosto), Nossa Senhora do Rosário, na Igreja Matriz (1º domingo de Setembro) e São Miguel, na respectiva capela, no lugar de Azagães (finais de Setembro).

A **Vila de Cucujães**, com 11,73 km² de área e 11094 habitantes (Censos 2001), é a segunda maior freguesia de Oliveira de Azeméis, em termos de população. É limitada pelas freguesias de Mosteirô, Arrifana, São João da Madeira, Vila Chã de São Roque, Santiago de Riba-Úl, São Martinho da Gândara e pelo concelho de Ovar.

Cucujães, do latim "*cucullianis*", ou seja, elevação de terreno, montão, recorda o mosteiro beneditino ali fundado pelo guerreiro da reconquista, D. Egas Odoriz, nos finais do séc. XI, e coutado por D. Afonso Henriques, em 7 de Julho de 1139, na véspera da batalha de Ourique. **Região fértil e de condições privilegiadas sobre as margens do rio UI**, esta freguesia atraiu desde cedo povos das mais remotas culturas, conforme testemunham diversos vestígios das épocas pré e proto-históricas, tais como, mós, uma ponta de lança de pedra polida, machados de pedra e de bronze, uma ponta de flecha de cobre, entre outros. Supõe-se que entre os habitantes primitivos estariam também os Túrdulos ou Turdetanos que habitaram a região onde se poderá incluir Cucujães. Mais tarde, vieram os romanos e com eles o topónimo actual, que provém do canto do cuco (em latim "*Cuculus*"); e depois, os suevos, os visigodos e os árabes. Em 1139, o couto de Cucujães, instituído por D. Afonso Henriques, foi doado ao Mosteiro Beneditino da mesma terra, nas vésperas da famosa Batalha de Campo de Ourique, nas pessoas de D. Martinho e de D. Egas Odoriz. O autor de "Portugal Antigo e Moderno", Pinho Leal, refere que Cucujães era antigamente da comarca de Esqueira, termo da Feira, tendo passado para a Feira quando se criou esta comarca, e finalmente para Oliveira de Azeméis. Refere ainda que "*(...) esta freguesia é no vasto território denominado, desde o tempo dos godos, Terras de Santa Maria ou Terra da Feira. Tinha os grandes privilégios dos outros moradores deste território, sendo um dos principais, nos tempos antigos, terem os cavaleiros para todos os efeitos, foro de "infanções"; e os peões, foro de cavaleiros.*" Cucujães foi elevada a vila em 1927, sendo actualmente um importante pólo industrial e comercial (www.cm-oaz.pt).

Como monumentos e lugares dignos de visita saliente-se, entre outros, o **claustro do Mosteiro de Cucujães**, com as suas colunas dóricas, do séc. XVII e campas epigrafadas de alguns frades ilustres; a sacristia da **Igreja Matriz**; a **Ponte da Pica** (Imóvel de Interesse Público), construída no séc. XIV **sobre o rio Ul**, por onde passava a **via romana que ligava Lisboa a Braga**; as Capelas de Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição, Santo António; as Casas Solarengas do Buraco, da Gandarinha, do Visconde de Carregoso, Andersen, do Mato; as Quintas do Picoto, da D. Beatriz Brás, do Sol, do Barreiro, da Família Macedo, do Seminário, do Abade Arede; os Palacetes Alves dos Reis e Pinto Leite; o Miradouro do Alto de Rebordões, de onde se avista o mar; a Vila Brandão, o Asilo da Gandarinha e a Misericórdia, estruturas que albergam instituições e obras sociais importantes (www.cm-oaz.pt).

Vila Chã de São Roque é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, com uma área de 8,26 km² e cerca de 6000 habitantes (Censos 2001). Confinava a Norte com São João da Madeira e Macieira de Sarnes, a Sul com São Tiago de Riba-Ul e Oliveira de Azeméis, a nascente com Pindelo e o **rio Antuã** e ainda a Nordeste com Nogueira do Cravo. Esta freguesia ficou conhecida como **rainha do vidro em Portugal**, por ter sido aqui, na Fábrica do Covo, que, em 1528, nasceu uma indústria vidreira, então a mais importante do País.

O usual designativo da freguesia até ao séc. XVII foi o de Vila Chã Serrana (ou Serrã), eclesiasticamente o de S. Pedro de Vila Chã, dado que era, por um lado, uma região relativamente plana, e por outro, aproximava-se das linhas de alturas do nascente do município. O designativo São Roque surge como definitivo da difusão do culto deste santo pela 2ª metade do séc. XVI, época em que foi trazida para a igreja uma imagem e instituída uma irmandade (www.cm-oaz.pt).

Vila Chã de S. Roque é referenciada, inicialmente, num documento de 1121, através da doação a D. Diogo Salamil pelo bispo de Coimbra D. Gonçalo, passando mais tarde para o Cabido do Porto, em cujo padroado se manteve a sua velha igreja de S. Roque. O nome de Vila Chã surge novamente em 1211, numa carta de venda, feita por Gonçalo Gonçalves e Urraca Martins ao Cabido da Sé do Porto e ao seu deão, Durando, de uma herdade sita nesta freguesia e na de Olivar (antiga Oliveira de Azeméis), pela quantia de 300 maravedis. Segundo as Inquirições Afonsinas, em Vila Chã, o rei não possuía terra alguma e apenas cobrava o imposto de nove quartos de talhamento do pão. Mais tarde, em 1288, por novas Inquirições ordenadas por D. Dinis, averiguou-se que havia, desde tempos imemoriais, uma quinta privilegiada, no lugar de Vila Chã, pertença de Fernando Gonçalves, senhor da freguesia. Não entrava nela o mordomo, antigo oficial de justiça encarregado de citações e execuções e pagava-se por dois casais no lugar de Samil (Saamir), três soldos e por toda esta honra, terra privilegiada, como já se dizia nas Inquirições de 1251, nove quartos de pão. S. Roque aproveita também do foral concedido por D. Manuel I à vila da Feira e Terra de Santa Maria (www.cm-oaz.pt).

Por outro lado, foi aqui que, na Idade Média, se ergueu um curioso castelo, chamado da Lomba, e que teve assente o solar da família Castro e Lemos, na vasta **Quinta do Côvo**, com capela privativa, hospedaria para ilustres visitantes e grande coutada para famosas caçadas anuais ao coelho e javali. Merecem ainda destaque a Igreja Paroquial, de S. Pedro, cujo edifício anterior teria sido acabado em 1591, sendo o actual da fase de transição seis-setecentista; a Capela de Santo António, sita em Bustelo, um edifício inteiramente renovado em 1881, existindo, em frente, um cruzeiro com a mesma data; a Capela de Samir, uma capela isolada e dependente duma casa lateral (1885). É uma freguesia densamente industrializada com destaque para as metalomecânicas, construção civil, calçado, cobres, etc.. As festas e romarias desta freguesia são em honra de São Roque (3º fim de semana de Julho), Santo António (em Junho), na Capela de Bustelo.

Pindelo é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis com uma área de 9,8 km² e cerca de 2653 habitantes (Censos 2001). Confronta a Norte com Nogueira do Cravo, a Sul com Ossela, a nascente com Carregosa e a poente com São Roque e Bustelo. O **rio Antuã** atravessa esta freguesia no **sentido Nordeste-Sudoeste**.

Pindelo é também uma freguesia de remota existência, tendo como primeira referência escrita um documento de 1134. Deve o seu nome à palavra latina "*pinitellum*", diminutivo de "*pinitum*" (**pinhal**). A povoação terá crescido no sopé do monte do Pereiro, a cerca de 500 metros de altura, outrora designado de Monte Codal. Nos tempos dos Visigodos, o território de Pindelo pertenceu à diocese do Porto, que aqui terminava, **ao longo do curso do rio Antuã**. Depois das invasões muçulmanas, Pindelo terá sido reconquistado pelos presores galegos, antepassados de Ega Moniz, e doada, primeiro ao Mosteiro de Pedroso e depois ao de Paço de Sousa. Antes ainda da primeira referência escrita a Pindelo surge, em 994, na documentação o nome de Pinhão, actual lugar da freguesia, cujas propriedades se estendiam por parte de Ossela. Nas Memórias de Paço de Sousa, surge nova doação, em 1131, de Mónio Viegas, filho de Egas Moniz e de Dorotea Odoriz, de alguns bens ao mosteiro. Até 1540, Pindelo pertenceu aos seus primitivos senhorios, passando depois para a posse das religiosas do mosteiro da Madre de Deus de Monchique, no Porto (www.cm-oaz.pt). A própria paróquia da Santa Maria de Pindelo é de grande antiguidade. Nas Inquirições de D. Afonso III, em 1258, aparece citada, pela primeira vez, como paróquia de "*Santa Maria de Pydello*". Contudo, o padroado passou por várias etapas e muitos proprietários. Na anexação das rendas da mesa abacial de Paço de Sousa à Companhia de Jesus, destinadas à Universidade de Évora, ficou Pindelo, e depois da supressão da mesma, seguiu a sorte dos bens que lhe eram próprios (www.cm-oaz.pt).

Também aqui existiu **uma das mais antigas fábricas de papel** do distrito de Aveiro e uma das mais antigas do País. Laborava no lugar de Pombarinho e apresentava no "selo de água" uma pomba. É de

realçar o facto de que actualmente se podem encontrar documentos na Torre do Tombo tendo como suporte papel saído desta fábrica. No período entre 1783 e 1801, é sabido que o ofício de sombreiro ou chapeleiro teve grande importância económica em Pindelo. Houve também aqui uma mina de cobre, no lugar de Ladeira, concedida ao Visconde de Castro e Silva que chegou a ser explorada (www.cm-oaz.pt).

Em termos de património, merece destaque a Igreja velha e o casario circundante, assim como, a Capela de Pinhão, os **moínhos** e a **Serra do Pereiro** (500 m). A agricultura é, tradicionalmente, a principal actividade da economia da freguesia, com a instalação mais recente de alguma indústria, nomeadamente do calçado e componentes de moldes para plásticos. Celebram-se na freguesia as festas e romarias em honra de São Lourenço, padroeiro dos casamenteiros, na Igreja Matriz, em meados de Agosto. Em Pindelo, realizava-se uma importante Feira de Gado, no dia 23 de cada mês, no lugar de Pinhão.

São Tiago de Riba-UI, com 5,15 km² de área e 4127 habitantes (Censos 2001), é delimitada a Norte por Cucujães, a Sul por Madaíl e Oliveira de Azeméis, a poente por S. Martinho da Gandara e a nascente por Vila Chã de São Roque. O nome desta freguesia tem por base o do seu orago e o da zona topográfica, que é a **margem ou riba do rio UI**. De facto, já era assim designada num discutido documento datado de 922, embora em documentos posteriores a 1320, também se lhe atribua o nome de Vila Cova. Diz-se ter havido em Vila Cova um convento. Pinho Leal pensa ser o Mosteiro de Santa Marinha: *“É paróquia muito antiga e, segundo tradição, houve aqui um mosteiro de freiras bentas, que foi destruído pelos Mouros em 718. Não há vestígios dele. Diz-se que era na margem direita do rio UI, que atravessa esta freguesia e lhe dá o nome.”* O seu padroado pertenceu ao Mosteiro de Cucujães, ao qual aparece ligada em 1139, na carta de couto do mosteiro, do qual passou, em meados do séc. XVI, metade para as freiras do Convento Avé Maria, do Porto, e outra metade para a comenda de S. Miguel, de Oliveira de Azeméis. No reinado de D. Dinis, por bula dada em Avinhão em 1320 pelo Papa João XXII, foi concedido a este rei por três anos, para subsídio de guerra contra os mouros, a décima parte das rendas eclesiásticas do reino, excepção feita às pertencentes à Ordem do Hospital. Em posteriores documentos, continua a denominar-se Vila Cova d’Úl, devido provavelmente ao facto de ter a sua igreja no lugar de Vila Cova. A mudança do topónimo de Vila Cova para o de Santiago sugere que tomou este nome ao dar-se a mudança de assento da igreja para o local onde actualmente se localiza a Igreja Matriz (www.cm-oaz.pt, www.oazonline.com).

A freguesia de Santiago de Riba-UI conserva **mansões senhoriais, do tipo palacete**, como é o caso da **Casa dos Rebelos**, datada do início do séc. XIX. O lugar do Outeiro e a sua Capela, assim como a Capela e o Largo do Senhor da Campa são lugares a visitar. O circuito continua com o núcleo da já referida Casa dos Rebelos e da Casa do Comandante, a Capela e a Casa das Garreiras, o Edifício da Associação dos Socorros Mútuos, a Casa Agrícola das Cortinhas e o núcleo da Igreja Matriz. As Alminhas dos Franceses, os **núcleos rurais da Ponte do Salgueiro** e da Quinta de Santiago, com uma

grande casa e um espigueiro tradicional, completam a ronda por esta pequena aldeia. A **Ponte do Salgueiro** é uma ponte medieval do séc. XIV, que corta o rio UI, junto aos **açudes e moinhos do Salgueiro**. A base da economia desta freguesia está assente essencialmente na agricultura e na indústria do calçado. Celebra-se a **Festa do Rio** no mês de Agosto (www.cm-oaz.pt, www.oazonline.com).

Oliveira de Azeméis é a freguesia-sede do município, situada a 208 metros de altitude, e com cerca de 15300 habitantes (Censos 2001). A cidade estende-se pelas freguesias de Oliveira de Azeméis, Santiago de Riba-UI, Vila Chã de São Roque, UI e Macinhata da Seixa, embora as três últimas em pequena percentagem. É atravessada pelo **rio Antuã**. Adormecida durante séculos na rotina da sua vida rústica, a velha "*Ulvária*" tem uma história que remonta, pelo menos, a cerca de 3.000 a 2.000 anos a.C.. A remota ocupação humana é, ainda hoje, testemunhada por diversos achados arqueológicos encontrados, por exemplo, nos **crastos de UI** e Ossela. A importância de Oliveira de Azeméis deveu-se sempre ao facto de se situar no **eixo de ligação entre Lisboa e Porto, desde a via militar romana que ligava Lisboa a Braga**, de que é testemunho o **Marco Miliário da Milha XII**, descoberto em UI, passando pela **Estrada Real** até à **EN1 e IC2** dos nossos dias. Do séc. VII ao X, é alcaria e arraial de moçarebes e berberes que aqui se fixaram e desmantelaram a vida institucional anterior, assim como topónimos da área, hábitos típicos e o próprio traje regional. O próprio topónimo Azeméis tem uma etimologia que apela não só para uma colónia de Almocreves, mas ainda para colonizadores árabes da família Azemede. Do séc. X ao XV, Oliveira de Azeméis é palco de lutas renhidas entre árabes e chefes militares leoneses e portucalenses, incluindo colonos adstritos aos mosteiros de Pedroso, Grijó e Cucujães, aos quais se deve o repovoamento e fundação de algumas povoações, o aproveitamento dos cursos de água locais para a indústria de moagem e de irrigação das terras marginais e o desenvolvimento da já referida colónia de almocreves (*Azemeles*). No período que vai do séc. XV ao XVIII, a história de Oliveira de Azeméis ficou marcada pela doação feita em 1518 pelo Papa Leão X à Ordem de Cristo de um importante quinhão que pertencia ao Conde da Feira, D. Diogo Pereira, transformando-a assim em Comenda Real daquela Ordem, concedida depois a notáveis Comendadores que contribuíram, em parte, para a sua ulterior emancipação municipal. Em 1799, foi elevada à categoria de vila por D. Maria I e sede do concelho e, em 1984, é elevada à categoria de cidade (www.cm-oaz.pt).

São de destacar, em relação património arquitectónico desta freguesia, ao longo das ruas Bento Carqueja e António Alegria, que constituem o traçado da EN1 dentro da cidade, a Igreja Matriz (Imóvel de Interesse Público, construída no séc. XVIII), o Marco Miliário, a Casa dos Sequeira Monterrosos (edifício de valor concelhio, construído no séc. XIX), a Casa de Bento Carqueja, os Paços do Município, o Monumento a Bento Carqueja, o Monumento a Ferreira de Castro, a Casa dos Côrte-Real (Imóvel de Interesse Público,

construída no séc. XVII), um edifício onde está instalada a Ourivesaria Guedes, a Casa-Museu Regional e uma Casa de Brasileiro, onde se encontra instalado um Infantário. Visita obrigatória merece o **Parque e a Capela de La-Salette**, situados num cabeço que antigamente se chamava "Outeiro do Castro ou Calvário". Este parque constitui um excelente local de lazer e proporciona excelentes miradouros para a paisagem circundante. O **Museu do Vidro e a Loja da Fábrica**, ambos localizados nas instalações da fábrica denominada "Centro Vidreiro do Norte de Portugal", a caminho do Parque de La-Salette, merecem também uma visita atenta, pois trata-se duma importante unidade industrial da região.

Madail é uma freguesia, com cerca de 3 km² e 1100 habitantes (Censos 2001), a mais pequena do concelho de Oliveira de Azeméis. Situa-se na vertente oriental do monte medievalmente denominado **Castro Recarei**, é delimitada a Norte por Santiago de Riba-UI, a sul por UI e Loureiro, a poente por S. Martinho da Gandara e a nascente por Oliveira de Azeméis. O **rio UI** percorre os limites desta freguesia com Santiago de Riba-UI e Oliveira de Azeméis, na direcção Norte-Sul.

Madaíl é um curioso topónimo de origem germânica. O documento escrito mais antigo sobre Madaíl relaciona-se com uma igreja e trata de uma tributação do seu Bispo jurisdicional D. Martinho Pires, imediato sucessor de D. Fernando Martins, pagando este povoado à Sé do Porto direitos a mais para a sustentação do Bispo e do seu cabido, e no reinado de D. Dinis surge a contribuição suplementar com o nome de "taxação eclesiástica" para subsidiar a guerra contra os mouros (www.cm-oaz.pt).

Foi na chamada "**casa da Manica**", sita no lugar do Meio, que os Hospitalários montaram um dos seus primeiros hospícios regionais, destinados a acolher os peregrinos pobres que se dirigiam a lugares santos. A criação deste hospício ficou a dever-se a uma disposição testamentária de Mem Peres Cativo e de sua irmã Alda Peres, que deixaram o que aqui possuíam à Ordem dos Hospitalários, da qual passou para a Comenda de Rio Meão, que a perdeu para a Comenda de Avanca, pertencente à Ordem de Cristo. Sabe-se também que D. Sancho I em 1251 recompensou Martinho de Aragão pelos serviços prestados na reconquista, com património vincular desta freguesia, doando a leira reguenga e o hospital. Madaíl pertenceu ao foral da Comarca da Feira e ao município da Bemposta, tendo beneficiado do novo foral, por alvará de D. Manuel I, em 1514. A sua pertença ao município de Oliveira de Azeméis data de 1855 (www.cm-oaz.pt). A ruralidade desta freguesia não ofusca o importante património que aqui se pode encontrar. A **Casa, a Ponte e o Moínho do Manica**, a par da Casa das Cambeiras, da Quinta das Camélias, os **Moínhos do Ruivo, da Eira e do Ginete** são referências no património da freguesia, assim como as fontes, as alminhas e os cruzeiros da Residência e do Souto. A maioria dos seus habitantes ainda vive da agricultura, mas tem vindo a instalar-se pequenas indústrias caseiras e artesanais de carpintaria e artesanato. Celebram-se as festas e romarias em honra de S. Mateus na Igreja Matriz, em simultâneo com a Festa das Cebolas, no Largo do Souto (finais de Setembro).

UI é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, com cerca de 5 km² e cerca de 3500 habitantes (habitantes), é delimitada a Norte por Travanca, a poente por Loureiro e, finalmente, a nascente pela freguesia de Macinhata da Seixa. De nome céltico, cuja origem parece apontar para o étimo "*uria*", ou seja, ribeiro. **O topónimo designa a freguesia de Santa Maria assim como o rio que a banha, pelo lado Norte, e aqui se junta ao Antuã, no sítio da Ponte de Dois Rios.** Também se chama UI ao castro aqui situado. A freguesia de Santa Maria de UI já era do município da Bemposta no ano de 1527. Pertenceu à comarca e ouvidoria da Feira e, nos meados do séc. XVIII, à comarca de Esgueira. A sua história está marcada por um passado muito remoto, recuando aos tempos pré-históricos, em que a presença humana por estas paragens está sobejamente documentada através de importantes achados arqueológicos, que atestam a presença de povos muito anteriores aos romanos. Alguns elementos apontam para que aqui se situasse Talábriga, encantada cidade dos Pesures, nomeadamente o facto de terem aparecido aqui, junto ao **castro de UI** e no leito da conhecida **Via Romana (Lisboa-Braga) um marco miliário e um "Terminus Augustalis"**. É atravessado pelos alicerces de um muro. Isto prova com evidência que esta terra era já habitada por um povo pré-histórico, que existiu muitos séculos antes da invasão dos fenícios e dos cartagineses, pois ainda se vêem aqui algumas mamoas pré-celtas; e foi a elas que o sítio deve o nome de Mamoinhas. Sobre um pequeno outeiro da aldeia do Avenal está uma casa, chamada o Paço, propriedade de um lavrador. Não tem vestígios alguns de remota antiguidade, mas é de tradição que deve o nome a ter aqui havido um nobre paço do senhor da freguesia (www.cm-oaz.pt).

Nesta freguesia, merece especial destaque os **moinhos de água ao longo dos rios Antuã e UI** (como os velhos **moinhos de Avelão**); o fabrico tradicional do **Pão de UI e da Regueifa de UI**; a **Ponte da Salgueirinha**; o Largo da Igreja e a Quinta, Casa e Capela de Adães, datadas do séc. XVII e a **Igreja Matriz**. A agricultura e a indústria são as bases da economia desta freguesia, com destaque para a construção civil, calçado e indústria do descasque do arroz. Nesta freguesia, celebram-se as festas e romarias em honra de S. Brás e Nossa Senhora das Candeias na Igreja Matriz (2 e 3 Fevereiro), Santa Maria (meados de Agosto) e Nossa Senhora das Febres, no lugar de Adães (finais de Julho).

Macinhata da Seixa, com 6,37 km² de área e 1446 habitantes (Censos 2001), é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, limitada a Norte por Oliveira de Azeméis (freguesia), a Oeste por UI, a Este por Ossela e a Sul por Travanca e Palmaz. É atravessada pelo **rio Antuã** no sentido NE-SO. O topónimo *Macinhata* parece derivar de "*mansionata*", ou seja, lugar de uma mansão ou pousada, dado que condiz com as condições naturais do habitat, perto do qual passava a já referida via militar romana, em cujo trajecto se construíram "*mansiones*", ou seja, pousadas. Outro facto que reforça a escolha deste topónimo tem a ver com a referência, nas Inquirições de D. Afonso III, da existência de "*paredes*", como

possíveis vestígios de ruínas de casas antigas e se chamar "*Macinhata da Pousada*", em 1420. Trata-se de uma terra antiquíssima, referida no primeiro foral das Terras de Santa Maria, existindo um documento que comprova a sua existência já em 1129, uma doação testamentária de vários bens patrimoniais dispersos pela região de Entre-Douro e Vouga, feita por Ausenda Honorigues ao Mosteiro de Pedroso, para obter dos frades daquele convento o benefício de missas por sua alma. A paróquia de Macinhata já aparece formada no séc. XII e, embora não conste em documentos mais antigos, a sua fundação crê-se que é anterior a essa data, por então já ser referida com o nome de Santo André, seu orago, e por ser um "*fundus*" que estava na posse de presores que reorganizaram a vida comunitária da região. O seu padroado pertenceu ainda ao Mosteiro de Pedroso e à Companhia de Jesus (www.cm-oaz.pt).

A sua **igreja**, datada de 1716, com uma bela talha, o **solar do Alméu**, de meados do séc. XVIII, a Quinta do Fundo do Lugar, as Alminhas e a **Ponte do Senhor da Ponte**, mandadas construir em 1746 por D. João V, o solar dos Soares de Pinho, o oratório de Nossa Senhora das Necessidades, de 1772, a Capela de Nossa Senhora do Socorro, de 1759, mas cuja origem se perde no tempo, e um conjunto de casas importantes para a história desta freguesia, são testemunho de uma antiga grandeza que marcou definitivamente a freguesia de Macinhata da Seixa (www.cm-oaz.pt). A localização de Macinhata da Seixa, a meia encosta por entre o arvoredado, facilita a visão das suas paisagens. Esta aldeia era outrora conhecida como a **aldeia das cerejeiras**. Em Maio, ao percorrer os vários lugares de Macinhata da Seixa, podem observar-se os espantalhos do "**Macinhata Espanta**", um evento que nasceu de uma ideia simples e que acabou por se transformar numa construção lógica da identidade macinhatense (www.cm-oaz.pt).

Travanca, com 4,55 km² de área e 1778 habitantes (Censos 2001), é uma freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, atravessada pela EN1, entre Macinhata da Seixa e Pinheiro da Bemposta, na margem esquerda do **rio Antuã**. S. Martinho de Travanca aparece citada num documento de 1104, numa doação ao Mosteiro de Grijó, feita pelos filhos de Soeiro Fromarigues, padroeiro daquele mosteiro. Desde essa data, passou a figurar como priorado de apresentação e padroado de Grijó, cujos priores, com cultura universitária e poderes notariais, influenciaram profundamente a vida económica e social da freguesia e das freguesias vizinhas. O topónimo *Travanca* relaciona-se com a natureza do terreno e função da maioria dos seus moradores que, nos conturbados tempos da Idade Média, exerceram aqui, nos lugares de Besteiros e Clavel, o trabalho de sentinelas e de controlo de mercadorias das Terras de Santa Maria para o sul e vice-versa. No séc. XIII, viveu em Travanca uma família que instituiu aqui a honra de *Baesteyros* (Besteiros), que igualmente possuía propriedades no lugar de Damonde, no qual estavam também incluídos lugares da freguesia vizinha de Palmaz. Esta honra durou até ao séc. XVI, com o título de Quinta, Aio Foral de Angeja e dos seus anexos. **Os rios e os ribeiros desta freguesia**

foram coutadas dos Condes da Feira, dos quais era a mesma freguesia, e assim permaneceram até 1700, data da extinção deste condado, passando depois para a Casa do Infantado que durou até 1834. Travanca dependeu da diocese de Coimbra, foi do julgado de Figueiredo e comarca de Estarreja, quando integrava o município da Bemposta, mas com o desaparecimento deste, em 1855, passou a fazer parte do município de Oliveira de Azeméis (www.cm-oaz.pt).

Do património da freguesia, tem que destacar-se a Capela do Espírito Santo, em Besteiros, a qual conserva o retábulo antigo do Sacramento – o Retábulo do Salvador - em pedra ançã, obra notável do séc. XVI do escultor João de Ruão; a Capela de Nossa Senhora das Flores, situada no alto de um monte, que oferece uma vista panorâmica sobre a Ria de Aveiro e o mar; a Casa da Malaposta; a Casa Solarenga de Besteiros e a Igreja Paroquial (www.oazonline.com). Hoje é uma freguesia com indústria bem desenvolvida, nomeadamente construção civil e lacticínios. Celebram-se nesta freguesia as festas e romarias em honra de Nossa Senhora das Flores, na respectiva capela (1º Domingo de Maio), Espírito Santo (princípios de Junho) e do Padroeiro S. Martinho (meados de Novembro).

Loureiro, com 21 km² de área e 3491 habitantes (Censos 2001), é a maior freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Confina a Norte com São Martinho da Gandara (concelho de Oliveira de Azeméis), a Sul com S. Tiago de Beduído (Estarreja), a nascente com Ul e Travanca (Oliveira de Azeméis) e a poente com Avanca (Estarreja). O **rio Antuã, no seu troço final**, atravessa os limites desta freguesia com Pinheiro da Bemposta, na direcção Este-Sudeste. Foi um simples **curato de Avanca** e como Avanca, por concessão pontifícia a D. Manuel I, foi transformada numa nova comenda da Ordem de Cristo, passou para o novo padroado. Data de 993 a primeira referência histórica a Loureiro, através da venda de uma herdade "*na villa de Loureiro, entre a villa de Tonce e Macieira, perto do Castro Recarei, em território portugalense*". Contudo, a existência jurídica da paróquia só está documentada a partir de 1220, o que não exclui a hipótese de ela ser muito mais antiga. Vem citada numa lista de terras e propriedades de Mosteiros e Ordens da diocese do Porto nas Terras de Santa Maria e diz: "*in freegesia Loureiro habet Templum 1 Casal*", ou seja, "*A Ordem dos Templários tem um casal na freguesia de Loureiro*". Entretanto, no "Livro Preto de Grijó", do séc. XIII, pode ler-se: "*...na aldeia de Loureiro disseram as testemunhas que ouviram dizer a muitos homens novos e vedros (velhos) que a quarta dessa igreja de Loureiro é de El-Rei e que viram pousar Rei Dom Afonso*". Este documento, para além de demonstrar a existência duma sujeição da terra ao poder regalengo, oferece-nos motivos de curiosidade histórica, pelo facto de nele se testemunhar a visita de D. Afonso III à freguesia de Loureiro (www.oazonline.com; www.cm-oaz.pt).

Loureiro é uma freguesia de antigas tradições, das quais se destacam as feiras da Alumieira, na Páscoa. "*Saltar o rego (de água, que servia para o regadio dos campos) é uma expressão bem conhecida, simbolizando as corridas de cavalos e burros realizadas na 2ª feira de Páscoa. Provavelmente, uma*

herança dos árabes que por cá passaram entre os sécs. VIII e X d.C. Nessa feira, vendia-se de tudo, desde animais domésticos a alfaías agrícolas. A atravessar o largo da Alumieira, existia um rego. Antigamente na região eram criados e vendidos muitos cavalos e burros. Então, os vendedores que apareciam na feira, para mostrar se os animais eram bons, galopavam e obrigavam os cavalos a saltar o rego de água. Assim, via-se se eles tinham força nas pernas. As pessoas gostavam de ver; aplaudiam e os compradores faziam as suas escolhas. (...) Hoje, saltar o rego é uma corrida de cavalos ou burros, com concorrentes, eliminatórias, finais e prémios. Corre-se pela vitória, já não se salta para mostrar e vender os equídeos" (www.oazonline.com).

Merecem uma visita as **margens do rio Antuã**, os **moínhos da Minhoteira**, a Capela de Nossa Senhora da Alumieira, a Quinta do Barão, a Quinta de Tonce, que foi honra medieval e vínculo de morgadio (por nela ter vivido o mercador inglês João Dipres e os Almeidas da Cavalaria) e as capelas da Alumieira, da Graciosa e de Tonce (www.oazonline.com; www.cm-oaz.pt). A economia da freguesia baseia-se na agricultura e agropecuária e na indústria da maquinaria agrícola e da panificação. Celebram-se na freguesia as festas e romarias em honra do Padroeiro S. João, no lugar da Igreja (24 de Junho), Santo António e S. Pedro da Graciosa, na capela da Graciosa (29 de Junho), Santa Esperança, na capela da Quintã (1º domingo de Junho).

Pinheiro da Bemposta, com 8,9 km² de área e 3621 habitantes (Censos 2001) é delimitada a Norte por Travanca (concelho de Oliveira de Azeméis), a Sul por Branca (Albergaria-a-Velha), a nascente por Palmaz e a poente por Loureiro (Oliveira de Azeméis) e pela freguesia de Beduído (Estarreja). É essencialmente agrícola, mas com um forte desenvolvimento industrial, nas áreas do calçado e construção civil. É atravessada pelo **rio Antuã**, no sentido N-SO.

Segundo a tradição, a origem etimológica do seu nome provém de um grande pinheiro que existia junto à antiga estrada, no lugar da Areosa, debaixo do qual os passageiros descansavam. O nome Bemposta provém da sua airosa e elevada posição, de onde se abarca larga panorâmica sobre a Ria de Aveiro, desde Ovar até à Serra da Boa Viagem ou ainda até ao mar.

Povoação de remota importância aparece já referida num documento de 1109, em que um padre Rodrigo doou à Sé de Coimbra a quarta parte da vila rústica do Curval, situada entre a Branca e Alviães. Em 1114, no lugar de Figueiredo, os Bispos do Porto e Coimbra reuniram-se para tentar uma reconciliação relativamente às fronteiras das suas dioceses. Contudo, o povoamento de Pinheiro da Bemposta situa-se em épocas bem mais remotas. Existem sólidos argumentos que defendem a existência, aqui, nas margens do rio Antuã, do histórico Mosteiro de Santa Marinha do Antuã, doado por Lucídio Vimaranes ao Mosteiro de Castromire. Por outro lado, a existência dos topónimos "Paço", "Alcance ou Alcouce", e o

facto de Figueiredo ter sido denominado ao longo dos tempos "Figueiredo de Rei", levam a crer que, no tempo da ocupação sarracena, por aqui se fixou figura grada das hostes mouras. O município da Bemposta, de fundação antiquíssima e ao qual o rei D. Manuel dera foral em 1514, foi extinto por decreto de 1855. Foi "um dos mais importantes municípios da comarca da Estremadura", como pode ler-se numa publicação de 1527, estendendo-se pela seguinte área: Pinheiro da Bemposta, Palmaz, Loureiro, Travanca, Macinhata da Seixa e UI (do município de Oliveira de Azeméis), Branca e Ribeira de Fráguas (Albergaria-a-Velha), Fermelã, Canelas, Salreu e Santiais (Estarreja) e Assequins (Águeda) (www.oazonline.com).

O interesse do património construído está no **Cruzeiro do Pinheiro da Bemposta**, a Casa dos Paços do Município e Cadeia e o **Pelourinho manuelino** (Imóvel de Interesse Público, construído em meados do séc. XVI), contíguo à Casa de S. Gonçalo, com capela anexa. A seguir, à esquerda, a Casa da família Côrte-Real e a Casa do Arco também merecem referência, assim como a Fonte da Bemposta (recentemente recuperada), o **Cruzeiro paroquial**, a **Igreja Matriz**, a **capela de Nossa Senhora da Ribeira**, incluindo os seus retábulos e esculturas (Imóvel de Interesse Público), as capelas de S. Silvestre, de S. Sebastião, de Fonte Chãs, de Santo Antão e de S. Luis, os núcleos rurais da Casa do Curval e de Figueiredo, as Quintas do Barral, do Calvário, do Passal e de Vera-Cruz.

Embora já com algumas alterações, o edifício da **Malaposta do Curval**, classificado como Imóvel de Interesse Público, constituiu uma das 32 estações de paragem das diligências que se dirigiam do Porto a Lisboa. Aqui também se trocavam as mulas, que recolhiam nestas instalações para alimentação e descanso (www.oazonline.com). Celebram-se na freguesia as festas e romarias em honra de São Silvestre, na capela do lugar do Curval (mês de Maio), Mártir São Sebastião, na capela da Bemposta (mês de Junho) e S. Luis (Rei de França), na capela do lugar de Figueiredo (último domingo de Agosto), o padroeiro S. Paio (Julho) e Nossa Senhora da Ribeira, na capela com o mesmo nome (2º fim de semana de Maio).

Para além dos concelhos de Arouca, São João da Madeira e Oliveira de Azeméis, o rio Antuã atravessa, no seu troço mais a jusante, o concelho de **Estarreja** (freguesias de **Beduído**, **Estarreja** e **Salreu**), antes de desaguar no rio Vouga. Dado o âmbito geográfico da Grande Área Metropolitana do Porto, excluem-se estes concelhos e freguesias de uma análise pormenorizada.

Bibliografia

Associação Cegonha: www.ieeta.pt/~mos/cegonha/index.html

Autoridade Florestal Nacional: www.afn.min-agricultura.pt

Blog UI Soul: www.ul-soul.blogspot.com

Câmara Municipal de Arouca: www.cm-arouca.pt

Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis: www.cm-oaz.pt

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira: www.cm-feira.pt

Câmara Municipal de São João da Madeira: www.cm-sjm.pt

Clube Ornitológico do Antuã: www.coantua.com

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN): www.monumentos.pt

Fundação la Salette: www.lasalette.pt

Instituto Nacional da Água: www.inag.pt

Instituto Português do Património Arquitectónico: www.ippar.pt

Jornal de Notícias: jn.sapo.pt

Jornal O Diário de Aveiro: www.diarioaveiro.pt

Jornal O Regional: www.oregional.pt

Junta de Freguesia de Carregosa: www.jf-carregosa.pt

Junta de Freguesia de Cucujães: jf-cucujaes.sitesedv.com

Junta de Freguesia de Escariz: escariz.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Fajões: www.f-fajoes.pt

Junta de Freguesia de Loureiro: www.junta-freg-loureiro.com

Junta de Freguesia de Pinheiro da Bemposta: www.pbemposta.ptwebsite.com

Junta de Freguesia de Romariz: www.jf-romariz.pt

Junta de Freguesia de São João da Madeira: www.fsjm.pt

Junta de Freguesia de Travanca: www.jf-travanca.pt

Junta de Freguesia de Vila Chã de São Roque: www.jf-vsroque.pt

LoureirOnline: www.loureironline.pt

Moinhos de Portugal no Sapo: moinhosdeportugal.no.sapo.pt

O Cucujanense: www.ocucujanense.com

Portal Aroucanet: arouca.aroucanet.com

Portal Oliveira de Azeméis Online: www.oaonline.com

Portal Webrails – Na senda do Caminho-de-Ferro: www.webrails.tv

Rede de Moinhos de Portugal: www.moinhosdeportugal.org

TSF: tsf.sapo.pt

Vias Romanas em Portugal: viasromanas.planetaclix.pt

ARÊDE, João Domingues (1944); Identificação do Rio Antuã e do seu afluente Rio Ul : via militar romana com suas pontes entre Eminio (Coimbra) e Cale (Gaia, Porto primitivo) e sua ligação com os castros dentro da mesma zona; Of. gráf. de Coimbra Editora, Aveiro, pp. 30.

CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS (2008); Percurso Ambiental e de Lazer; Relatório de Maio de 2008, Plano Director Municipal de Oliveira de Azeméis.

COSTA, Levi Moreira da (1997); Memória de Tempos Idos: subsídio para a história de São João da Madeira e da sua região; 2ª edição, São João da Madeira.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GÚLBENKIAN (1987); Guia de Portugal; Lisboa.

LEAL, A. Pinho (1875); Portugal Antigo e Moderno: Dicionário - 1.ª edição, Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, vol. I e X.

SILVA, F. Ferreira da (1948); Qual dos rios banha Cucujães, o rio Antuã ou o rio Úl?; Coimbra Editora, Coimbra., pp. 16.

SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Catarina Sofia (textos); VEIGA, Fernando Mendes (2000); Feira: Terras de Santa Maria; Anégia Editores, Paços de Ferreira, pp. 159.